



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

GUSTAVO AMARAL COIMBRA

GOVERNO DAS CONDUTAS E JOGO DE FORÇAS NOS PROCESSOS DE
OBJETIVAÇÃO DE ATLETAS NEGROS:
UMA ANÁLISE ARQUEOGENEALÓGICA DA EMERGÊNCIA E PERMANÊNCIA
DO RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO

CATALÃO (GO)

2024

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA)
TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA
DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO (UFCAT)

NA QUALIDADE DE TITULAR DOS DIREITOS DE AUTOR, AUTORIZO A UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO (UFCAT) A DISPONIBILIZAR, GRATUITAMENTE, POR MEIO DA BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/UFCAT), SEM RESSARCIMENTO DOS DIREITOS AUTORAIS, DE ACORDO COM A LEI 9.610/98, O DOCUMENTO CONFORME PERMISSÕES ASSINALADAS ABAIXO, PARA FINS DE LEITURA, IMPRESSÃO E/OU DOWNLOAD, A TÍTULO DE DIVULGAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA, A PARTIR DESTA DATA.

O CONTEÚDO DAS TESES E DISSERTAÇÕES DISPONIBILIZADO NA BDTD/UFCAT É DE RESPONSABILIDADE EXCLUSIVA DO AUTOR. AO ENCAMINHAR O PRODUTO FINAL, O(A) AUTOR(A) E O(A) ORIENTADOR(A) AO ENCAMINHAR O PRODUTO FINAL, O AUTOR(A) E O(A) ORIENTADOR(A) FIRMAM O COMPROMISSO DE QUE O TRABALHO NÃO CONTÉM NENHUMA VIOLAÇÃO DE QUAISQUER DIREITOS AUTORAIS OU OUTRO DIREITO DE TERCEIROS.

1. IDENTIFICAÇÃO DO MATERIAL BIBLIOGRÁFICO
DISSERTAÇÃO

2. NOME COMPLETO DO AUTOR:
GUSTAVO AMARAL COIMBRA

3. TÍTULO DO TRABALHO
GOVERNO DAS CONDUTAS E JOGO DE FORÇAS NOS PROCESSOS DE OBJETIVAÇÃO DE ATLETAS
NEGROS: UMA ANÁLISE ARQUEOGENEALÓGICA DA EMERGÊNCIA E PERMANÊNCIA DO RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO

4. INFORMAÇÕES DE ACESSO AO DOCUMENTO (ESTE CAMPO DEVE SER PREENCHIDO PELO ORIENTADOR)

CONCORDA COM A LIBERAÇÃO TOTAL DO DOCUMENTO: [X] SIM [] NÃO

[1] NESTE CASO O DOCUMENTO SERÁ EMBARGADO POR ATÉ UM ANO A PARTIR DA DATA DE

DEFESA. APÓS ESSE PERÍODO, A POSSÍVEL DISPONIBILIZAÇÃO OCORRERÁ APENAS MEDIANTE:

A) CONSULTA AO(A) AUTOR(A) E AO(A) ORIENTADOR(A);


B) NOVO TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) ASSINADO E INSERIDO NO ARQUIVO DA


TESE OU DISSERTAÇÃO.

O DOCUMENTO NÃO SERÁ DISPONIBILIZADO DURANTE O PERÍODO DE EMBARGO.

CASOS DE EMBARGO:

- SOLICITAÇÃO DE REGISTRO DE PATENTE;
- SUBMISSÃO DE ARTIGO EM REVISTA CIENTÍFICA;
- PUBLICAÇÃO COMO CAPÍTULO DE LIVRO;
- PUBLICAÇÃO DA DISSERTAÇÃO/TESE EM LIVRO.

Documento assinado digitalmente
 KATIA MENEZES DE SOUSA
Data: 30/08/2024 10:37:42-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Documento assinado digitalmente
 GUSTAVO AMARAL COIMBRA
Data: 25/09/2024 14:36:22-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

GUSTAVO AMARAL COIMBRA

GOVERNO DAS CONDUTAS E JOGO DE FORÇAS NOS PROCESSOS DE
OBJETIVAÇÃO DE ATLETAS NEGROS:
UMA ANÁLISE ARQUEOGENEALÓGICA DA EMERGÊNCIA E PERMANÊNCIA DO
RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Área de concentração: Linguagem, Cultura e Identidade.

Linha de Pesquisa: Discurso, Sujeito e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Kátia Menezes de Sousa

CATALÃO (GO)

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFCAT.

Coimbra, Gustavo Amaral
GOVERNO DAS CONDUTAS E JOGO DE FORÇAS NOS
PROCESSOS DE OBJETIVAÇÃO DE ATLETAS NEGROS: : UMA
ANÁLISE ARQUEOGENEALÓGICA DA EMERGÊNCIA E
PERMANÊNCIA DO RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO / Gustavo
Amaral Coimbra. - 2024.
132, CXXXII f.

Orientador: Prof. Kátia Menezes de Sousa.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Catalão, Instituto
de Estudos da Linguagem, Catalão, Programa de Pós-Graduação em
Estudos da Linguagem, Catalão, 2024.

1. Objetivação. 2. Subjetividade. 3. Racismo. 4. Futebol. I. de
Sousa, Kátia Menezes, orient. II. Título.

CDU 82

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 28/2024 da sessão de Defesa de Dissertação de Mestrado, que confere o título de Mestre em Estudos da Linguagem, na área de concentração Linguagem, Cultura e Identidade.


Aos trinta dias do mês de agosto de dois mil e vinte e quatro, a partir das oito e trinta horas, via Videoconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada "**Governo das condutas e jogo de forças nos processos de objetivação de atletas negros: uma análise arqueogenalógica da emergência e permanência do racismo no futebol brasileiro**", de autoria do mestrando **Gustavo Amaral Coimbra**, matrícula **2022100103**. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, **Professora Doutora Kátia Menezes de Sousa (PPGEL/UFCAT)**, com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Prof. Dr. Antônio Fernandes Júnior (PPGEL/UFCAT)**, membro titular interno, e **Profa. Dra. Amanda Batista Braga (PPGL/UFPB)**, membra titular externa. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato (X) Aprovado () Reprovado por seus membros. Proclamados os resultados pela Profa. Dra. Kátia Menezes de Sousa, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata, que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos trinta dias do mês de agosto de dois mil e vinte e quatro.


Observações:


Banca Examinadora de Qualificação/Defesa Pública de Dissertação/Tese realizada em conformidade com a Portaria da CAPES n. 36, de 19 de março de 2020, de acordo com seu segundo artigo:

Art. 2º A suspensão de que trata esta Portaria não afasta a possibilidade de defesas de tese utilizando tecnologias de comunicação à distância, quando admissíveis pelo programa de pós-graduação stricto sensu, nos termos da regulamentação do Ministério da Educação.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA:

Documento assinado digitalmente
 **KATIA MENEZES DE SOUSA**
Data: 30/08/2024 10:27:16-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
 **AMANDA BATISTA BRAGA**
Data: 30/08/2024 10:37:15-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
 **ANTONIO FERNANDES JUNIOR**
Data: 11/09/2024 15:32:03-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dedico este trabalho a todos os atletas negros e demais pessoas que se engajam nas lutas antirracistas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois a espiritualidade foi um importante elemento durante o processo de estudo e produção deste trabalho.

Aos meus pais, Sebastião Lucas José Coimbra e Joania Silva Amaral, por todo cuidado a mim dedicado e pelos ensinamentos compartilhados.

Aos meus irmãos e demais familiares próximos, sobretudo à minha irmã Anna Beatriz Amaral Coimbra, pelo companheirismo e pelos simples gestos de dedicação e carinho que muito me inspiraram e ajudaram, principalmente na fase final da escrita deste texto.

Aos meus amigos Anna Clara Cavalcante, Lucas Silvério e Sabrina de Moura, que me proporcionam carinho, apoio e alegria até mesmo nos momentos mais delicados e tristes de minha vida.

Aos companheiros de estudo, Júlio César Albuquerque e Yure Viana, por todas as experiências e conhecimentos compartilhados sobretudo nos últimos meses.

À orientadora deste trabalho, Dra. Kátia Menezes de Sousa, com quem muito aprendi durante a realização deste trabalho. Agradeço por me ensinar, por meio de atitudes, virtudes humanas e profissionais que replico em minhas relações pessoais e pedagógicas.

À psicóloga Daniela Monteiro e à médica Maria Anita Silva, por exercerem suas profissões com excelência, zelo e dedicação, possibilitando que eu estivesse em melhores condições para concluir este estudo.

Aos professores que, em algum momento, contribuíram para minha formação enquanto docente e pesquisador, sobretudo aos meus orientadores na graduação no curso de Letras da Universidade Federal de Catalão.

À professora Dra. Amanda Batista Braga e ao professor Antônio Fernandes Júnior por todas as contribuições dadas a este trabalho desde o projeto à sua concretização.

Aos futebolistas brasileiros negros que exaustivamente lutam contra o racismo e contribuem para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária, atitudes desta natureza motivaram a execução desta pesquisa.

Resumo

Este trabalho propõe uma análise discursiva e a descrição dos saberes e relações de poder que envolvem a participação do atleta negro brasileiro no futebol, problematizando como são constituídos os sujeitos. O objetivo principal é investigar os enunciados racistas e suas condições de emergência, identificando os processos de objetivação e subjetivação dos jogadores negros. Busca também visualizar as condições de aparecimento desses enunciados e o arquivo que possibilita a materialização desses discursos. Para isso, a pesquisa utiliza ferramentas arqueogenealógicas de Michel Foucault para descrever e entender as práticas discursivas que operam sobre os futebolistas brasileiros negros e influenciam suas condutas. As análises permitem compreender como o poder se exerce sobre os excluídos para mantê-los em inferioridade, e como o futebol, um espaço historicamente marcado pela exclusão racial, ainda é permeado por práticas racistas. Finalmente, a dissertação conclui que as análises realizadas evidenciam as relações de poder e resistência, ressaltando a importância de uma reflexão crítica contínua sobre os saberes discursivos que moldam a participação dos atletas negros no futebol.

Palavras-chave: Objetivação; Subjetividade; Racismo; Futebol.

Abstract

This work proposes a discursive analysis of the discursive practices, and a description of the knowledge and power relations related to the participation of Brazilian black athletes in football, problematizing the ways in which subjects are constituted. Thus, the main objective of this study is to problematize racist statements and their conditions of emergence, identifying the processes of objectification and subjectification of black players. It also seeks to visualize the conditions of appearance and the archive that enable the materialization of these discourses. The research employs the archeo-genealogical tools of Michel Foucault to describe and understand the discursive practices that operate on black Brazilian football players and act in the governance of their conducts. The analyses provide insights into how power is exercised over marginalized subjects to maintain their inferiority, and how football, a space that has historically excluded black men, is still marked by racist practices. The dissertation concludes by demonstrating that the conducted analyses made it possible to visualize power and resistance relations, highlighting the need for continuous critical reflection on the discursive knowledge that shapes the participation of black athletes in football.

Keywords: Objectification; Subject; Racism; Football.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	13
CAPÍTULO I - A desumanização e a inferiorização na objetivação do atleta negro brasileiro.....	20
1.1 Discurso, poder e objetivação: uma breve discussão teórica.....	21
1.2 A objetivação do futebolista negro brasileiro nos discursos racistas, de inferiorização e desumanização: a manutenção da subserviência.....	39
1.3 Negritude, branquitude e racismo: o dispositivo de racialidade no futebol.....	45
CAPÍTULO II - Formas de dizibilidade, conservação e memória – Por que isso pode ser dito?.....	60
2.1 O A priori histórico, o arquivo e as formas de dizibilidade.....	62
2.2 A animalização dos futebolistas brasileiros negros: por que isso pode ser dito?.....	71
2.2.1 – O macaco como a representação do Outro e a afirmação do Ser.....	71
2.3 Arquivo e memória dos discursos de incivilidade, infantilização e primitividade do homem negro.....	80
2.3.1 As práticas de incivilidade e infantilização do futebolista brasileiro negro – conservação e memória.....	81
2.3.2 – As práticas discursivas de primitividade do futebolista brasileiro negro.....	90
CAPÍTULO III- Reativação e reapropriação dos discursos racistas que objetivam o futebolista negro na atualidade.....	95
3.1 – O sujeito futebolista negro e o neoliberalismo - a exclusão por uma nova lógica.....	96
3.2 - Emoções em discurso no neoliberalismo.....	109
3.2.1 O ressentimento nos discursos racistas de objetivação do futebolista brasileiro negro.....	113
3.2.2 As emoções em discursos de resistência.....	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
Referências.....	131

Tal posição de objetificação que comumente ocupamos, esse lugar da “Outridade” não indica, como se acredita, uma falta de resistência ou interesse, mas sim a falta de acesso à representação, sofrida pela comunidade *negra* (Kilomba, 2019, p. 51).

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O futebol é um elemento presente em minha vida desde a infância, participando, assim, de minha constituição enquanto sujeito. Logo em meu primeiro ano de vida, recebi de meu pai, diferentes modelos de camisas do seu time de coração, para o qual também passei a torcer. Sempre estava com ele enquanto assistia aos jogos em que o Clube Atlético Mineiro disputava. Ao acompanhar os jogos e os programas televisivos que debatiam os principais acontecimentos do futebol, estive em contato com diferentes saberes normatizados, que operam nos modos de ser, pensar e agir dos fãs do esporte.

Conforme crescia, diversos acontecimentos futebolísticos eram marcados em minha memória, e alguns causavam incômodos que, por ser ainda uma criança, não poderiam ser expressos, ou abordados por meio de uma reflexão crítica. Lembro-me, por exemplo, de ouvir, repetidamente, os torcedores do Cruzeiro Esporte Clube¹ dizendo que os atleticanos², como eu, eram “cachorros achados no mato”, fazendo referência às iniciais do nome da instituição. De maneira semelhante, também me recordo das ofensas dirigidas aos cruzeirenses³, como o apelido “Maria”, expressão homofóbica e machista. Já na adolescência, comecei a questionar se tais embates se restringiam apenas ao campo esportivo, da provocação “saudável”, ou se tratavam da reprodução de comportamentos sociais.

Enquanto cursava Letras, pela Universidade Federal de Catalão (UFCAT), realizei uma atividade, na disciplina de Análise da Enunciação, em que tomei como objeto de análise um enunciado retirado de uma publicação⁴ do perfil do programa de sócio torcedores do Fluminense *Football Club*. Na publicação, uma charge representava a torcida da equipe referida localizada em um lado nobre da cidade, torcendo de forma educada, vestindo roupas consideradas “nobres” por grande parte da sociedade e, de outro lado, os torcedores do Clube de Regatas do Flamengo, negros, sem camisa, com armas nas mãos, reproduzindo gestos obscenos e arremessando pedras, além de o céu, desse lado, ser escuro e tomado por urubus. Adianto que este enunciado também será mobilizado nas análises realizadas neste trabalho.

Com essa atividade, pude, pela primeira vez, expressar alguns dos questionamentos que me incomodavam havia alguns anos e, principalmente, conhecer ferramentas metodológicas que me auxiliassem na realização de uma pesquisa científica que surgisse como respostas a tais inquietações. Sendo o futebol um importante elemento cultural, social e “até” econômico na

¹ Instituição esportiva sediada em Belo Horizonte e, por isso, rivaliza com o Clube Atlético Mineiro nos campeonatos de futebol.

² Adjetivo dado aos torcedores do Clube Atlético Mineiro.

³ Adjetivo dado aos torcedores do Cruzeiro Esporte Clube.

⁴ A publicação apresentava uma charge de teor racista e foi excluída pelo clube, contudo, pode ser vista na matéria do Observatório da Discriminação Racial no Futebol: <[Charge racista da torcida do Fluminense causa revolta nas redes sociais \(observatorioracialfutebol.com.br\)](http://observatorioracialfutebol.com.br)>

sociedade brasileira, é importante nos atentarmos aos modos como ele participa da constituição da subjetividade de diversos sujeitos.

Após isso, segui assistindo aos jogos e observando diversas recorrências de acontecimentos de violência e preconceito relacionados ao futebol. Para além disso, intrigam-me as reações e os debates gerados a partir desses fatos. Causa-me grande incômodo observar o aumento dos índices que registram a recorrência de crimes racistas no futebol brasileiro e mundial. Isso é perceptível ao observar os dados do Relatório Anual de Discriminação no Brasil⁵ de 2022, que evidencia o crescimento do número de casos de injúria racial nos estádios. Até agosto daquele ano já haviam sido contabilizados sessenta e quatro casos denunciados, mesma quantidade registrada durante todo o ano de 2021.

Ademais, noto, também, problemas estruturais que se relacionam a questões históricas, sociais e culturais, que serão arroladas neste trabalho. De antemão, exemplifico tais questões com o baixo índice de goleiros negros titulares de equipes campeãs do Campeonato Brasileiro de Futebol. Segundo dados do Observatório Racial do Futebol⁶, até 2021, entre as sessenta e três edições do torneio, apenas quatorze goleiros titulares do time vencedor eram negros. Tal acontecimento recupera os discursos racistas produzidos em relação ao goleiro Barbosa após perder a Copa do Mundo em 1950⁷. Outro problema de mesma ordem é a elitização do futebol, após as reformas dos principais estádios do país, como Mineirão e Maracanã, para o campeonato mundial de 2014, o acesso às arquibancadas foi restringido com o aumento dos valores cobrados pelos ingressos. Isso dificulta que pessoas com baixa renda frequentem estes ambientes.

Diante do exposto, destaco que o problema que motiva esta pesquisa é a permanência e o aumento da ocorrência de práticas racistas no futebol brasileiro, além da ausência de medidas eficientes para o combate dessas ações. Ao observar as mazelas sociais e esportivas, constato a recorrência de práticas discursivas que contribuem para a exclusão, a inferiorização e o silenciamento dos atletas negros. Deste modo, tornam-se visíveis, também, outras questões que emergem na problematização deste estudo. Há desde questões estruturais de organização do esporte até elementos próprios do relacionamento pessoal entre atletas, dirigentes, torcida, imprensa e comissão técnica, por exemplo.

A primeira questão observada é a animalização dos sujeitos negros, prática que não se restringe somente aos estádios, porém, é muito comum que comportamentos como estes sejam

⁵ O Relatório Anual de Discriminação no Brasil é um estudo produzido pelo Observatório Racial do Brasil e relaciona os casos de discriminação de diferentes ordens acontecidos no Brasil. A última versão deste documento foi apresentada no Seminário de Combate ao Racismo e à Violência no Futebol, que ocorreu no dia 24 de agosto de 2022.

⁶ Observatório Racial do Futebol é uma instituição que se dedica aos estudos de questões raciais no futebol e à luta pelos direitos dos atletas negros

⁷ A Copa do Mundo de 1950, sediada pelo Brasil, é considerada um dos maiores fracassos esportivos da seleção brasileira de futebol, contudo, muitos culpam apenas os atletas negros pela derrota na partida final do campeonato, em especial, o goleiro Barbosa.

visualizados nas arquibancadas e nos gramados de futebol. Afastar negros do reconhecimento de sua condição humana é estratégia utilizada desde a colonização do Brasil, visto que os colonizadores justificavam suas condutas ao associá-los a animais, monstros ou pessoas sem alma (Du Bois, 2021). Entre os muitos acontecimentos desta ordem, exemplifico com o caso do ex-goleiro Aranha, chamado de macaco por torcedores em 2014 durante uma partida entre Santos Futebol Clube e Grêmio Foot-Ball Porto Alegre⁸.

Além disso, alguns torcedores fizeram gestos que representam o animal citado. Em entrevista ao programa televisivo Estação Livre, da TV Cultura, em 2021⁹, o ex-atleta revelou que, após as injúrias raciais transmitidas por diversos canais de mídia, muitas pessoas não o viram mais como goleiro, pois tornou-se estigmatizado como jogador chamado de macaco. Ainda em relação à animalização, enfatizo que, por meio dela, são reforçados saberes que reduzem os atletas negros à força física, como se não possuíssem, além dela, habilidade e conhecimento para praticar o esporte ou exercerem atividades intelectuais.

O racismo pode ser visualizado também na recorrência de práticas discursivas que objetivam os atletas negros como sujeitos infantilizados e inferiores aos demais, reforçando, no imaginário social, que estas pessoas são incapazes de desempenhar determinadas funções e de ocupar posições de visibilidade. Dessa forma, é prática comum de grande parte do público do futebol usar termos pejorativos no diminutivo, como “negrinho” ou “crioulinho”, e enunciar que os jogadores negros não possuem conhecimento escolar ou de sobrevivência no mundo. Assim, constantemente, os fracassos esportivos destes atletas são associados à falta de instrução e de sabedoria para lidar com os benefícios que o seu trabalho lhes proporciona.

Há, ainda, práticas de embranquecimento aliadas ao silenciamento dos atletas negros no futebol diante das questões raciais. Dessa forma, a maquinaria permite que alguns destes sujeitos tenham acesso a benefícios pouco alcançados pelos demais negros, produzindo discursos de oposição àqueles que denunciam a exclusão racial. Assim, o próprio excluído passa a reproduzir discursos de discriminação, embora não possa ocupar a posição sujeito desses enunciados, não usam a visibilidade possuída para engajar-se nas lutas antirracistas.

Outro efeito de poder que está presente nas relações entre estes sujeitos é o ressentimento de grande parte das pessoas brancas ao verem negros em posição de visibilidade, recebendo bons salários e ocupando espaços de destaque na sociedade. Isto, pois, acreditam que os afrodescendentes devem estar sempre em posição de subserviência aos demais. No início da prática futebolística, os negros não eram remunerados e só puderam participar das equipes porque foram considerados úteis para que os times pudessem competir no melhor nível. Eram vistos como fortes e velozes, mas

⁸ Mais informações sobre o caso podem ser encontradas em: [Aranha é chamado de 'macaco' por torcida do Grêmio - ESPN](#)

⁹ A entrevista pode ser encontrada em: <https://youtu.be/hwnZBkq8YZY>

tratados apenas como ferramentas necessárias para alcançarem o sucesso do time, não podendo desfrutar dos benefícios dados aos atletas da época.

Além disso, é possível observar a exclusão de milhões de sujeitos negros que são enganados desde a infância com a falsa esperança de que a única forma de sucesso de vida que possuem é serem jogadores de futebol, sendo submetidos a diversas situações degradantes, como as precárias condições de vida nas categorias de base dos clubes de futebol. Ao mesmo tempo, direitos fundamentais, como acesso à educação de qualidade, lhes são negados.

Por outro lado, com a popularização do futebol e o crescimento do debate sobre questões raciais no Brasil nos últimos anos, muitos sujeitos se tornaram mais conscientes de suas existências e da importância de assumir um lugar nas lutas de combate ao racismo. Atletas que usam a posição de visibilidade midiática que possuem para denunciar atos discriminatórios e exaltar a cultura afro-brasileira são importantes para a invenção de estratégias de resistência. Exemplifica-se com o fato ocorrido após o jogador do Goiás, Felipe Bastos, denunciar a ofensa racista sofrida durante a partida contra o Atlético Goianiense, e uma criança, ao assistir uma reportagem sobre o acontecimento, relatar ao pai que havia sido vítima de injúria racial na escola¹⁰.

Diante de tais colocações, penso na hipótese de as relações de poder, que se exercem entre os sujeitos atletas negros e os brancos que praticam, comandam e consomem o futebol profissional no Brasil, favorecerem a manutenção do preconceito e da exclusão racial no país, objetivando e subjetivando, pelas práticas discursivas discriminatórias, os negros como sujeitos inferiores. De tal modo, os negros continuam reduzidos à condição de mercadoria e objeto ao serem apenas tolerados nos ambientes esportivos enquanto alcançam os resultados esperados nas práticas futebolísticas. O não cumprimento de suas funções de trabalho torna-se uma pretensa justificativa para ataques à sua condição humana e, conseqüentemente, à sua exclusão. Além disso, poucos negros ocupam cargos diretivos nos clubes, o que reforça as posições hierárquicas estabelecidas por muitos anos no Brasil.

As relações firmadas entre estes sujeitos neste espaço específico produzem efeitos de verdade que são enraizados em toda a sociedade. Neste contexto, este trabalho se justifica pela necessidade de analisar o funcionamento dos enunciados racistas que emergem no âmbito do futebol, em estádios, perfis de redes sociais e nos centros de treinamento, por exemplo. Esta importância se dá por ser o futebol apenas um recorte que demonstra uma sociedade racista, estruturada sobre o trabalho e exploração de negros. Ademais, o futebol é um elemento cultural da sociedade brasileira, assim, torna-se relevante compreender como as relações de poder existentes entre os sujeitos inscritos nesse espaço atuam na produção dos discursos racistas e na formação da subjetividade dos atletas negros.

¹⁰ O fato foi noticiado por Vanessa Martins no portal de notícias G1 em matéria intitulada: “Após jogador denunciar que foi chamado de 'macaco', criança revela ao pai que também foi alvo de injúria: 'Também passei por isso’”.

Além disso, por ser um fã de futebol, acredito ser extremamente necessário problematizar os discursos que emergem nesse meio a respeito dos atletas negros, pois esta modalidade esportiva atua como formadora do imaginário brasileiro. Também, é preciso analisar a importância do futebol na produção de discursos de resistência para a comunidade afro-brasileira a partir da visibilidade conquistada nos últimos anos, principalmente com a recente abertura para debates acerca do tema.

A relevância do tema para o Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL/ UFCAT) dá-se por articular os três pontos descritos na linha de pesquisa em que se insere: discurso, sujeito e sociedade, pois, ao analisar os discursos racistas que emergem no âmbito do futebol nacional, observarei os processos de produção de subjetividade do sujeito atleta negro e os focos de poder presentes na sociedade. O trabalho será desenvolvido a partir de um fator intimamente relacionado à cultura brasileira. Além disso, não há trabalhos em análise do discurso que se dediquem ao estudo da formação da subjetividade dos atletas negros no futebol brasileiro.

O objetivo geral deste estudo é problematizar as práticas discursivas que envolvem a participação do homem negro brasileiro no futebol, considerando as relações de poder e saber, principalmente, no que tange à produção das subjetividades.

Além disso, a pesquisa traçou como objetivos específicos:

1. Analisar os processos de produção de subjetividade dos sujeitos atletas negros dentro de uma formação discursiva racista;
2. Identificar as formas de dizibilidade, conservação e memória das práticas discursivas racistas que objetivam os futebolistas brasileiros negros;
3. Constatar os modos de apropriação e reativação dos enunciados racistas que objetivam o homem negro no futebol.
4. Descrever a rede enunciativa presente nos enunciados analisados neste trabalho.

Para tanto, utilizarei como base teórica e metodológica os conceitos de Análise do Discurso formulados, principalmente, por Michel Foucault em seu método arquegenealógico, que consiste no estudo das relações de saber e poder. Portanto, analisarei as relações de poder exercidas pelos sujeitos e os saberes que atuam na formação da subjetividade dos jogadores negros, a partir dos processos de subjetivação e objetivação efetivados no esporte por meio dos discursos racistas.

As problematizações pautadas nos estudos discursivos foucaultianos permitirão seguir um trajeto metodológico, uma vez que observarei os acontecimentos discursivos sobre futebol e negritude no Brasil e selecionarei enunciados que possibilitam a compreensão do funcionamento das práticas discursivas racistas e das relações de poder e saber presentes neste campo discursivo. Desse modo, o *corpus* de análise deste trabalho será delimitado primeiramente por meio de

pesquisas que mostrarão acontecimentos discursivos racistas no futebol e, após isso, por meio das regularidades discursivas que serão identificadas e apontarão para outros enunciados. Após isso, formularei séries enunciativas para visualizar as regularidades na rede dispersiva de enunciados e entender quais efeitos discursivos são produzidos e como eles determinam a formação de subjetividades. Dessa forma, espero descrever os modos de constituição de subjetividade para os sujeitos negros atletas de futebol no Brasil.

Para realizar as investigações propostas, esta dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro, intitulado *A desumanização e a inferiorização na objetivação do atleta negro brasileiro*, apresenta uma reflexão teórica inicial, na qual discorro sobre as principais noções arroladas por Foucault nos eixos arqueológicos e genealógicos. Abordarei, assim, conceitos como discurso, enunciado, função enunciativa, formação discursiva, poder, resistência e os processos de subjetivação e objetivação. Além das discussões teóricas, serão realizadas também análises discursivas em que serão mobilizadas as ferramentas metodológicas arroladas no capítulo. Portanto, todos os capítulos apresentarão debates teóricos e exercícios analíticos.

Além disso, nesse capítulo, recorro aos estudos de Sueli Carneiro¹¹ (2023), Grada Kilomba (2019), Du Bois (2019) e outros para desenvolver uma discussão acerca das questões de negritude, branquitude e racismo, que são de extrema importância para a compreensão das análises realizadas nos capítulos seguintes. Contudo, também, no capítulo inicial, realizo algumas análises mais gerais, a fim de investigar e compreender os modos pelos quais se organizam e se exercem as relações de poder e as práticas de resistência nos meios em que estão inseridos os sujeitos atletas brasileiros negros e aqueles que são constituídos nas práticas discursivas racistas.

No segundo capítulo, intitulado *Formas de dizibilidade, conservação e memória – Por que isso pode ser dito?*, mobilizo os procedimentos teóricos e analíticos com o objetivo de questionar sob quais condições historicamente definidas um enunciado racista pode aparecer, ser modificado, transformado e conservado. Para este capítulo, os pressupostos teóricos apresentados anteriormente serão de singular relevância. Minha expectativa é a de que possa observar a dispersão dos enunciados que se relacionam no interior de um mesmo sistema de formação e, assim, constatar quais são as regularidades visíveis, ou não, em tais práticas discursivas. Além disso, descrever o arquivo que possibilita a materialização, manutenção e circulação desses discursos.

O terceiro capítulo *Reativação e apropriação dos enunciados racistas no futebol* é dedicado a análises em que será possível constatar sob quais condições um enunciado é recuperado e pode reaparecer. Além disso, neste capítulo adentro o campo das emoções para investigar a recorrência do ressentimento manifestado pelos sujeitos racistas em relação aos atletas negros, ao tentarem

¹¹ Sueli Carneiro é uma filósofa contemporânea brasileira que, na referida obra, utiliza-se dos estudos de Michel Foucault para descrever o dispositivo de racialidade na sociedade brasileira, isso justifica sua escolha para compor a base teórica desta pesquisa.

reduzi-los e inferiorizá-los por meio de práticas discursivas de exclusão racial. Também averíguo quais discursos se associam às práticas racistas na constituição dos enunciados que animalizam, inferiorizam, incivilizam e primitivizam os atletas brasileiros negros no futebol.

CAPÍTULO I

1 A desumanização e a inferiorização na objetivação do atleta negro brasileiro

Como explicitado na apresentação do presente trabalho, o futebol é um importante elemento cultural que participa da composição da subjetividade de diversos sujeitos na sociedade brasileira. Nesse contexto, os saberes produzidos e cristalizados a partir dos enunciados que emergem nos ambientes futebolísticos geram efeitos de verdade que são retomados, demarcados em espaço e tempo, através de diversas gerações de pessoas, objetivando sujeitos que podem se reconhecer ou não como pertencentes a determinados espaços e discursos.

Dessa forma, compreendo que os discursos produzidos em conformidade a fatores sócio-históricos e culturais indicam que determinados atletas sejam marcados de diferentes formas dentro do esporte, seja por sua classe social originária, por etnia ou porte físico, por exemplo. Em relação ao atleta negro no futebol, há a produção de diversos discursos de exclusão, que os objetivam como sujeitos inferiores em relação aos outros esportistas e demais pessoas brancas que, de alguma forma, participam do referido esporte. Enunciados que emergiram no início do século XX, como a alcunha de “time pequeno” dada às equipes formadas por negros e trabalhadores de fábrica, ilustram o que foi anteriormente exposto.

Tendo em vista os parágrafos anteriores, este capítulo, ao passo em que apresenta as reflexões teóricas primordiais para o desenvolvimento do trabalho, apresentará análises discursivas a fim de verificar e compreender a emergência de enunciados que compõem discursos de desumanização e inferiorização do atleta negro de futebol. Para a melhor execução da proposta, este capítulo será dividido em quatro seções, nas quais arrolarei discussões teóricas e efetuari as análises preliminares de demonstração do problema.

A primeira dessas seções é intitulada “Discurso, poder e objetivação: uma breve discussão teórica”, em que são abordadas algumas das noções desenvolvidas por Michel Foucault. Nesta discussão, apresento os conceitos basilares para a compreensão de discurso, enunciado e seu primado, conforme os estudos discursivos foucaultianos. Em seguida, realizo discussões acerca das noções de poder e resistência, segundo Michel Foucault. Além disso, serão apresentadas análises mais gerais que permitam observar o funcionamento dessas relações nas quais estão em embate os sujeitos negros e os que praticam racismo no futebol.

Já na seção “A objetivação do futebolista negro brasileiro nos discursos racistas, de inferiorização e desumanização: a manutenção da subserviência” discuto o conceito de objetivação do sujeito e realizo análises de enunciados para verificar a quais posições os atletas negros são discursivamente remetidos. Por fim, a sessão “Negritude, branquitude e racismo: o dispositivo de

racialidade no futebol”, toma como base estudos de autores negros, para uma discussão acerca de pensamentos sobre negritude, branquitude e racismo, como forma de atingir uma melhor compreensão das relações de poder que possibilitam o aparecimento dos enunciados racistas.

Dessa forma, neste capítulo, as análises discursivas buscam uma forma de visualizar o que Michel Foucault (2009) denomina como a “história crítica do presente”. Para compreensão do discurso e do funcionamento das relações de poder e saber, outras reflexões teóricas também são utilizadas, tais como as de Deleuze (2020) e Courtine (2014). As discussões que aqui são realizadas, servirão como base teórica para a constituição dos capítulos seguintes. Além disso, darão sustentação à discussão os estudos de diferentes autores(as) negros(as) que tecem reflexões sobre as relações sociais existentes entre os sujeitos brancos e os negros, bem como sobre os processos nos quais o indivíduo se subjetiva para reconhecer-se enquanto negro. Abordarei, para tanto, os estudos de Sueli Carneiro (2023), Du Bois (2021) e Grada Kilomba (2019).

1.1 Discurso, poder e objetivação: uma breve discussão teórica.

Foucault (2009), retomando Kant, considera que uma das mais importantes tarefas da filosofia é tecer uma análise crítica do mundo, questionando “o que somos nós?”. Nesse sentido, os estudos de Michel Foucault são divididos em três eixos que não se anulam, mas se complementam no decorrer da obra do filósofo francês. A primeira delas é a arqueologia, momento em que Foucault apresenta ferramentas de análises que possibilitam a compreensão do funcionamento de um saber. Dessa forma, diferenciando-se de filósofos que propõem a busca de uma verdade absoluta, que substituirá aquilo que anteriormente se acreditava, ele objetiva compreender a história de um saber e os efeitos de verdade produzidos a partir dos enunciados. Para tanto, propõe que se investigue o que possibilitou que um discurso emergisse e que fosse tomado como verdade por determinados sujeitos, tornando-se um saber. Por isso, o termo arqueologia provém da tarefa de escavar, analisar camada por camada de um saber.

Para propor a arqueologia de um saber, o filósofo reconhece dois elementos primordiais para a compreensão daquilo que é dito, ou não-dito, mas que se torna visível ao se materializar. É no eixo arqueológico que Foucault apresenta a noção de discurso, e por conseguinte, a de enunciado, fenômenos linguísticos que possuem uma interdependência para garantirem suas existências. É importante salientar que, anterior aos estudos do francês, outros estudiosos já haviam trabalhado com os conceitos de enunciado/enunciação e discurso.

Mikhail Bakhtin, filósofo das primeiras décadas do século XX, escreveu diversas obras ao formular sua teoria do diálogo em que abordava a noção de enunciado. O estudioso Russo foi um dos primeiros a interessar-se pelo estudo da língua em uma perspectiva não estruturalista. Bakhtin

(2003, p. 326) considerou que “o enunciado nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo já existente fora dele, dado e acabado. Ele sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular e que, ainda por cima, tem relação com o valor”. Assim, trata-se, para Bakhtin, de uma materialização linguística que é única e singular, dando valor a algo que anteriormente pertencia apenas ao campo das ideias.

Foucault também elabora um extenso estudo acerca da compreensão dos enunciados, tomando-os como primordiais para entender o funcionamento dos saberes discursivos. Para ele, o enunciado está para além do plano textual, não se restringindo somente às manifestações escritas ou orais da língua, contudo, pode também se materializar em textos, frases ou proposições. Desse modo, o filósofo rompe com as concepções tradicionais de língua, muito focadas em análises gramaticais ou de conteúdo.

Posso analisar, por exemplo, uma imagem na condição de enunciado, desde que seja efetivamente produzida, dotada de materialidade e outras condições que serão descritas posteriormente. Sons, gestos, danças, músicas também podem constituir enunciados. Contudo, Foucault enfatiza que nem toda produção oral, escrita, imagética, etc. constitui um enunciado, para isso, elas precisam atender aos princípios da função enunciativa, os quais apresentarei a seguir.

Em *Arqueologia do Saber* (2008, p. 112), Foucault considera que o enunciado é um conjunto de signos dotados de uma existência própria, acrescentando que “não há um enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente. Não há enunciado que não suponha outros”. Para que sejam produzidos, os enunciados estabelecem domínios de memória entre si, e, dessa forma, se relacionam, se recuperam e ressignificam sentidos anteriormente produzidos. Diante disso, é possível entender como o enunciado é condição primordial para as análises discursivas, uma vez que, como dito anteriormente, Foucault, em seus estudos, visava compreender a história de saberes instaurados na sociedade. Ao voltar o olhar para os enunciados, é possível constatar os modos como eles se relacionam no decorrer do percurso histórico de diferentes grupos sociais.

Nesse sentido, Foucault (2008) demonstra que, ao analisar os enunciados, é possível visualizar as diversas relações que eles firmam entre si, o que ele descreve como regularidades que, independentemente da intenção do enunciador e de forma igualitária, faz com que estejam relacionados a outros, mesmo que apareçam em lugares e/ou tempos distintos. É por meio da compreensão dessas relações que podemos compreender os jogos de poder que se dão entre os sujeitos. Foucault (2008, p. 32) destaca que há:

Relações entre os enunciados (mesmo que escapem à consciência do autor; mesmo que se trate de enunciados que não têm o mesmo autor; mesmo que os autores não se conheçam); relações entre grupos de enunciados assim estabelecidos (mesmo que esses grupos não remetam aos mesmos domínios nem a domínios vizinhos; mesmo que não tenham o mesmo nível formal; mesmo que não constituam o lugar de trocas que podem ser determinadas); relações entre enunciados ou grupos de enunciados e acontecimentos de uma ordem inteiramente diferente (técnica, econômica, social, política).

Neste trabalho, a análise dos enunciados possibilitará verificar o funcionamento dos discursos racistas no futebol e como eles reaparecem e conectam-se através das redes enunciativas. Será possível compreender as diferentes formas em que estes discursos se materializaram no decorrer das diferentes décadas em que o futebol é praticado no Brasil. Além disso, analisarei as formas como se dão os jogos de poder em que estão localizados os sujeitos atletas negros e aqueles que estão subjetivados em discursos de exclusão racial.

Outro estudioso da área, Jean-Jacques Courtine (2014, p. 25), em *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*, observa que “os enunciados representam, então, 'átomos', 'grãos' de discurso”. Em vista disso, sabe-se que o discurso é formado por conjuntos de enunciados que compõem um único sistema de formação. Por isso, a efetuação das análises a partir de diferentes enunciados que aparecem nos ambientes futebolísticos em relação aos atletas brasileiros negros permitirá a compreensão do funcionamento dos discursos de exclusão racial.

Em suma, devo enfatizar que o enunciado possui existência própria através de conjuntos de signos, verbais ou não, cuja principal característica se vincula ao fato de ser efetivamente produzido ou ter uma existência concreta, que pode ser visualmente percebida, interpretada, reproduzida, modificada e até destruída. Trata-se, então, de uma materialidade que, de certa forma, torna-se palpável. É por essa existência concreta que os enunciados produzem efeitos discursivos que transitam “na espessura do tempo em que subsistem, em que se conservam, em que são reativados, e utilizados, em que são também, mas não por uma distinção originária, esquecidos e até mesmo, eventualmente destruídos” (Foucault, 2008, p. 139-140).

Foucault (2008, p. 134-135) explicita que o enunciado é uma “modalidade de existência própria a um conjunto de signos, que lhe permite estar em relação com um domínio de objetos, prescrever uma posição definida a qualquer sujeito possível, estar situado entre outras performances verbais e estar dotado de uma materialidade repetível”. Desse modo, ao ser materializado, o enunciado garante sua própria existência, e é por isso, como descrito no parágrafo anterior, que pode ser modificado, esquecido, destruído ou reativado por diferentes enunciadores. Por isso, para este trabalho é essencial o conhecimento da historicidade presente em cada um dos saberes que sustentam os enunciados de racismo no futebol.

Foucault (2008, p. 30) explica que “a descrição de acontecimentos do discurso coloca uma outra questão bem diferente: como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?”. Os enunciados, para que possuam existência concreta, precisam ser dotados de quatro características, as quais Foucault (2008) denomina como função enunciativa. A Função enunciativa apresentada por Foucault é formada por aspectos que garantem que um discurso possa ser enunciado, eles são: o referencial, a posição sujeito, campo associado e materialidade repetível. É

também ela que permite que um enunciado seja único e singular, a saber que ele só se repetirá se no momento da enunciação for constituído pelas mesmas condições de exercício da função enunciativa.

Ao descrever o que entende por enunciado e ao indicar os meios de analisá-lo, Foucault preocupa-se em distinguir tais análises daquelas relacionadas às frases e às proposições. O filósofo enfatiza que o enunciado não possui com os objetos uma relação semelhante a que a frase possui com seu referente. Ele acrescenta que muitos dos linguistas adeptos às análises estruturais da língua não consideram que determinadas produções languageiras possuem sentido por não estabelecerem sentido lógico com o objeto ao qual se refere. Para a análise discursiva, o efeito produzido por um enunciado está para além do campo do verdadeiro ou falso, da existência material ou não daquilo que é dito através da enunciação.

A relação aqui não está para a verificação da existência de sentido ou não em uma frase. Foucault (2008, p. 101) exemplifica esta afirmação, ao apresentar a seguinte proposição "Incolores ideias verdes dormem furiosamente". Ao ouvir ou ler tal frase, é comum que muitos afirmem que nela não há sentido algum, isso se credita ao fato de não possuir, do ponto de vista lógico gramatical, um referente de existência concreta e palpável. Para ele, porém, "por mais que uma frase não seja significativa, ela se relaciona a alguma coisa, na medida em que é um enunciado" (Foucault, 2008, p. 102). Nota-se, então, que a relação enunciativa descrita por ele é constituída a partir dos efeitos que uma sequência produz em conexão a outros elementos ao ser enunciada.

Trata-se de uma relação que se refira ao próprio enunciado, que lhe dê sustentação, que permita que ele possa existir, emergir e circular. Para exemplificação, Foucault (2008) menciona que o teclado de uma máquina de escrever, por si só, não constitui um enunciado, mas sua reprodução em uma folha de papel, sim. Isso, pois há agora uma relação com algo que possibilita sua existência por ser historicamente produzido. O filósofo acrescenta que "uma série de signos se tornará enunciado com a condição de que tenha com 'outra coisa' (que lhe pode ser estranhamente semelhante, e quase idêntica como no exemplo escolhido) uma relação específica que se refira a ela mesma - e não à sua causa, nem a seus elementos" (Foucault, 2008, p. 100).

Diante disso, acrescento que devo considerar que a relação estabelecida entre o enunciado e esta "outra coisa" mencionada, está para além da existência física desse elemento, de modo contrário ao referente de uma frase, pode ser acontecimentos discursivos ou não, ou até mesmo, enunciados e discursos anteriormente produzidos. A título de exemplificação, recorro a um enunciado materializado através da rede social *facebook*. O atleta negro de futebol, Michel Bastos, recebeu, em uma de suas publicações, comentários de cunho racista. Um destes comentários se materializou no seguinte enunciado: *Macaco negro safado respeita a torcida, otário vagabundo faz por merecer o dinheiro que recebe!*. É possível, conhecendo a formação discursiva na qual ele se

insere e as relações discursivas que permitem sua existência, perceber que o enunciado em questão retoma vários outros produzidos em diferentes momentos e espaços, tais como aqueles que constituem os discursos de animalização e inferiorização das pessoas negras.

Nesse sentido, o enunciado anterior estabelece com outros enunciados relações específicas que conferem sua unidade. Relaciona-se com os enunciados que dão conta da escravização de pessoas negras por três séculos no Brasil e com os enunciados que emergiram com o início da prática futebolística em meio à assinatura da Lei Áurea, que não garantiu nenhum direito de vida em condições propícias aos humanos para os ex-escravizados. Relaciona-se também com os enunciados que circularam para demarcar a pele negra enquanto inferior e marginalizada, uma vez que a usuária do *facebook* diz que Michel Bastos deveria ser grato por ser autorizado a adentrar um espaço de visibilidade e ser bem remunerado. Muitos outros elementos poderiam aqui ser elencados, no entanto, me atarei a esses que são suficientes para elucidar questões aqui arroladas. Essa “outra coisa” que se relaciona com signos para que sejam enunciados, Foucault (2008) define como referencial, que é, portanto, um dos aspectos da função enunciativa.

Foucault (2008), ao descrever o referencial, enfatiza que o enunciado não possui com ele uma relação semelhante a que a frase possui com seu referente, ou com um indivíduo ou objeto individualizado e representado por uma palavra na frase. Voltando ao enunciado tomado como exemplo para análise, observo que Michel Bastos, atleta que se torna objeto de uma prática discursiva, não ocupa a função de referencial do enunciado. Ocupam essa função os acontecimentos, discursos, enunciados, que dão possibilidade ao seu aparecimento. Sobre o *correlato*, Foucault (2008, p. 102) acrescenta que:

o correlato não é essa formação real ou imaginária, possível ou absurda, designada pelo sintagma nominal que exerce a função de sujeito. Mas o *correlato* do enunciado não é tampouco um estado de coisas ou uma relação suscetível de verificar a proposição (no exemplo escolhido, seria a inclusão espacial de uma certa montanha em uma região determinada). Em compensação, o que se pode definir como *correlato* do enunciado é um conjunto de domínios em que tais objetos podem aparecer e em que tais relações podem ser assinaladas [...]

Portanto, trata-se de um domínio em que estão dispostos objetos e relações que possibilitam o aparecimento dos enunciados, como demonstrado na breve análise anterior. Foucault (2008, p. 103) comunica que o "referencial" não é constituído de "coisas", de "fatos", de "realidades", ou de "seres", mas de leis de possibilidade, de regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou descritos, para as relações que são afirmadas ou negadas. Objetivo, então, com as análises discursivas dos enunciados que compõem o *corpus* desta pesquisa, descrever quais são as leis e regras que dão possibilidade à emergência dos discursos racistas que aparecem no futebol. Destaco como ponto importante compreender quais são as especificidades

desses discursos em relação aos de exclusão racial, mas que não se inserem, de forma simultânea, em uma formação discursiva esportista.

Ao descrever o referencial, Foucault (2008, p. 103) acrescenta que:

O referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade. É esse conjunto que caracteriza o nível enunciativo da formulação, por oposição a seu nível gramatical e a seu nível lógico: através da relação com esses diversos domínios de possibilidade, o enunciado faz de um sintagma, ou de uma série de símbolos, uma frase a que se pode, ou não, atribuir um sentido, uma proposição que pode receber ou não um valor de verdade.

Outra característica descrita por Foucault (2008), que também compõe função enunciativa, é a relação determinada que o enunciado possui com um sujeito. Ao apresentar esse aspecto, o filósofo se preocupa em distinguir o sujeito do enunciado daqueles abordados nas análises gramaticais. Dessa forma, é importante destacar que não se trata necessariamente daquele que executa ou sofre a ação verbal expressa na frase em questão. O sujeito, aqui, não possui nenhuma relação com o verbo ou com a estrutura gramatical analisada, não precisa sequer que seu nome esteja grafado para que ainda assim esteja presente na enunciação.

Além disso, conforme os estudos discursivos foucaultianos, o sujeito não é necessariamente o autor da formulação. Foucault (2008) traz à luz exemplos de romances em que o autor produz uma série de personagens que vivem histórias fictícias em uma sociedade determinada na obra. Mesmo que haja apenas um autor para a obra literária em questão, muitos podem ser os sujeitos que se relacionam aos diferentes enunciados ali presentes.

Não é necessário que o sujeito seja uma pessoa física específica, que tenha nome, sobrenome e endereço. O sujeito enunciativo é aquele que, cumprindo com especificidades de regras anônimas, ocupa essa posição. Voltando, então, ao enunciado apresentado anteriormente, pode ocupar a função de sujeito enunciativo qualquer indivíduo que subjetivado por discursos racistas o faça emergir. É nesse ponto que conhecemos a principal preocupação de Foucault em relação ao sujeito, descrever a posição ocupada por ele no momento da enunciação.

Nesse sentido, Foucault (2008, p. 105) define o sujeito como “uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos, até certo ponto indiferentes, quando chegam a formular o enunciado; e na medida em que um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos”. O sujeito não é, portanto, uma posição previamente definida e ocupada, seja por aquele que produziu o enunciado, seja pelo substantivo que se relaciona à ação do verbo em uma frase. Ele é, sobretudo, uma função que pode ser preenchida por diferentes indivíduos, desde que se tornem sujeito daquele enunciado.

Assim, entendo que os indivíduos, ao se tornarem sujeitos, são constituídos por uma gama de enunciados e discursos nos quais se reconhecem. O sujeito, desse modo, não é o princípio da enunciação, não é tampouco a origem dos discursos, é ele um elemento em que os enunciados produzem efeitos. Além disso, o sujeito não é imutável, como dito anteriormente, ele ocupa posições em variados enunciados e, ao ocupá-las, se subjetiva novamente. Nesse sentido, Foucault (2008, p. 107) elucida que:

ele não é, na verdade, causa, origem ou ponto de partida do fenômeno da articulação escrita ou oral de uma frase; não é, tampouco, a intenção significativa que, invadindo silenciosamente o terreno das palavras, as ordena como o corpo visível de sua intuição; não é o núcleo constante, imóvel e idêntico a si mesmo de uma série de operações que os enunciados, cada um por sua vez, viriam manifestar na superfície do discurso.

Diante dessa colocação, convém destacar que, para conhecer o sujeito, não é o caso de buscar, no exercício de análise, identificar a sua intenção ao enunciar, ou presumir se algo foi dito ou produzido intencionalmente ou não. Deve-se, ao contrário, verificar qual posição ocupa para que se torne enunciador, também, quais outros discursos e enunciados atuam em sua enunciação. Foucault (2008, p. 108) considera que “descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer), mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito”.

Compreender e analisar os sujeitos dos enunciados proporcionará, portanto, a compreensão dos requisitos e possibilidades cumpridos para que pudesse ocupar tal posição no instante da enunciação. Assim, poderei visualizar, através dos enunciados, a constituição dos sujeitos dos discursos racistas no futebol, que tornam o negro um objeto de tais práticas discursivas. Ao serem objetivados, os sujeitos atletas negros podem não se reconhecerem em enunciados que os animalizam e inferiorizam, reconhecendo-se em outras práticas discursivas.

Mesmo que o enunciado, para exercer sua função enunciativa, precise estar conectado a um referencial e possuir relação com um sujeito, ele ainda não pode ser realizado sem a existência de outras duas características que são fundamentais para sua efetivação. Isso acontece, pois o enunciado se difere de formulações como frases, como dito anteriormente, ele não pode acontecer sem que esteja imerso em um conjunto com diversos outros enunciados. Foucault (2008, p. 111) pontua que “não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados (elementos rituais em uma narração; proposições já admitidas em uma demonstração; frases convencionais em uma conversa)”.

Essa é a terceira característica elencada por Foucault ao descrever a função enunciativa, o enunciado, para se exercer, necessita da existência de um domínio associado. Isso se dá pelo fato de, como enfatizado no parágrafo anterior, ele não existir isolado em relação a outros. Ao aparecer,

traz consigo uma gama de outros enunciados passados e cria a possibilidade do aparecimento de outros. Eles se reatualizam, reativam, reafirmam, se negam e se modificam.

Para explicar sua compreensão acerca desse aspecto da função enunciativa, Foucault (2008) compara a relação que as frases possuem umas com as outras. Para que se estabeleçam como tal, as frases não necessariamente precisam possuir conexão entre si, basta que, sendo uma sequência de signos linguísticos, constituam uma unidade de sentido que possa ser lida e interpretada. Elas podem existir isoladas e de forma individual umas em relação às outras.

O enunciado, por sua vez, sempre que aparece, se conecta com vários outros, que podem ter emergido em diferentes momentos e lugares. Recorro novamente ao enunciado apresentado para exemplificar o conceito de referencial. Ao objetivar o atleta Michel Bastos como “macaco”, o enunciado retoma várias outras vozes e dizeres que colocavam o sujeito negro em posição de inferioridade e desumanização. Retoma, por exemplo, um enunciado produzido em uma partida entre Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e Santos Futebol Clube, em que uma torcedora da equipe gremista se dirigiu ao Aranha, goleiro santista, com gestos que reproduziam os movimentos de um macaco.

Ao assistir a um noticiário no dia seguinte a uma ofensa racista em que alguém é objetivado enquanto macaco, o público verá vários outros enunciados que o antecederam. Tais enunciados, a partir da nova enunciação pertencente ao mesmo domínio associado, podem ser reativados, modificados e até ressignificados. Volto a citar o enunciado que classifica o goleiro Aranha como “macaco”, pois é comum que reapareça sempre que há novos casos de racismo em estádios de futebol. De forma semelhante, outros são ressignificados, como o enunciado que se materializa na gravação do gol sofrido pelo goleiro Barbosa na Copa do Mundo de 1950. A partir das discussões surgidas a partir da violência sofrida pelo goleiro do Santos em 2014, para muitos, o gol sofrido na final do mundial de 1950 deixou de representar o azar trazido pelo atleta negro e passou a ser um elemento de reflexão antirracista.

Foucault (2008, p. 111) enfatiza que o domínio associado “é constituído, de início, pela série das outras formulações, no interior das quais o enunciado se inscreve e forma um elemento”. São, como exemplificado no parágrafo anterior, uma sequência de enunciados inscritos em uma única rede enunciativa, tecendo, assim, relações entre si e possibilitando que reapareçam. Além disso, também é constituído por um grupo de outras formulações a que o enunciado se refere e traz consigo, podendo modificá-las ou repeti-las.

Ao pensar em domínio associado, é preciso compreender que o enunciado não é uma mera ferramenta ou material de utilização do sujeito, não é também uma produção única e individual, que comece e encerre em si mesmo nos enunciados, mas, por si, recuperam outros, possibilitando que emerjam em determinada época, momento e local. Dessa forma, são eles determinantes para a

constituição do sujeito, e não o contrário. É nesse sentido que Foucault (2008, p. 112) explicita que o enunciado,

de início, desde sua raiz, ele se delinea em um campo enunciativo onde tem lugar e status, que lhe apresenta relações possíveis com o passado e que lhe abre um futuro eventual. Qualquer enunciado se encontra assim especificado: não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja.

Tal jogo enunciativo é estabelecido nas relações que os enunciados firmam entre si, assim, eles se afirmam, refutam-se, combatem-se e se renovam. Para exemplificar, penso na relação existente entre o enunciado *No Racism*, que frequentemente reaparece em estádios de futebol em diferentes países, e os enunciados racistas observados anteriormente. Mesmo que produzam efeitos discursivos de verdade contrários, possuem margens que se tocam e, portanto, compartilham de um domínio associado. Os enunciados que compõem o discurso racista possibilitam, em algum grau, o aparecimento de enunciados que compõem o discurso antirracista.

Também para exemplificar tal relação, recorro ao surgimento da mascote que representa o Clube de Regatas do Flamengo. Na década de 30 do século XX, os torcedores de diversas equipes adversárias ao Flamengo gritavam o termo “urubu”, enquanto os atletas da equipe entravam no campo de jogo, como uma provocação racista. Em meados de 1940, o clube torna o urubu sua mascote oficial, que representava força e valentia, emergindo, assim, um novo enunciado a partir da resignificação e modificação de outro que aparecera anteriormente.

Ao conhecer o domínio associado e compreender que um enunciado está sempre em correlação com outros, destaco que o exercício de análise dos enunciados não ocorre de forma individual, separando-o dos outros. Para efetuar uma análise, é imprescindível que sejam consideradas as relações existentes com diversos outros enunciados. É nesse sentido que Foucault (2008, p. 112) enfatiza que “o enunciado, longe de ser o princípio de individualização dos conjuntos significantes (o “átomo” significativo, o mínimo a partir do qual existe sentido), é o que situa essas unidades significativas em um espaço em que elas se multiplicam e se acumulam”. O enunciado nunca se encerra em si mesmo.

Para que uma sequência de signos se torne enunciado, precisará, além de estar ligada a um referencial, possuir relações com um sujeito enunciativo e estar imerso em um campo associado, materializar-se. Assim, a quarta característica da função enunciativa está relacionada à existência material do enunciado, para que de algum modo, se torne palpável, podendo, assim, como dito anteriormente, ser repetido, modificado e suportar outros.

Sendo o enunciado parte de um discurso, ele é também sua produção efetiva, por isso, é através dele que se pode analisar, estudar e compreender um funcionamento discursivo e as

condições históricas, sociais, culturais, econômicas, etc. que possibilitaram seu aparecimento. Deste modo, precisa ser produzido, para assim, materializar-se. Volto, então, à reflexão sobre a posição sujeito, para considerar que não há, desse modo, um enunciado sem que haja uma voz que o diga; o corpo que o produza com gestos, cores e sons por exemplo. Foucault (2008, p. 113) destaca que “o enunciado tem necessidade dessa materialidade; mas ela não lhe é dada em suplemento, uma vez bem estabelecidas todas as suas determinações: em parte, ela o constitui.”

Assim, a materialidade, como os demais aspectos enunciativos citados anteriormente, constitui o enunciado, dá-lhe existência. Compreendo, de tal modo, que a materialidade não é simplesmente um suporte que permite que o enunciado possa ser alterado e modificado, ela é parte dele. Nesse sentido, Foucault (2008, p. 114) afirma que

não é simplesmente princípio de variação, modificação dos critérios de reconhecimento, ou determinação de subconjuntos linguísticos. Ela é constitutiva do próprio enunciado: o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data. Quando esses requisitos se modificam, ele próprio muda de identidade.

Portanto, todo enunciado, para que se materialize, precisa preencher as condições da função enunciativa, e ao modificá-las, constituirá um novo. Nesse ponto, trago novamente o termo “urubu” que, ao ser dito para ofender os jogadores e torcedores do Clube de Regatas do Flamengo, estava situado em situações específicas de local, data, substância e suporte, constituindo um enunciado. Ao ser tomado como mascote oficial do clube e ser utilizado para expressar princípios de luta e dedicação, teve suas condições modificadas, tornando um novo enunciado a partir de uma nova materialidade, mesmo que lexicalmente o termo não tenha sido alterado.

Desse modo, o enunciado não pode ser equiparado a formas lexicais ou gramaticais, pois a própria materialidade lhe confere a capacidade de ser modificado, alterado e se tornar outro. O primordial é compreender que um discurso é visualizado após ser efetivamente produzido, o que se dá, entre outras coisas, a partir de sua materialização. Assim, as análises discursivas só podem ser efetuadas a partir da análise dos enunciados, observando os efeitos produzidos ali e as relações que tecem entre si.

É também a materialidade que permite que o enunciado seja repetido, alterado, resignificado e até destruído. Contudo, para que seja repetido, no instante da enunciação, precisará exercer uma mesma função enunciativa. Os limites do enunciado também estão sob a dependência de outros nos quais ele se relaciona através de sua rede enunciativa. Pensemos outra vez no exemplo apresentado anteriormente. O termo “urubu” não constitui um mesmo enunciado hoje em relação ao que constituía no início do século XX. Isso se dá, principalmente, pelo fato de as relações que o cercam serem diferentes nos momentos referidos.

Foucault (2008, p. 117) afirma que “podemos considerar que existe apenas um único e mesmo enunciado onde as palavras, a sintaxe, a própria língua, não são idênticas”, porque não é

isso que define sua modificação. Assim, um mesmo enunciado pode materializar-se e constituir-se por meio de diferentes elementos linguísticos. Contudo, o filósofo enfatiza que os enunciados não devem ser tomados como estruturas totalmente definidas e concluídas, uma vez que sempre estão passíveis de reatualização. Exemplificando o exposto, Foucault (2008, p. 118) discorre que:

Vê-se que o enunciado não deve ser tratado como um acontecimento que se teria produzido em um tempo e lugar determinados, e que poderia ser inteiramente lembrado – e celebrado de longe – e um ato de memória. Mas vê-se que não é, tampouco, uma forma ideal que se pode sempre atualizar em um corpo qualquer, em um conjunto indiferente e sob condições materiais que não importam. Demasiado repetível para ser inteiramente solidário com as coordenadas espaço-temporais de seu nascimento (é algo diverso da data e do local de seu aparecimento), demasiado ligado ao que o envolve e o suporta para ser tão livre quanto uma pura forma (é algo diferente de uma lei de construção referente a um conjunto de elementos), ele é dotado de uma certa lentidão modificável, de um peso relativo ao campo em que está colocado, de uma constância que permite utilizações diversas, de uma permanência temporal que não tem a inércia de um simples traço, e que não dorme sobre seu próprio passado.

É por essa capacidade de ser repetido, modificado e ressignificado que o enunciado é um objeto de disputa entre os sujeitos. Foucault (2008, p. 118) considera que o enunciado é um elemento que “os homens produzem, manipulam, utilizam, transformam, trocam, combinam, decompõem e recompõem, eventualmente destroem”. Desse modo, ao materializar-se, ele existe em meio a relações com determinados sujeitos e com outros enunciados, imersos em uma rede que faz com que apontem uns para os outros.

Diante da explanação acerca da função enunciativa, detalhando as características que a compõem, a expectativa é a de que são os enunciados que possibilitarão e indicarão os desdobramentos da pesquisa proposta, pois são eles que sugerem outros e indicam as relações existentes entre os enunciados, os sujeitos e os demais elementos que os cercam. São eles próprios que mostram a urgência da emergência de novos enunciados. É, por fim, através deles que é possível compreender o funcionamento dos discursos.

Após discorrer, detalhar e exemplificar a compreensão foucaultiana acerca da noção de enunciado, acrescento à discussão teórica o que se entende por discurso. Busco, aqui, indicar o modo como os discursos de exclusão racial, e os demais que são formados pelos enunciados que compõem o *corpus* desta pesquisa, serão analisados. Em primeiro plano, considero que o entendimento acerca do funcionamento das práticas discursivas nas quais se inscrevem os atletas negros no futebol seja de grande valia para explicitar os processos de subjetivação desses sujeitos.

Foucault (2008, p. 122) entende o discurso como “conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação”. Tal afirmação complementa as reflexões apresentadas anteriormente: se os enunciados são partes de discursos, em conjunto constituem as práticas discursivas, contudo, isso só ocorrerá se tais enunciados compartilharem de regras semelhantes de formação, mesmo apresentando divergências. Trata-se, desse modo, de um conjunto, que possui condições determinadas que possibilitam, ou não, a sua existência.

O sistema de formação, segundo a compreensão foucaultiana, é um conjunto de relações estabelecidas entre elementos heterogêneos. É, além disso, a regra que possibilita o aparecimento dos discursos. É em seu interior que os enunciados se relacionam e constituem as práticas discursivas. De tal maneira, ao entender um sistema de formação, é possível identificar os modos pelos quais os enunciados se aproximam, afastam-se e se reatualizam. Não se trata, portanto, da atividade de descrever os enunciados em busca de características semelhantes entre eles, mas da visualização dos elementos que os associam e os separam. Foucault (2008, p. 66) explica que, ao analisar um sistema de formação,

colocamo-nos na retaguarda em relação a esse jogo conceitual manifesto; e tentamos determinar segundo que esquemas (de seriação, de grupamentos simultâneos, de modificação linear ou recíproca) os enunciados podem estar ligados uns aos outros em um tipo de discurso; tentamos estabelecer, assim, como os elementos recorrentes dos enunciados podem reaparecer, se dissociar, se recompor, ganhar em extensão ou em determinação, ser retomados no interior de novas estruturas lógicas, adquirir, em compensação, novos conteúdos semânticos, constituir entre si organizações parciais.

Ao observar as relações existentes entre os enunciados pertencentes a um mesmo sistema de formação, posso compreender as formas nas quais um mesmo discurso se materializa, o que Foucault (2008) define como uma dispersão desses elementos. Um discurso estabelece conexões entre os enunciados que estão dispersos no interior de uma mesma formação discursiva. Nesse sentido, Foucault (2008, p. 66) acrescenta que é a “dispersão que caracteriza um tipo de discurso e que define, entre os conceitos, formas de dedução, de derivação, de coerência, e também de incompatibilidade, de entrecruzamento, de substituição, de exclusão, de alteração recíproca, de deslocamento etc.”.

Todo discurso possui condições específicas de aparecimento, e é neste ponto que surge a máxima dos estudos discursivos foucaultianos: “Por que estes e não outros?” (Foucault, 2008, p. 56). A partir de tal questionamento, compreendo que, para Foucault, a primordial tarefa no exercício de análise dos discursos não é descrever o enunciado em conteúdo ou em seu contexto de produção. Trata-se, contudo, de descrevê-lo em suas relações dispersas e encontrar regularidades. Essa tarefa permite considerar a historicidade dos discursos para compreendê-los, pois, como exposto anteriormente, os discursos e enunciados não podem ser compreendidos individualmente.

Um discurso sempre se relaciona com outros, como em uma rede, nunca se encontra isolado. Dessa forma, diferentes discursos participam da formação dos sujeitos, que são constituídos nas e pelas práticas discursivas, resultando em sua subjetividade. Neste trabalho analisarei, por exemplo, o discurso esportivo, o econômico e o de desigualdade racial, que estão intimamente ligados em todo o percurso de existência do futebol no Brasil e aos sujeitos que se inserem em tais formações. De forma complementar, acrescento à discussão o pensamento de Courtine (2014, p. 75)

que destaca que o discurso é um resultado dos constantes encontros com outros saberes discursivos, que nunca estão isolados, e “existe, portanto, no interior de um feixe complexo de relações”.

Para exemplificar a afirmação de Courtine (2014), penso nas relações que resultam na produção dos discursos racistas, tais como os acontecimentos dos séculos de escravidão, dos discursos religiosos cristãos, da desigualdade social, etc. Do mesmo modo, os discursos antirracistas, em meio a este agrupamento de relações, trazem consigo diversos outros fatores que passam a interagir com os que ali estavam e possibilitam o aparecimento de novas práticas discursivas e enunciados. Assim, o discurso é sempre o resultado de um conjunto de elementos heterogêneos, que se aproximam, opõem-se e se reproduzem.

Sabe-se, então, que o discurso é o determinante do modo como os elementos exteriores à língua, tais como: condições historicamente definidas; aspectos econômicos; e posição dos sujeitos, se materializam em forma de linguagem. É a junção dos aspectos sócio-históricos marcados na linguagem que permitem analisá-los em relação a diversos outros discursos. De tal maneira, o discurso existe enquanto uma prática que se materializa a partir dos enunciados que o compõe. O discurso possui suas próprias regras e formas, a partir das quais se organiza e emerge

o discurso, pelo menos tal como é analisado pela arqueologia, isto é, no nível de sua positividade, não é uma consciência que vem alojar seu projeto na forma externa da linguagem; não é uma língua, com um sujeito para falá-la. É uma prática que tem suas formas próprias de encadeamento e de sucessão (Foucault, 2008, p. 191).

Foucault (2009, p. 136) acredita que as práticas discursivas são “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa”. Assim, todo discurso, ao ser (re)produzido, está marcado a partir desse conjunto de regras que o especifica, mas não o individualiza em relação aos demais. O tempo e o espaço, por exemplo, delimitam ao discurso condições específicas de aparecimento em dada época e grupo social, mas não encerra sua relação com elementos que se localizam em outros momentos e lugares.

Sueli Carneiro (2023, p. 38) elucida que “Foucault compreende o discurso como prática social que emana de todos os pontos do poder”, assim, ao executar o exercício de análise, é preciso considerar os diversos elementos externos que possibilitam a efetivação das práticas discursivas, tais como: as relações entre os sujeitos; as condições históricas e outros enunciados e discursos. Aqui, observarei, por exemplo, as relações entre os sujeitos negros e brancos no Brasil, as condições históricas do surgimento do futebol no país e do início da participação dos atletas negros, e as relações comerciais e econômicas no esporte.

Carneiro (2023, p. 38) acrescenta que “o discurso encerraria em si mesmo o sentido das relações de poder que o engendram, não sendo lícito, do ponto de vista de Foucault, buscar nele um

sentido oculto [...]”. Diante dessa consideração, entendo que os efeitos produzidos pelas práticas discursivas podem ser percebidos, analisados e compreendidos, mesmo que não estejam visíveis nas superfícies dos enunciados. Não me interessa, deste modo, encontrar verdades ocultas, ou tecer suposições, mas analisar as camadas que compõem um saber discursivo que permitiu essas condições históricas de possibilidades para o seu aparecimento. Apresentarei na próxima seção o que se entende, com base nos estudos discursivos foucaultianos, por relações de poder, citadas por Carneiro (2023).

É importante acrescentar à discussão que, para Foucault, os discursos não são homogêneos, formados apenas por elementos semelhantes, mas são constituídos na diversidade dos sujeitos a partir das relações que estabelecem entre si, na frequente interação entre diferentes saberes e a partir de discursos e enunciados que antecederam seu aparecimento. Foucault (2008, p. 193) destaca que

a arqueologia, ao invés de considerar que o discurso é feito apenas de uma série de acontecimentos homogêneos (as formulações individuais), distingue, na própria densidade do discurso, diversos planos de acontecimentos possíveis: plano dos próprios enunciados em sua emergência singular; plano de aparecimento dos objetos, dos tipos de enunciação, dos conceitos, das escolhas estratégicas (ou das transformações que afetam as que já existem); plano da derivação de novas regras de formação a partir de regras já empregadas - mas sempre no elemento de uma única e mesma positividade; finalmente, em um quarto nível, plano em que se efetua a substituição de uma formação discursiva por outra (ou do aparecimento e do desaparecimento puro e simples de uma positividade). Tais acontecimentos, de longe os mais raros, são para a arqueologia os mais importantes: somente ela, de qualquer forma, pode fazê-los aparecerem.

Retomando todas as noções aqui arroladas, penso que constituir a arqueologia de um saber é investigar e analisar suas diferentes camadas, os diversos aspectos e pontos que o compõe. Nunca é, de outro modo, uma análise superficial e isolada, que não coloca em paralelo, outros discursos e enunciados que de modos diversos se relacionam através da dispersão. É compreender que os discursos sempre estão associados a outros, existem em uma rede, além disso, não é indiferente às questões históricas, sociais, culturais, econômicas, etc. que o cercam.

Diante do exposto, pretendo, considerando a teoria apresentada a partir dos estudos discursivos foucaultianos, constituir a arqueologia dos saberes existentes acerca da participação do sujeito atleta negro brasileiro no futebol. Para isso, partirei de acontecimentos presentes que, nas análises, suscitarão enunciados que emergiram em diferentes períodos históricos desde o início da prática futebolística no Brasil e da exportação de atletas negros brasileiros para a Europa. Com o exercício de análise que será efetuado neste capítulo, objetivarei compreender o funcionamento discursivo de enunciados de exclusão racial em relação aos atletas negros, verificando como os saberes produzidos apontam para a desumanização e inferiorização desses sujeitos. Os enunciados que serão utilizados apareceram em redes sociais, programas televisivos, estádios e outros ambientes futebolísticos.

Após discorrer sobre os estudos arqueológicos de Michel Foucault, os quais serão de extrema importância para a efetuação das análises propostas neste estudo, proponho reflexões acerca de outros conceitos presentes nos estudos discursivos foucaultianos. Na cronologia dos estudos de Michel Foucault, após dedicar-se aos estudos arqueológicos, ele aborda, também, a noção de poder e os modos pelos quais, em seu exercício, age para a constituição de novas subjetividades e práticas discursivas. Além disso, outras reflexões são desenvolvidas junto a estes conceitos.

Surge, deste modo, o segundo eixo que compõe os estudos de Michel Foucault, a genealogia. Neste momento, Foucault continua a centrar seus estudos no sujeito e na constituição de sua subjetividade, contudo, para compreendê-lo, observa em primeiro plano os modos pelos quais se dá o exercício do poder nas relações cotidianas em que estão inscritos. Em seus primeiros trabalhos genealógicos, o filósofo busca descrever sua compreensão acerca do poder e de seu exercício na sociedade. É importante destacar que os estudos genealógicos não anularam os pensamentos apresentados pelo filósofo na arqueologia. Há, de modo contrário, uma complementação daquilo que já era observado por ele em suas análises anteriores.

Foucault (2009) enfatiza que as reflexões por ele apresentadas não constituem uma teoria ou metodologia do poder, mas uma forma de ele olhar e, a partir disso, analisar. Suas reflexões e estudos acerca da noção de poder seriam, então, uma forma de visualizar e compreender as relações existentes entre sujeitos e as práticas de disputa e enfrentamento que se dão a partir delas. A compreensão foucaultiana acerca do poder se difere de teorias e metodologias que a antecederam, como a abordagem marxista, por exemplo.

Foucault compreende poder enquanto relação, deste modo, não se tratando de um fenômeno ou força exercida apenas por um polo dominante contra um polo dominado, escravizado, reduzido. Por isso, preocupa-se em diferenciar as relações de força, dominação, violência e comunicação daquilo que acredita ser o poder, que se difere, de tal modo, do que acontece em situações em que há uma dominação imposta, por meio de violência ou de outras ferramentas, que não permitem escapatória, fuga, modificação. É nesse sentido que Foucault considera que “de fato, aquilo que define uma relação de poder é um modo de ação que não age direta e imediatamente sobre os outros, mas que age sobre sua própria ação. Uma ação sobre a ação, sobre ações eventuais, ou atuais, futuras ou presentes” (Foucault, 2009, p. 243).

É a característica de ser um conjunto de ações que agem umas sobre as outras que faz com que o poder seja, na verdade, uma relação que envolve sujeitos, enunciados e discursos. De tal maneira, é através das práticas discursivas que essas relações são efetivadas, é também por meio delas, que o poder encontra seu exercício. Além disso, no trecho referido anteriormente, Foucault destaca, também, que, de forma imediata, as ações executadas interagem entre si e, em um

momento posterior, recai sobre o outro, podendo gerar efeitos que incidem em diferentes esferas, como no corpo. Assim, é importante enfatizar que não se deve analisar o poder enquanto um fenômeno puramente negativo, ele é, também, produtor de subjetividades e novos modos de ser e agir.

Ademais, para que tais relações sejam estabelecidas, resultando no exercício do poder, não é necessário que haja uma consciência ou confirmação por parte dos sujeitos que, de algum modo, ali se inserem. Desse modo, não é o sujeito o detentor do poder, aquele que o rege, o organiza e o efetiva das formas que define, mas é o próprio poder que se organiza, modifica-se e se exerce em tais relações em que é possível que garanta seu exercício. Foucault (2009, p. 242) elucida que:

Isto quer dizer também que o poder não é da ordem do consentimento; ele não é, em si mesmo, renúncia a uma liberdade. transferência de direito, poder de todos e de cada um delegado a alguns (o que não impede que o consentimento possa ser uma condição para que a relação de poder exista e se mantenha); a relação de poder pode ser o efeito de um consentimento anterior ou permanente; ela não é, em sua própria natureza, a manifestação de um consenso.

Pensando nos aspectos descritos até aqui, destaco que, segundo a concepção foucaultiana, o poder não pressupõe, de forma obrigatória, o estabelecimento de relações de embate, violência e enfrentamento entre os sujeitos, antes disso, é uma forma de guiar, de produzir modos de agir conforme as práticas discursivas em que se insere. Assim, trata-se de um jogo em que “o exercício do poder consiste em ‘conduzir condutas’ e em ordenar a probabilidade” (Foucault, 2009, p. 244), e que age, portanto, de formas múltiplas, podendo, ou não, ser silenciosas e sutis.

O exercício do poder objetiva, principalmente, a condução de condutas e, dessa forma, a produção de corpos docilizados e aptos para seguir determinadas normas estabelecidas nas relações e cristalizadas a partir da reprodução de determinados enunciados e discursos. Para Foucault (2005, p. 244) “o poder, no fundo, é menos da ordem do afrontamento entre dois adversários, ou do vínculo de um com relação ao outro, do que da ordem do governo”. Nesse sentido, os enunciados tornam-se objetos de disputa nas relações entre os sujeitos, uma vez que é através deles que são constituídos os discursos que agem como efeito do poder para práticas de governamentalidade de si e do outro.

A governamentalidade é o modo pelo qual se busca conduzir condutas dos outros e de si através do exercício do poder. Isso acontece por meio das práticas discursivas em que os sujeitos se tornam objetos de determinados discursos e são classificados em determinadas posições com as quais podem ou não se identificar. Ao se reconhecerem em tais práticas discursivas, tornarão sujeitos dos discursos por meio dos quais foram objetivados, desse modo, os efeitos do poder podem se manifestar nos corpos e nos modos de agir. Foucault (2008, p.121) acrescenta que "as práticas de governamentalidade e os saberes que as sustentam produzem o sujeito, regulando seus comportamentos e práticas".

Nesse ponto, retomo a preocupação de Foucault em diferenciar as relações de poder das de dominação, luta, escravidão, etc. Para ele, as relações de poder só podem ser estabelecidas ao passo que há liberdade entre os sujeitos, somente quando desfrutam de um campo de possibilidades em que o poder pode se efetivar. Por isso, onde há escravidão, por exemplo, não há uma relação de poder, já que não haverá o efeito de ações sobre ações, elas não poderão se modificar, alterar, reforçar ou refutar. Elucidando essa reflexão, Foucault (2009, p. 244) apresenta o que considera ser um dos mais importantes elementos para a efetivação do poder e acrescenta que “quando definimos o exercício do poder como um modo de ação sobre as ações dos outros, quando as caracterizamos pelo ‘governo’ dos homens, uns pelos outros – no sentido mais extenso da palavra, incluímos um elemento importante: a liberdade”, assim, poder e liberdade possuem uma atração recíproca.

O poder só se exerce em contextos de liberdade, já que é uma relação, um jogo, em que diversos elementos operam e interagem entre si, criando efeitos diversos que a modificam, a destroem, a reinventam e produz subjetividades. De tal maneira, para toda relação de poder há possibilidades de fuga, escapatória, de enfrentamento, pois o poder não é, de modo algum, uma ferramenta de completa dominação e imposição. Por isso, Foucault (2009, p. 244) destaca que “o poder só se exerce sobre ‘sujeitos livres’, enquanto ‘livres’ – entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade, onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer”.

Assim, “a relação de poder e a insubmissão da liberdade não podem, então, ser separadas” (Foucault, 2009, p. 244), pois, se por um lado há o exercício do poder, por outro, há estratégias e ações que o modificam e o enfrentam. Ademais, se o seu principal objetivo é a condução de condutas, precisa, necessariamente, operar sobre sujeitos livres, guiando-as a determinadas ações. Contudo, o sujeito também pode não se reconhecer na subjetividade que lhe é objetivada através das práticas de governo, gerando uma nova ação que produzirá variados efeitos.

Se a principal ação do exercício de poder é a condução de condutas, o seu modo de agir se dá a partir de diferenciações que colocam os sujeitos em campos opostos, como o bem e o mal, o correto e o incorreto e o moral e o imoral. Os sujeitos se tornam, então, objetos desses e de outros discursos, e, ao tornar-se objeto do conhecimento, o sujeito pode ou não se reconhecer nas práticas discursivas nas quais foi inserido.

Foucault denomina tais práticas discursivas como processos de objetivação, aqueles “que fazem com que o sujeito possa se tornar, na qualidade de sujeito, objeto de conhecimento.” (Foucault, 2004, p. 236). Dessa forma, os sujeitos tornam-se objetos discursivos, sendo discursivamente classificados a partir do que o outro conhece, e não daquilo que declara sobre si. Nesse sentido, nos discursos de objetivação, o sujeito não é convidado a falar sobre si, a enunciar sobre sua própria subjetividade, de forma contrária, torna-se um objeto de observação, sobre o qual

surgem práticas discursivas que o demarcam em posições nas quais pode não se reconhecer e subjetivar-se. Nessa linha de pensamento, Revel (2005) enfatiza que:

Os “modos de subjetivação” ou “processos de subjetivação” do ser humano correspondem, na realidade, a dois tipos de análise: de um lado, os modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos [...] de outro lado, a maneira pela qual a relação consigo, por meio de um certo número de técnicas, permite constituir-se como sujeito de sua própria existência (REVEL, 2005, p. 82).

Por conseguinte, a objetivação é um conjunto de práticas pelas quais o poder opera e produz efeitos que constituem subjetividades, transformando indivíduos em sujeitos, desde que eles se reconheçam nos discursos. Sendo assim, é também um mecanismo de condução de condutas que os guiam a posições específicas nas sociedades, como será demonstrado a seguir neste trabalho. A subjetivação, por outro lado, é um processo em que os humanos na relação consigo e ao se encontrar em práticas discursivas, permite-se tornar sujeito.

Nesse sentido, o poder, para guiar as condutas, opera sobre os corpos dos indivíduos, subjetivando-os e tornando-se visível também por meio dos modos em que se expressam, se vestem e cuidam de si. As práticas discursivas, dessa forma, agem por meio da objetivação para guiar tais sujeitos a comportamentos específicos, silenciando-os e fazendo com que permaneçam em posições que são construídas discursivamente, conforme Foucault (2014) que destaca que "o poder não se exerce diretamente sobre um sujeito, mas sobre um corpo e um comportamento, transformando-os em objetos de controle e normalização." Assim, os processos de objetivação, além de vigiar e controlar os sujeitos, coloca-os sobre normas discursivamente construídas.

Nesta direção, Foucault (2014, p. 72) descreve que “o sujeito não é o fundamento do discurso, mas seu efeito; é um produto da discursividade”, assim, é nas práticas discursivas e por efeito das relações de poder que os processos de subjetivação e objetivação se efetivam, de modo que um sujeito é constituído como resultados dos saberes que perpassam por sua formação. Portanto, em ambos os modos, a subjetividade é formada por meio de um conjunto de procedimentos que a regulam e a moldam (Foucault, 2014b).

Ademais, os processos de formação das subjetividades são possibilitados por historicidades que estão presentes na constituição dos sujeitos, Foucault (2010, p. 34) acrescenta que “o sujeito não é um dado imediato, é uma construção histórica e discursiva”. De tal modo, as práticas de objetivação e subjetivação são compreendidas e descritas por meio de análises críticas que investiguem as condições históricas de possibilidades de aparecimentos dos discursos e os modos em que eles se relacionam e produzem efeitos de poder que recaem sobre os sujeitos.

Conforme Foucault (2010, p. 28), "a análise do discurso revela, assim, que o sujeito é um efeito e um produto do poder e do saber", desse modo, como explicitado anteriormente, as relações

de poder pressupõem a existência da liberdade, isso acontece por elas serem o efeito de ação sobre ação. O exercício do poder possibilita a efetivação de ações contrárias, que buscam modificar os modos nos quais a relação se organiza. Tais ações são denominadas por Foucault como resistência, um conjunto de práticas discursivas que se dá em oposição aos efeitos do poder. De tal modo, não há relação de poder sem que haja resistência(s) operando. É nesse sentido que Foucault (2009, p. 248) destaca que:

se é verdade que, no centro das relações de poder e como condição permanente de sua existência, há uma "insubmissão" e liberdades essencialmente renitentes, não há relação de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem inversão eventual; toda relação de poder implica, então, pelo menos de modo virtual, uma estratégia de luta, sem que para tanto venham a se superpor, a perder sua especificidade e finalmente a se confundir.

As estratégias de resistência elucidam os modos pelos quais o poder age, e é por isso que as relações de poder não devem ser confundidas com a dominação, a escravidão, ou com outros regimes em que a liberdade não é um princípio válido para todos os sujeitos. Além disso, as estratégias de resistência, para que sejam efetivas, precisam ser inventivas e modificar, de alguma forma, as estruturas da relação de poder que enfrentam. Para Foucault (2009, p. 235) as práticas de resistência "são uma oposição aos efeitos de poder relacionados ao saber, à competência e à qualificação: lutas contra os privilégios do saber. porém, são também uma oposição ao segredo, à deformação e às representações mistificadoras impostas às pessoas".

Desse modo, para muitos sujeitos, as estratégias de resistência são modos para traçar embates com práticas discursivas que os invisibilizam, inferiorizam e deformam, para assim, reconhecer-se em outras subjetividades. Assim, as práticas de resistência são uma oposição, também, às objetivações em que os sujeitos não se reconhecem. Foucault (2009, p. 248) acrescenta que "entre relação de poder e estratégia de luta, existe atração recíproca, encadeamento indefinido e inversão perpétua".

O poder é mutável e age de diferentes modos para garantir o seu exercício. Assim, é no centro das relações cotidianas, por exemplo, que vai se exercer. É neste sentido que Foucault (2009, p. 247) enfatiza que "o exercício do poder não é um fato bruto, um dado institucional, nem uma estrutura que se mantém ou se quebra: ele se elabora, se transforma, se organiza, se dota de procedimentos mais ou menos ajustados". Portanto, por mais que haja estratégias de resistências operantes, há também estratégias que possibilitam a manutenção do exercício de poder, já que há uma relação recíproca entre ambos, são fenômenos que se atraem.

1.2 A objetivação do futebolista negro brasileiro nos discursos racistas, de inferiorização e desumanização: a manutenção da subserviência

Os conceitos arrolados anteriormente, tanto aqueles que compõem a arqueologia, quanto os que se encaixam na genealogia foucaultiana, serão de extrema importância para as análises que serão efetuadas nesta seção. O objetivo das análises que serão apresentadas a seguir é compreender, a partir da verificação da existência de regularidades, o funcionamento das práticas discursivas racistas no futebol brasileiro. Além disso, objetiva analisar os modos pelos quais o exercício do poder opera, resultando na produção de subjetividades de futebolistas negros brasileiros.

Para a realização deste trabalho, organizarei os enunciados que serão analisados em diferentes séries enunciativas (SE) compostas a partir da aproximação que interliga os enunciados no interior das formações discursivas. As primeiras séries enunciativas que compõem este estudo serão formadas por três enunciados, retirados de redes sociais, que emergiram após a derrota da Seleção Brasileira de Futebol para a Seleção da Bélgica na Copa do Mundo realizada em 2018. Nestes enunciados, o atleta negro brasileiro Fernandinho tornou-se objeto de discurso após marcar um gol contra a sua própria equipe durante a mencionada partida de futebol. Os enunciados foram materializados em publicações de diferentes usuários das redes sociais¹².

SE01: Parabéns, Fernandinho, seu macaco filho da puta. Espero que você morra atropelado, seu verme.

SE02: O seu macaco preto imundo vai aprender a jogar bola.

SE03: Isso é culpa do macaco do Fernandinho...fdp!!!

Ao analisar enunciados em série, busco compreender o funcionamento das práticas discursivas que os conectam em uma rede, apontando uns para os outros. Nos enunciados perpassam diferentes discursos que tornam Fernandinho objeto discursivo. Ao serem materializados, produzem efeitos de verdade que vão atuar na produção de subjetividades e vão possibilitar o (re)aparecimento de outros enunciados que podem se reafirmar, modificar, etc. Essas materialidades, analisadas em conjunto, permitirão compreender o funcionamento das estratégias de poder e das práticas de objetivação do atleta negro no futebol brasileiro em determinadas práticas discursivas.

A SE01 *Parabéns, Fernandinho, seu macaco filho da puta. Espero que você morra atropelado, seu verme* é construído com o uso de deboche e ironia, que reforçam os efeitos produzidos. Ao parabenizar, ironicamente, o atleta pela eliminação da seleção brasileira na Copa do Mundo, o enunciado traz em voga o discurso de culpabilização do homem negro por derrotas coletivas. Isso dá luz a diversos outros enunciados que poderiam até estar adormecidos, como a culpabilização dos escravizados pelo baixo desenvolvimento comercial do Brasil no período de

¹² Leia mais em: [Após eliminação do Brasil, Fernandinho é alvo de ofensas racistas nas redes sociais | GZH \(clicrbs.com.br\)](https://clicrbs.com.br)

escravidão. Também no futebol, o goleiro Barbosa, homem negro, foi culpabilizado pela derrota da seleção na partida contra o Uruguai pela final do mundial de 1950. Fernandinho torna-se, então, objeto de um discurso que inferioriza homens negros e reaparece no esporte para justificar os fracassos coletivos das equipes, mas isentando atletas brancos.

Há também o discurso de animalização do homem negro, sobretudo a partir da figura do macaco. Nos enunciados já analisados neste texto, foi possível observar, através de regularidades discursivas, que a culpabilização dos atletas negros no futebol brasileiro geralmente precede a desumanização destes sujeitos. O enunciado traz consigo diversos outros que tinham como objeto do conhecimento os sujeitos negros através de discursos de animalização. Desse modo, essas práticas discursivas funcionam como efeitos de poder que têm como intuito a culpabilização do negro, e ao retirar sua humanidade, pretende tornar justificável tê-lo como principal culpado. Além disso, os discursos de culpabilização agem, nas relações de poder, como estratégias que visam o reforço das práticas discursivas racistas.

Para o prosseguimento da análise do referido enunciado, observarei sua função enunciativa para compreender os aspectos que possibilitaram que se constituísse como tal. Foucault (2008) entende o referencial de um enunciado como as leis de possibilidade que permitem que uma materialidade discursiva se efetive a partir de “uma outra coisa” já existente. Ao emergir, o enunciado em questão, dá luz a diferentes práticas discursivas que foram materializadas em variados momentos, sociedades e culturas, mas que se conectam por estarem relacionadas a um mesmo referencial.

Os acontecimentos que fazem aparecer os discursos de animalização de pessoas negras, tornando-as objetos de práticas discursivas racistas, estão registrados em diferentes momentos históricos de civilizações localizadas em variadas partes do mundo. Ao que se relaciona e possibilita a emergência dos discursos de animalização dos atletas negros brasileiros, destaco os processos de colonização no território nacional, em que o Brasil foi invadido e povos nativos e, também, outros que foram trazidos ao país, foram escravizados. A dominação territorial pressupõe a animalização de pessoas, a saber que os modos empregados se assemelham àqueles utilizados para domesticar animais selvagens.

A violenta chegada dos europeus nos países africanos iniciou longos processos de violação dos direitos das pessoas negras, fazendo emergir práticas discursivas que os retiravam da condição humana e os objetivavam como inferiores aos brancos. Os africanos foram sequestrados e retirados de suas origens familiares, culturais, sociais e religiosas. Desse modo, as subjetividades dessas pessoas eram negadas, uma vez que eram impostos novos modos de vida que deveriam ser aceitos e seguidos, mesmo não havendo consentimento por parte dos escravizados. Por isso, Foucault

considera que não há relação de poder em um sistema de escravidão, mas há uma relação de dominação.

No Brasil, os negros escravizados desempenhavam trabalhos braçais, domésticos, comerciais, sexuais, etc. sem ser remunerados por essas atividades. Além disso, viviam em degradantes situações, concentrados nas senzalas, locais que não apresentavam estruturas básicas para que uma pessoa possa viver dignamente. Também eram proibidos de praticar suas celebrações religiosas e tiveram que aprender a língua do colonizador. Alguns negros eram sequestrados e trazidos para o Brasil para que se apresentassem em locais semelhantes aos circos. Nas apresentações, eles eram forçados a agir como animais para que fossem ridicularizados pelo público.

O início da prática do futebol no Brasil se deu em contextos de proximidade com a assinatura da Lei Áurea, aquela que, teoricamente definia o fim da escravidão, mas que, na prática, nada garantiu para que as pessoas negras vivessem com dignas condições de vida. Para que pudessem ser atletas, os homens negros precisaram lutar contra as restrições de diversos clubes de futebol que proibiam que praticassem o esporte. Após o fim da proibição da presença de negros nas equipes de futebol, eles eram vistos apenas como ferramentas úteis para o alcance de resultados esportivos, desse modo, eram vetados nas grandes festas produzidas pelos clubes e de todo o círculo social que se relacionava ao esporte. Esses acontecimentos, discursivos ou não, somados a outros, são referenciais aos quais se relacionam à SE01. São a “outra coisa” que permitiu que esse enunciado pudesse emergir e ser efetivamente produzido.

Ao analisar a SE01 é possível observar que o sujeito enunciador assume uma posição racista ao fazer de Fernandinho o objeto de uma prática discursiva que o animaliza e o inferioriza. Desse modo, observa-se que, mesmo ao objetivar o outro, o sujeito mostra sua subjetividade nos enunciados, conforme destaca Stafuzza (2018, p. 206): “quando o sujeito enuncia, ele denuncia a si mesmo”. Isso porque o sujeito é uma posição vazia que pode ser ocupada por aqueles que cumpram com determinadas regras previamente definidas. Assim, ao objetivar o outro nas práticas discursivas, o sujeito enunciador deixa transparecer a(s) posição(ões) ocupadas no instante da enunciação.

Ao conhecer as práticas discursivas materializadas na SE01 é possível conhecer as características de preenchimento de sua função sujeito, constituída por discursos racistas e de animalização e inferiorização dos atletas brasileiros negros.

Além disso, a SE01 faz (re)aparecer outros enunciados que, embora dispersos, estão conectados por um mesmo domínio de memória, já que o enunciado nunca é totalmente novo, original, ele sempre aponta para outros que emergiram anteriormente e que poderão retornar,

modificar-se, etc. Para além disso, esse enunciado possibilita que muitos outros possam aparecer, ser lidos, ouvidos, interpretados e transformados.

Ao observar outros enunciados pertencentes a esse mesmo campo associado, é possível notar as regularidades que compõem a prática discursiva de animalização dos atletas negros no futebol brasileiro. O enunciado *Eu saí da faculdade, vim escutar o jogo na rádio pq vi que ia pros pênaltis. Vi que o JP precisava pegar pro Santos não ser eliminado, já sabia que ia perder aí. Na hora que ele pegou nem acreditei. E o desgraça macaco do Mezenga¹³ erra* pertence ao mesmo campo associado que a SE01, já que materializam práticas discursivas semelhantes. Os discursos de animalização, culpabilização e inferiorização dos atletas negros estão presentes em ambos enunciados, além de que os dois tomam esses sujeitos como objetos discursivos, constituindo, assim, práticas de objetivação.

Ao tornar os sujeitos discursivos Fernandinho e Bruno Mezenga objetos do conhecimento, os enunciados silenciam suas subjetividades e dá visibilidade àquilo que é dito sobre eles. E por serem efetivamente produzidos, esses enunciados podem ser repetidos e atualizados, fazendo cristalizar tais discursos que dão aos negros posições de inferioridade e subserviência nas relações de poder em que estão inseridos.

O enunciado que torna Fernandinho objeto de um discurso racista e de animalização do homem negro aponta para vários outros e coloca em jogo diferentes relações discursivas e de poder. Desse modo, ao observar essa rede enunciativa, a partir dos enunciados que pressupõem outros, é possível compreender o funcionamento discursivo em questão. Isso só é possível pela materialidade discursiva na qual ele ganha existência própria.

A SE02 *O seu macaco preto imundo vai aprender a jogar bola* recupera outros anteriormente produzidos e já apresentados neste estudo. Ao classificar o sujeito atleta negro Fernandinho enquanto “macaco preto imundo”, vêm à luz um sistema de diferenciações e oposições no qual o poder opera. Se há, por um lado, aqueles que não são humanos e por este motivo não deveriam adentrar aquele ambiente, há por outro lado, aqueles que são dignos de tal posição, assim, reafirmando uma posição hierárquica estabelecida nas relações de poder que faz com que os sujeitos brancos estejam em posições superiores aos negros. Assim, a desumanização deste sujeito é um efeito de poder que age para a manutenção da inferiorização dos atletas negros dentro das relações de poder presentes no futebol brasileiro.

Outra oposição posta em jogo na enunciação está no emprego do termo “imundo”, pois de modo semelhante ao que acontece ao utilizar o lexema “macaco”, se há sujeitos sujos, que não possam estar naquele lugar, há os limpos, apropriados para ocupar tal posição. Desse modo, este

¹³ O enunciado e mais informações sobre o caso de racismo contra Bruno Mezenga podem ser encontrados em: [Torcedor chama Mezenga de 'macaco' em rede social após atacante perder pênalti no Santos \(atribuna.com.br\)](http://tribuna.com.br)

enunciado se relaciona com vários outros que apareceram em diferentes momentos da história brasileira, o que permite visualizar uma estratégia higienização da sociedade, em que o plano principal é eliminar o negro e a história da miscigenação. Por isso é comum enunciados em que há ênfase a conotações negativas associadas aos negros considerados maus ou inapropriados, como exposto neste parágrafo. Por outro lado, o sistema de diferenciações opera também ao separar esses negros daqueles considerados, pela sociedade dominante, bons ou apropriados, um exemplo é o enunciado “negro de alma branca”.

Além disso, é também efeito de poder a deformação das representações dos sujeitos atletas negros brasileiros, ao passo em que há o silenciamento de suas subjetividades, que são substituídas pelos discursos que os objetivam, desumanizando-os e inferiorizando-os. Em ambos enunciados analisados nesta seção há a presença de práticas discursivas em que toda a individualidade do sujeito é rechaçada, assim, passa a ser visto sob uma ótica coletiva que demarca todos os negros a partir de preconceitos e estigmas.

Os enunciados têm como elemento principal em suas construções os ataques racistas, deixando em segundo plano os acontecimentos da partida de futebol, que são tomados como um motivo justificável para que as ofensas fossem proferidas. Diferentemente dos atletas brancos, os negros não são questionados apenas esportivamente, são humilhados por sua descendência, cultura, religião, cor de pele, etc.

A SE03 *Isso é culpa do macaco do Fernandinho...fdp!!!* é constituído, dentre outros, por discursos de culpabilização individual do sujeito atleta negro brasileiro por um fracasso coletivo, aproximando-se de outros enunciados já analisados neste estudo. Aproxima-se também de diversos outros enunciados que emergem em diferentes épocas e locais, fazendo com que sejam produzidos efeitos de verdade de que os negros são incapazes de realizar, de forma eficiente, diferentes atividades. Um exemplo é o enunciado que se materializa em “expressões populares” que definem um trabalho mal-feito como “serviço de preto”. Desse modo, esses enunciados, que reaparecem e se atualizam, são estratégias de poder utilizadas para a manutenção do negro às margens das relações em que se inserem.

Ao analisar os modos pelos quais os enunciados garantem existência, aproximam-se uns dos outros e permitem o aparecimento de novos enunciados, vêm à luz diferentes relações discursivas. É através dessas relações discursivas que o poder se exerce, e é discursivamente que ele opera. Fernandes (2017, p. 86) destaca que “o poder é relacional e se dá como um exercício possível por meio de relações discursivas entre sujeitos”. Assim, analisando enunciados e discursos, é possível compreender o funcionamento das relações de poder e os modos como ele opera na produção de subjetividades.

O poder, por ser relacional, opera em diferentes circunstâncias e de formas variadas, o que permite que ele continue se exercendo. Como dito anteriormente, trata de ação sobre ação, e além disso, dos modos como essas ações se enfrentam, se apoiam ou integram um sistema de diferenças. Tais ações recaem sobre os sujeitos e objetivam conduzi-los a determinadas condutas, como destaca Fernandes (2017, p. 86): “Todas essas formas de poder são perpassadas pelo biopoder, o poder sobre a vida, e também sobre o corpo, quer seja por meio de formas de dominação, ou de técnicas e cuidado de si, ou pela governamentalidade”.

O exercício de poder que se dá através da SE01 recai sobre o sujeito discursivo atleta negro Fernandinho, operando sobre o corpo e por formas de dominação. Ao afirmar que o futebolista “é um macaco”, anula-se todo princípio de igualdade e enfatiza o não pertencimento do atleta no ambiente, pois, através do corpo, explicita-se uma diferenciação que o coloca em oposição em relação aos demais. O enunciado torna-se, então, parte de uma estratégia de poder que se organiza para a manutenção da inferiorização do homem negro brasileiro no futebol.

O poder se exerce por meio da condução das condutas do sujeito para que haja uma manutenção do funcionamento hierárquico daquela sociedade. Desse modo, um homem branco diz a um homem negro as formas nas quais ele deve se comportar caso queira permanecer naquele lugar. O sujeito enunciativo reforça-se em seu lugar de colonizador, daquele que busca a dominação também através de um processo de retirada de uma cultura considerada inferior ou inadequada para a condução de uma conduta cultural ideal a ser seguida. É nesse sentido que Fernandes (2017, p. 91) considera que “o poder coloca em jogo relações entre sujeitos. O poder é um exercício, *um modo de ação sobre outras*, existe somente em forma de ação, ação sobre ações, uma maneira de agir sobre a ação dos outros para conduzir condutas”.

Ao fazer do sujeito o objeto de práticas discursivas, há também tentativas de silenciamento, já que não é ele mesmo quem confessa sobre sua subjetividade, mas é definido discursivamente por discursos nos quais pode até mesmo não se reconhecer. Assim, é possível constatar que o poder é, também, produtor de subjetividades, uma vez que é nas relações que os indivíduos entram em contato com as práticas discursivas, podendo ou não se tornar sujeito delas. Ao ser objetivado nos discursos racistas, Fernandinho se torna objeto de várias outras práticas discursivas nas quais não se reconhece.

As análises iniciais, realizadas nesta seção, permitiram compreender o funcionamento das práticas discursivas racistas no futebol brasileiro. No tópico seguinte deste capítulo, verificarei a existência de um dispositivo de racialidade no futebol brasileiro, para que nos próximos capítulos possa analisar as formas de dizibilidade, conservação, memória, reativação e apropriação desses discursos.

1.3 Negritude, branquitude e racismo: o dispositivo de racialidade no futebol

Como observado nas análises e reflexões teóricas realizadas nas seções anteriores, os discursos racistas estão presentes na composição da sociedade brasileira, e de forma específica, nos ambientes relacionados ao futebol. Nas análises realizadas neste capítulo, pude constatar que as práticas discursivas racistas no futebol funcionam como estratégias de poder para a manutenção da exclusão dos sujeitos atletas negros, objetivando-os em discursos de animalização e inferiorização. Observei também que o poder opera, entre outras formas, através dos sistemas de diferenciação/oposição, que colocam o negro como a face negativa em relação ao sujeito branco, sendo sempre o “Outro”¹⁴, aquilo que não se deve ser.

Nesse sentido, nesta seção, por meio de aportes teóricos advindos de estudos produzidos por autores(as) negros(as), problematizo a posição objetivada aos sujeitos negros, para assim demonstrar a importância de pesquisas voltadas para a subjetividade desses que são tradicionalmente colocados à margem da sociedade e dos trabalhos acadêmicos. Além disso, abordo os temas negritude e branquitude, para assim observar o funcionamento e a recorrência dos discursos racistas. Desse modo, busco comprovar a existência de um dispositivo de racialidade no futebol brasileiro, que funciona de maneira ordenada para a exclusão e/ou controle de tais sujeitos.

Foucault, em sua vasta produção, formulou a noção de dispositivo de poder, classificada por Agamben (2009) como “um termo decisivo na estratégia do pensamento” do filósofo francês. A importância do termo para a construção do pensamento foucaultiano e para as análises discursivas pode ser notada ao compreender que a constituição de um dispositivo se dá pela relação existente entre saber e poder, noções já explicitadas neste trabalho como centrais nos estudos discursivos foucaultianos. Portanto, os dispositivos serão formados pela conexão da multiplicidade de elementos presentes nas relações discursivas.

Como descrito anteriormente, Foucault, em sua obra, lança olhar sobre as relações de poder que se exercem entre os sujeitos e os modos pelos quais corpos e condutas são conduzidos e docilizados com base em interesses próprios de cada época ou período em que se desenvolvem. A governamentalidade, também apresentada e debatida anteriormente, é composta por estratégias que visam tal controle e condução de determinados sujeitos. É nesse sentido que há uma relação entre saber e poder, uma vez que os discursos também se exercem sobre os corpos, criando subjetividades, mas também silenciando, deformando e modificando-as.

Agamben (2009), a partir da descrição de Foucault em uma entrevista concedida em 1977, formula a definição de dispositivo baseada em uma divisão do que, para ele, são os três principais pontos relacionados a essa noção. No primeiro ponto considera que:

¹⁴ Neste trabalho, utilizo as noções de “Outro”, “Ser” e “Eu” com base nos estudos de Carneiro (2023)), mas os mobilizo conforme a compreensão de sujeito nos estudos discursivos foucaultianos.

é um conjunto heterogêneo, linguístico e não-linguístico, que inclui virtualmente qualquer coisa no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de polícia, proposições filosóficas etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos (Agamben, 2009, p. 25).

É por ser heterogêneo que o dispositivo é constituído por diferentes elementos, de naturezas distintas que se relacionam e o têm como resultado. Desse modo, operam em sua formação tanto o dito quanto o não-dito, isso acontece, por exemplo, na organização visual dos locais e das instituições. Pode-se exemplificar com o dispositivo de sexualidade, que opera tanto através daquilo que é dito quanto por meio das divisões de banheiros femininos e masculino, pela classificação dos gêneros por cores e por eventos como “chá revelação”. Logo, estão presentes elementos sociais, históricos, culturais etc.

Agamben, assim como Foucault, conclui que o dispositivo só pode se estabelecer ao constituir uma rede entre esses diferentes elementos. O discurso é também um objeto de disputa pelo qual diferentes sujeitos se colocam em embates. Nesse contexto, ao analisar um dispositivo, é possível compreender o funcionamento das relações saber e poder, além das formas em que as instituições, grupos, organizações, leis etc. interagem entre si, possibilitando efeitos que produzem e conduzem corpos e condutas.

Também é importante observar que a rede da qual resulta o dispositivo é constituída a partir de elementos que correspondem a necessidades do momento histórico em que aparecem para atender a interesses específicos de um dado contexto. O dispositivo atualiza-se, modifica-se para continuar existindo, pois novos elementos sociais, culturais, econômicos e de outras naturezas podem integrá-lo em diferentes momentos. Nesse sentido, Foucault (2006, p. 138) elucida:

entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência [...] Este foi o caso, por exemplo, da absorção de uma massa da população flutuante que uma economia de tipo essencialmente mercantilista achava incômoda: existe aí um imperativo estratégico funcionando como matriz de um dispositivo que pouco a pouco tornou-se o dispositivo de controle-dominação da loucura, da doença mental, da neurose.

Com o exemplo apresentado, Foucault (2006) demonstra que o dispositivo está intimamente ligado às mudanças, tendências e necessidades sociais de cada época e de cada grupo social. Assim, funcionará em meio a estratégias de poder que resultarão na exclusão, silenciamento e/ ou controle de um outro grupo. É nesse sentido que Agamben (2009, p. 38) destaca o segundo ponto descrito por Foucault: “o dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre numa relação de poder”.

É, portanto, impossível desassociar o dispositivo das relações de poder, visto que ele funciona como um elemento que produz efeitos no interior de tais relações. Os dispositivos, por meio das instituições, discursos, edifícios e demais componentes, conduzem condutas, controlam e

classificam os sujeitos em diferentes camadas que vão diferenciá-los e demarcá-los como opostos. Um exemplo é o dispositivo de vigilância que, em diferentes ambientes, como em escolas, hospitais e presídios, divide os sujeitos em categorias que permitem um mais preciso controle, silenciando parte de suas subjetividades, uma vez que são vistos apenas enquanto grupo com características comuns, mas nem sempre são observados a partir de especificidades que os individualizam e os tornam sujeitos (a turma das piores notas, a ala dos doentes em estado crítico etc.).

Por fim, Agamben (2009, p. 38) pontua que, para Foucault, o dispositivo “resulta do cruzamento de relações de poder e das relações de saber”, movimento já descrito anteriormente. Além disso, Agamben complementa, na mesma página, que existe uma relação em que há “de um lado os seres vivos, e, de outro, os dispositivos em que estes são incessantemente capturados”, pois os dispositivos objetivam o controle dos sujeitos, guiando-os e objetivando-os em práticas discursivas determinadas. Assim, muitas vezes os sujeitos objetos dos discursos racistas são capturados por tais práticas, reproduzindo-as.

Sueli Carneiro (2023), filósofa contemporânea, descreve o dispositivo de racialidade na sociedade brasileira, estudo que tomarei como base teórica para analisar a constituição da subjetividade dos atletas negros em meio às práticas de condução de condutas. Especificamente, neste trabalho, busco compreender o funcionamento desse dispositivo presente nos ambientes relacionados ao futebol brasileiro, para assim compreender as relações de saber e poder que constituem a produção das subjetividades dos futebolistas negros brasileiros.

Para Carneiro (2023, p. 28), “um dispositivo instaura uma divisão que tem efeitos ontológicos, constituindo sujeitos através da enunciação sobre o Outro”, desse modo, a divisão entre negros e brancos, discursivamente ou não, na sociedade brasileira é resultado da ação do dispositivo de racialidade que os separa. Assim, a constituição das subjetividades acontecerá em oposição àquilo que não se deve ser, à face negativa, ao negro, como demonstrado nas análises anteriores. No futebol, especificamente aos atletas negros, são dadas as posições de desrespeitosos, despreparados moralmente, maldosos, violentos, indignos de ocuparem posições de prestígio social-, azarados, independentemente do desempenho esportivo. Tais discursos, em conjunto com os demais elementos que compõem o dispositivo, funcionam de maneira ordenada em meio ao exercício de poder que exclui sujeitos e produz novas subjetividades disciplinadas e corpos docilizados.

Desse modo, um dispositivo terá como efeito, entre outros, as práticas divisoras que instituirá, separando em polos antagônicos, o positivo e o negativo, os sujeitos que devem ser copiados e os que devem ser desprezados. Há, então, o processo de “constituição de uma nova unidade em cujo modelo se aloja uma nova identidade padronizada, e, fora dele, uma exterioridade oposta, mas essencial para a afirmação daquela identidade” (Carneiro, 2023, p. 28). Assim, é o

dispositivo de racialidade que institui o branco enquanto sujeito hegemônico, o Ser que, como demonstrado nas análises anteriores, se constitui a partir de um Outro diferente de si.

Ademais, “o Outro fundado pelo dispositivo apresenta-se de forma estática, que se opõe à variação que é assegurada ao Ser” (Carneiro, 2023, p. 29), portanto, sua subjetividade é silenciada perante os discursos pelos quais se tornou objeto. As variações, modificações e especificidades que o subjetivam não estão presentes nos discursos hegemônicos que os objetivam como inferiores ao Ser. Logo, a afirmação da existência do Ser, neste caso o sujeito branco, acontece pela relação com o Não Ser, o sujeito atleta negro, o Outro. Desse modo, os negros são sempre a face negativa da sociedade, independente de suas vivências, de sua posição social ou financeira, de alguma forma será marcado pelo racismo.

Carneiro (2023, p. 31) acrescenta que “o dispositivo de racialidade também produz uma dualidade entre positivo e negativo, tendo na cor da pele o fator de identificação do normal, e a brancura será sua representação”. Em síntese, tal dispositivo faz com que o branco esteja dentro dos limites da normalidade, enquanto o negro, sua face oposta, seja o anormal, que deverá ser evitado e combatido. Nesse sentido, abordo as análises dos enunciados que objetivam o sujeito atleta negro Vinicius Junior em discursos de animalização, infantilização e incivilidade. De tal modo, apesar de obter sucesso profissional, Vinicius é considerado inadequado para ser um atleta na Espanha, pois é negro e, atos simples como danças em comemorações de gols, são interpretados como desrespeito.

Isso ocorre, pois, para que o Eu afirme o seu “valor”, precisa deixar explícita, demarcada, a diferença em relação àquele que é colocado como a face oposta às virtudes e modos de vida discursivamente considerados superiores a outros. Portanto, para que o sucesso de Vinicius Junior (Outro) seja minimizado, é preciso que haja estratégias que o demarquem em posição de inferioridade. Nesse sentido, Carneiro (2023) considera que a raça é um elemento sobre o qual o sujeito firmará sua normalidade, através dela os agrupamentos humanos mostrarão seu valor.

Sobre as práticas discursivas de objetivação, Carneiro (2023, p. 39) acrescenta que “o que impulsionava essa dinâmica, segundo Foucault, é a vontade de saber a verdade do sujeito, instituindo-o como um lugar de verdade”. Logo, ao ser objetivado em discursos que o inferiorizam, animalizam, infantilizam e o exclui, o sujeito negro é instituído como um lugar de verdade, mesmo que não se reconheça em tais discursos. Para Foucault, a verdade está relacionada aos saberes instituídos, cristalizados, de modo que possam ser materializados em enunciados, podendo ser repetidos, transformados, conservados, atualizados e apropriados.

Desse modo, para observar o funcionamento dos discursos racistas na sociedade brasileira, mais especificamente daqueles que objetivam o sujeito atleta negro de futebol, recorro aos estudos de Grada Kilomba¹⁵ (2019) que analisa práticas em que os sujeitos negros são discursivamente

¹⁵ O uso dos aportes teóricos da artista multidisciplinar Grada Kilomba, mesmo que não sejam pautados nos estudos discursivos foucaultianos, justifica-se pela possibilidade de mobilizar suas vivências e reflexões com o uso das

demarcados. Com ferramentas metodológicas dos estudos discursivos foucaultianos, abordarei tais estudos para verificar os modos pelos quais saber e poder se relacionam e produzem efeitos nas subjetividades de indivíduos marginalizados. Com isso, pretendo compreender o funcionamento do dispositivo de racialidade, já descrito por Carneiro (2023), no futebol brasileiro.

Kilomba (2019, p. 75) afirma que “a branquitude é construída como ponto de referência a partir do qual todas/os as/os ‘Outras/os’ raciais ‘diferem’”, desse modo, pode-se inferir que, enquanto grupo que se considera hegemônico, a branquitude constitui-se a partir do Outro, daquele considerado diferente. Nesse processo, esse “Não Ser” é objetivado em práticas discursivas que dão uma conotação negativa ao negro. Por conseguinte, a estudiosa acrescenta que:

no racismo estão presentes, de modo simultâneo, três características: a primeira é a construção de/da diferença. A pessoa é vista como “diferente” devido a sua origem racial e/ou pertença religiosa. Aqui, temos de perguntar: quem é “diferente” de quem? É o sujeito negro “diferente” do sujeito branco ou o contrário, é o branco “diferente” do negro? Só se torna “diferente” porque se “difere” de um grupo que tem o poder de se definir como norma – a norma branca. Todas/os aquelas/es que não são brancas/os são construídas/os então como “diferentes” (Kilomba, 2019, p. 75).

Essa reflexão é pertinente no contexto do racismo no futebol brasileiro, em que, como visto nas análises, o negro é objetivado como aquele que se difere dos demais, o anormal, o animal, o indigno de ocupar uma posição de prestígio naquela relação de poder. Como constata Kilomba na afirmação lida anteriormente, os sujeitos só podem ser demarcados enquanto diferentes, porque se diferem do sujeito hegemônico, o Eu, e das normas tomadas discursivamente como padrão. Assim, é através de discursos de objetivação que são produzidos saberes que dão aos negros a posição de inferiores nas relações de poder em que estão presentes.

No futebol, por exemplo, muitas foram as práticas discursivas materializadas por meio de enunciados que apareceram e reapareceram durante os anos e cristalizaram saberes que reforçam o negro como aquele que não se encaixa aos ambientes e que, por isso, traria desordem e prejuízo aos seus clubes. Um exemplo disso são os discursos de azar, associados, principalmente, aos goleiros negros após a derrota da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1950¹⁶. Assim, constato, outra vez, o sujeito negro no lugar do “não ser”, aquele que é sempre inadequado.

Dessa forma, os sujeitos futebolistas negros, por supostamente não apresentarem as virtudes necessárias para ser parte efetiva das equipes, são jogados às margens. Diferentemente do que acontecia nos primeiros anos da prática futebolística no Brasil, hoje eles até são contratados pelos clubes, mas são constantemente rebaixados e retirados das posições de protagonismo e destaque, mesmo que as mereçam.

ferramentas metodológicas de Michel Foucault, em que utilizarei os estudos da artista para compreender práticas discursivas que objetivam negros, mas com uma metodologia de análise que não se desprenderá das reflexões tecidas pelo filósofo francês.

¹⁶ A Copa do Mundo de 1950 foi um torneio que reuniu seleções de futebol de diversos países e teve como sede o Brasil. A equipe brasileira foi derrotada na partida final pelo placar de 2x1 para os uruguaios. Apenas os futebolistas brasileiros negros foram responsabilizados pela derrota.

Diante das práticas observadas acima, é possível visualizar o exercício do dispositivo de vigilância atuando sobre os sujeitos atletas negros de futebol, dispositivo esse que oferecerá elementos que compõem o de racialidade, como será demonstrado a seguir. Para formatar as condutas de tais sujeitos, discursos, organizações esportivas, torcidas de clubes e outras instituições, em rede, produzem efeitos de poder sobre tais corpos que são marginalizados, marcados como incorretos, infratores, mesmo que não sejam. Assim, precisam agir conforme as normas da branquitude para que sejam tolerados nos ambientes esportivos. De tal modo, é preciso que “os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam” (Foucault, 1987, p. 196), inferiorizando-os perante a sociedade.

Kilomba (2019, p. 75/76) acrescenta que:

a segunda característica é: essas diferenças construídas estão inseparavelmente ligadas a valores hierárquicos. Não só o indivíduo é visto como “diferente”, mas essa diferença também é articulada através do estigma, da desonra e da inferioridade. Tais valores hierárquicos implicam um processo de naturalização, pois são aplicados a todos os membros do mesmo grupo.

Desse modo, a segunda característica do racismo é sua organização a partir da criação e da manutenção de valores hierárquicos, que colocam o branco enquanto superior e o negro como aquele que deve o servir. Os enunciados que objetivam os negros em discursos de subserviência emergem em diferentes momentos, tendo raízes históricas na escravização de pessoas que eram sequestradas, tiradas de seus países, culturas e famílias e trazidas para desempenhar um trabalho forçado e de alta performance, deles ainda era cobrado gratidão.

Neste trabalho, não tomarei essa hierarquia como uma estrutura fixa, um poder que emana de um dominador para um dominado, mas como relações cotidianas que darão aos sujeitos posições específicas. Como lembra Fernandes (2017, p. 96) “o poder coloca em jogo relações entre sujeitos e os discursos refletem os lugares desses sujeitos”, de tal modo, são os discursos de objetivação que vão dar conta desses lugares dados aos diferentes sujeitos.

De modo semelhante, os futebolistas negros brasileiros também são colocados nessa posição de serviço, o que poderia ser algo normal, já que são profissionais, a diferença é que, para essas pessoas, as suas funções de trabalho servem como uma validação para que sejam tolerados e momentaneamente considerados humanos, no instante em que não corresponderem ao que é esperado, serão invalidados. Esses movimentos já foram observados nas análises realizadas neste capítulo, como nos enunciados em que Michel Bastos se torna objeto de discursos de inferioridade ao ser cobrado por não ser grato por ter a chance de ser atleta de futebol, já que é negro.

Kilomba (2019, p. 76) acrescenta que “esses dois últimos processos – a construção da diferença e sua associação com uma hierarquia – formam o que também é chamado de *preconceito*”, ou seja, o preconceito é gerado a partir de um senso de superioridade que se estabelece por meio dos sistemas de diferenciação e hierarquia que, discursivamente, separam e

demarcam uma oposição dos negros em relação aos brancos. Desse modo, o preconceito se estabelece como uma construção discursiva que, nestes casos, são exercícios do poder com estratégias organizadas para manter os negros como inferiores e subservientes aos brancos.

Diante dessa constatação, é possível compreender que ambas características do racismo, elencadas e apresentadas por Kilomba, são estratégias que funcionam em meio a relações de poder nas quais estão inseridos os sujeitos futebolistas negros brasileiros e os brancos. Essas estratégias são percebidas e analisadas por meio de enunciados, como os já apresentados, mas também através de dados constatados por diferentes institutos sociais.

Nesse sentido, Kilomba (2019, p. 77) acrescenta que

o racismo é revelado em um nível estrutural, pois pessoas *negras* e *People of Color* estão excluídas da maioria das estruturas sociais e políticas. Estruturas oficiais operam de uma maneira que privilegia manifestadamente seus sujeitos brancos, colocando membros de outros grupos racializados em uma desvantagem visível, fora das estruturas dominantes. Isso é chamado de *racismo estrutural*.

Desse modo, os negros são constantemente excluídos tanto em formas discursivas quanto em não-discursivas. Discursivamente, observa-se os processos de exclusão racial como efeitos do poder que se exercem, no futebol, de diferentes modos. O primeiro deles é por meio dos discursos de infantilização, em que o atleta negro é objetivado como menos maduro para desempenhar com seriedade suas funções profissionais. Desse modo, estaria fadado ao fracasso, sendo dependente de um outro, geralmente branco (Ser), que deve gerir sua carreira e dar-lhe instruções. Nessa conjuntura, Kilomba (2019, p. 79) destaca que “o sujeito negro torna-se a personificação do dependente – o menino, a menina, a criança ou a/o serva/o assexuada/o – que não pode sobreviver sem o senhor”.

Isso pode ser observado em diferentes enunciados que compõem práticas discursivas que tornam o futebolista negro Vinícius Júnior¹⁷ objeto de discurso. O atleta sofre ataques racistas na Espanha desde sua chegada ao Real Madrid, em 2018, mas muitos ex-jogadores e jornalistas defendem que as suas ações¹⁸ são justificativas para os ataques, de modo que faltaria maturidade por parte do atleta para lidar com seus adversários. Observa-se no enunciado seguinte, materializado em uma declaração do ex-zagueiro Puyol, branco e de nacionalidade espanhola: SE04: *Vinicius é um grande jogador, faz diferença e teria que ser admirado em todos os estádios. Eu adoraria falar com ele como companheiro e lhe dizer o que penso sobre ele. Se mudasse sua atitude, teria mais reconhecimento*¹⁹.

¹⁷ Embora muitos dos enunciados que tomam Vinicius Junior como objeto do discurso racista não tenham sido materializados no Brasil, é possível, por meio deles, analisar o funcionamento de um dispositivo de racialidade que opera sobre um sujeito futebolista negro brasileiro.

¹⁸ As ações se referem às comemorações, danças e respostas às provocações racistas.

¹⁹ O enunciado mobilizado foi produzido originalmente em língua espanhola, a tradução utilizada neste trabalho foi realizada pelo portal esportivo GE. Leia mais: [Puyol, sobre Vinicius Junior: "Se mudasse sua atitude, teria mais reconhecimento" | futebol internacional | ge \(globo.com\)](#)

O sujeito enunciador, inicialmente, elogia Vinícius Júnior e diz que o atleta merece reconhecimento nos estádios de futebol, mas condiciona a mudança de atitudes da plateia branca a uma modificação nos comportamentos do futebolista negro. Desse modo, a ausência de respeito em relação a Vinícius é justificada por comportamentos que, segundo Puyol, deveriam ser corrigidos. As práticas racistas em relação ao sujeito negro são minimizadas, justificadas e/ou desconsideradas perante as atitudes do atleta. Assim, Vinícius é infantilizado, considerado imaturo e menos digno de ser respeitado e admirado.

Além disso, Puyol, enquanto sujeito hegemônico, o Ser, valida-se a partir das diferenças para com o Outro, Vinicius Junior, pois como um dos maiores zagueiros do futebol espanhol, o ex-atleta projeta-se como exemplar e necessário conselheiro para que o futebolista brasileiro receba o devido reconhecimento por suas práticas em campo. O atleta negro, por outro lado, precisa ser educado, alinhar-se a condutas discursivamente construídas para que possa ser respeitado nos estádios espanhóis. O uso da forma verbal “teria” (futuro do pretérito do modo indicativo) e da conjunção subordinativa condicional “se”, em *Vinicius é um grande jogador, faz diferença e teria que ser admirado em todos os estádios* indica que a impossibilidade da concretização do respeito é justificada pelas atitudes do sujeito objetivado nesse enunciado.

De tal modo, embora se trate de um futebolista, ser um grande jogador e fazer a diferença para sua equipe não são razões suficientes para que tenha reconhecimento esportivo, é necessário que ele se alinhe ao discurso, subjetive-se em tal prática, tenha uma existência condicionada aos limites dados para sua participação no futebol e na sociedade espanhola. Ao transgredir a tais determinações, é colocado em um lugar de infantilização, de imaturidade, daquele que ainda não está preparado para ocupar uma posição de destaque e prestígio social. Puyol ocupa, então, a posição de sujeito hegemônico nesse discurso de uma conduta moral, ao qual deseja que o atleta, objeto discursivo, deveria se subjetivar.

Fernandes (2017, p. 98) enfatiza que “há uma tecnologia de poder sobre o corpo, que funciona em rede e promove a docilidade e a submissão daqueles sobre quem ela recai”, formatando-os a partir das práticas discursivas as quais estão inseridos. O discurso racista, por meio da infantilização do negro, funciona como um elemento dessa rede, um mecanismo do poder que, ao colocá-lo em lugar de imaturo e despreparado, busca educá-lo, ou seja, conduzi-lo conforme as condutas de interesse de um grupo hegemônico.

O enunciado (SE04) é também um mecanismo do poder, pois produz efeitos que o colocam em embate com as estratégias de resistência. Ora, se o sujeito é infantil e dependente, não possui condições para exercer um pensamento crítico e subjetivar-se em outros discursos que não sejam aqueles em que é colocado com objeto, logo, precisa assujeitar-se em determinadas práticas discursivas e se reconhecer em outras, deixando as lutas antirracistas e adotando condutas que

pretensamente o tornaria livre do racismo (obtendo o reconhecimento merecido segundo o sujeito hegemônico). Na verdade, tais práticas somente conduzirão o sujeito a condutas específicas e produzirão efeitos sobre sua subjetividade, como o silenciamento, fazendo com que o negro continue sendo apenas objeto.

Ademais, como descrito por Foucault (2008) e citado anteriormente neste trabalho, o enunciado é também um meio de diferenciação, pelo qual o sujeito, o Ser, demarcará sua diferença para o Outro. Ao enunciar, Puyol explicita por meio das escolhas lexicais ao empregar Eu e Ele, as diferenciações que os colocam em faces opostas. De um lado aquele que deveria ser ouvido, que pode ajudar e ensinar os modos corretos de ser e agir, do outro está aquele que deve escutar, aprender a se comportar socialmente.

Há, nesse sentido, junto a esses discursos de comportamento e moral, a prática de um poder disciplinar, pois, ao ser objetivado em práticas discursivas de imaturidade e despreparo, Vinícius Júnior necessita ouvir o que o sujeito hegemônico diz sobre ele para se adequar àquela sociedade e ser respeitado. Portanto, precisa se deslocar de sua subjetividade para aquela considerada ideal para ele, enquanto o Outro de um discurso em que não está subjetivado e, como uma criança transgressora, será disciplinado. Por meio da disciplina, “há a ocupação do tempo, do corpo, da vida enfim dos sujeitos alvos de seu exercício” (Fernandes, 2017, p. 98), com base nisso, percebe-se que o reconhecimento para o sujeito futebolista negro não está condicionado só ao seu trabalho, mas ao modo em que deixará ser ocupado (conduzido) pelos discursos racistas.

Conforme Kilomba (2019), o poder também se exerce por meio dos discursos de primitividade e incivilidade dos sujeitos negros, fazendo com que sejam considerados atrasados, menos civilizados e mais agressivos que os demais. Dessa maneira, o racismo é justificado por discursos moralistas em que o negro é o Outro, aquele que não detém os princípios necessários para viver em sociedade, pois é violento, provocador, ameaçador e deve ser combatido, deixando evidente, mais uma vez, sistemas de diferenciação. O branco, por sua vez, é o Ser, a face positiva desse jogo de relações, aquele que preza pelos valores e defende-os da ameaça dos sujeitos que estão à margem dos discursos hegemônicos.

O terceiro modo no qual o poder se exerce é por meio dos discursos de animalização, que possuem margens povoadas pelos discursos de primitividade e incivilidade. Kilomba (2019, p. 79) considera que “o sujeito negro torna-se a personificação do animal - a/o selvagem, a/o primata, a/o macaca/o, a figura do “King Kong” -, outra forma de humanidade”. Em conformidade a essa concepção, os sujeitos futebolistas brasileiros negros se tornam objetos de práticas discursivas que os afastam da condição humana e os colocam como incapazes de conviverem de forma harmoniosa e respeitosa com o restante da sociedade. Nesse sentido, diversos são os discursos em que esses sujeitos, na condição de objeto, são animalizados, para que se mantenham inferiorizados e

merecedores das críticas e ataques recebidos, pois, se eles não são humanos, não é preciso se preocupar com seus sentimentos e com suas dignidades e, desse ponto de vista, muitas ofensas ficam permitidas.

No futebol, tais práticas discursivas são materializadas em diferentes enunciados que, no decorrer das décadas em que tal modalidade esportiva é praticada no Brasil, objetivam os negros em discursos de violência. Um exemplo pode ser observado já nos primeiros campeonatos oficiais de futebol no país, como foi o caso da competição que reunia os principais times do estado do Rio de Janeiro, que tentaram impedir a participação do Clube de Regatas Vasco da Gama, formado majoritariamente por atletas negros, com a justificativa de que, por praticarem serviços braçais, seriam mais fortes que os brancos, e isso desencadearia uma situação de injustiça no campeonato.

Nesse sentido, é possível compreender que as práticas discursivas racistas funcionam de modo organizado para a exclusão social do atleta negro de futebol brasileiro. Essa compreensão é respaldada pela possibilidade de observar e analisar uma variedade de enunciados que estão relacionados no interior dessa formação discursiva. Desse modo, como descrito anteriormente, percebe-se que o discurso não existe sozinho, isolado, mas com outros e a partir de outros anteriormente produzidos. Além disso, como destaca Kilomba (2019, p. 81), “o racismo, portanto, funciona para justificar e legitimar a exclusão de “Outras/os” raciais de certos direitos”.

Considerando as manifestações do discurso racista, apresentadas e analisadas acima, interesse-me por problematizar a existência de um dispositivo de racialidade no futebol brasileiro, ou seja, uma rede composta por práticas discursivas, instituições, grupos e outros elementos, que funciona para controlar, conduzir e disciplinar os sujeitos atletas negros, mantendo-os em posições de serviço e em inferioridade aos brancos.

Para demonstrar a existência do dispositivo de racialidade, Carneiro (2023), além dos estudos de Foucault, utiliza-se da teoria do contrato racial, de Charles Mills. Abordando tal teoria, a autora parte do princípio de que o dispositivo de racialidade encontra seu ponto central no contrato racial, já que ele relaciona diferentes elementos que objetivarão a exclusão, silenciamento e deformação das subjetividades negras. Além disso, trata-se de um contrato firmado entre “iguais”, por aqueles que se colocam em posições de superioridade na sociedade, a branquitude. É nesse ponto que Carneiro (2023, p. 35) elucida que:

A especificidade do contrato racial consistiria no fato de ser um contrato restrito aos racialmente homogêneos, no qual a violência racial em relação aos racialmente diferentes é um elemento de sustentação do próprio contrato, que desloca os diferentes para o estado da natureza.

Assim, o contrato racial sustenta-se ao passo que subjetividades negras são constituídas, modificadas, conduzidas e corpos são docilizados. Tais efeitos de poder reforçam a relação existente entre o Ser e o Outro, fazendo com que o segundo permaneça inferiorizado, animalizado e

excluído. Dessa forma, se é o contrato racial um elemento central na constituição do dispositivo de racialidade, é também pelo dispositivo que as relações de poder se exercem, se modificam e continuam existindo.

Desse modo, o contrato racial, descrito por Mills, está presente nas relações de poder e na constituição do dispositivo de racialidade, que consiste em práticas discursivas, ou não, que têm como efeito fazer com que o negro permaneça inferiorizado em relação ao branco e, embora esteja presente em determinados ambientes, seja privado de uma presença efetiva. Tal movimento pode ser observado no futebol brasileiro, já que muitas são as práticas discursivas em que os atletas negros, mesmo que cumpram suas funções esportivas, tornam-se objeto de inferioridade e exclusão.

Na sociedade brasileira, o dispositivo de racialidade, por meio das práticas discursivas, estruturas, organizações, instituições etc., produz subjetividades negras marginalizadas e que, por isso, precisam assumir determinadas condutas para que sejam moralmente aceitas. Assim, a organização social espera os sujeitos brancos em posições de destaque e controle de condutas e os negros ao seu serviço, e, ao romper com essa estrutura, o sujeito é considerado inadequado para pertencer a tal grupo.

Além disso, para Carneiro (2023, p. 50), “no exemplo brasileiro, o discurso que molda as relações raciais é o mito da democracia racial. Sua construção e permanência até os dias atuais evidencia, por si, sua função estratégica, sobretudo como apaziguador das relações étnico-raciais”. Desse modo, discurso da democracia racial é outro elemento constituinte do dispositivo de racialidade, sendo um mecanismo do poder que age sobre os corpos e subjetividades dos sujeitos negros.

No futebol, enunciados constituídos por esse discurso aparecem em diferentes momentos históricos. Além disso, a própria prática futebolista é um artifício que muitos usam para justificar que a igualdade entre negros e brancos foi alcançada, pois muitos são os atletas negros de destaque midiático e financeiro. Por outro lado, as práticas de condução de conduta e silenciamento dos atletas negros fazem com que surjam representações deformadas, fazendo com que esses sujeitos, embora estejam visíveis, permaneçam apenas objetivados, uma vez que continuam sendo o Outro, não sendo validado aquilo que diz sobre sua própria subjetividade.

Os discursos de violência, também, compõem tal dispositivo, sobretudo ao tomar o homem negro enquanto objeto. No enunciado “negro parado é suspeito, correndo é ladrão”, o sujeito objeto do discurso de violência tem sua subjetividade deformada e, como apresentado anteriormente, uma verdade é instituída. Contudo, não é o sujeito negro quem confessa sobre sua subjetividade, mas é mais uma vez o Outro nesse discurso, sendo a face negativa da sociedade, aquilo que não se deve ser.

Do ponto de vista linguístico, o enunciado é constituído a partir do uso de dois verbos significativos: “parado” e “correndo”. Dessa forma, o sujeito negro fica reduzido a dois modos antagônicos de ser, nos quais, de uma forma ou de outra, ele é culpado e perigoso, sendo, assim, objetivado por um sujeito hegemônico que o toma como objeto do discurso. Nas duas partes do enunciado, o negro é adjetivado de modo negativo, objetivado, mais uma vez, em discursos de incivilidade e animalização. Assim, o Ser, ao enunciar, afirma-se por meio da negação do Outro, pois, para que os sujeitos brancos se demarquem em posição de superioridade, os negros devem permanecer inferiorizados na sociedade.

Por fim, com o fito de compreender os modos nos quais o dispositivo de racialidade captura os sujeitos futebolistas negros brasileiros e agem na condução de suas condutas, trago à análise um enunciado materializado em uma entrevista concedida pelo atleta Felipe Melo, ao canal SporTV, após uma vitória por 3x2 da equipe do Palmeiras sobre o *Peñarol*²⁰ em que o brasileiro afirma ter sido chamado de macaco pelo uruguaio Gastón Rodríguez²¹. O enunciado em questão é:

SE05: O cara que fez o gol deles estava me chamando de macaco, durante muito tempo ele ficou me chamando de macaco. Macaco pra lá, macaco pra cá. Eu creio que, eu acho que se a televisão aí, ou as câmeras pegarem bem, eu acho que dá pra pegar esse cara chamando a gente de macaco aí. Sou preto mesmo. Eu acho que ele já deve ter tido algum problema. A mulher dele já deve ter traído ele com algum negão, alguma coisa assim.

Em seguida, ao ser questionado se denunciaria o fato à polícia, Felipe Melo acrescenta que:

SE06: Denunciar nada, faz parte do futebol isso aí, eu acho que isso aí entra. Faz parte do futebol não, desculpa, isso aí excede ao futebol, né, eu, de repente se fosse o Felipe de algum tempo atrás, eu já virava ali um socão, alguma coisa, mas graças a Deus, Deus tem me regenerado. Eu tenho aprendido muito, é tenho controlado mais o meu ânimo e glória a Deus isso eu pude demonstrar hoje.

Tendo em vista as séries enunciativas (SE05 e SE06), observa-se que o sujeito futebolista negro brasileiro enuncia sobre sua própria subjetividade, diferentemente do que acontece nos enunciados analisados anteriormente, em que tais indivíduos eram tomados apenas como objeto das práticas discursivas, ocupando sempre a posição do Outro e nunca do Eu. Contudo, busco verificar na presente análise a presença de dispositivos de racialidade que capturam e agenciam o sujeito no momento da enunciação, fazendo com que, embora demarque-se em uma posição antirracista, revele contradições que mostram os efeitos de poder que agem na constituição de sua subjetividade.

Na SE05, o sujeito enunciator mostra-se, em um primeiro momento, consciente das ofensas racistas que sofreu durante a partida, de tal modo, coloca-se em lugar de combate ao denunciar e expor os fatos ocorridos. Assim, o Eu poderia colocar-se em uma estratégia de resistência, opondo-se às práticas discursivas de animalização que o toma como objeto. Porém, no recorte enunciativo *A*

²⁰ Club Atlético Peñarol é uma instituição esportiva uruguaia que enfrenta diversos clubes brasileiros na Copa Libertadores da América.

²¹ A entrevista pode ser encontrada em: [Felipe Melo desabafa e acusa uruguaio de racismo \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=...)

mulher dele já deve ter traído ele com algum negão, alguma coisa assim, mostra-se capturado pelo dispositivo de racialidade, reproduzindo discursos que responsabilizam o homem negro pelo preconceito sofrido, como observado em análises anteriores. Observa-se, desse modo, presente no dispositivo o enunciado de sexualização do homem negro, ao afirmar que a motivação da ofensa se deu pela traição da esposa de Rodríguez com um “negão”.

Desse modo, observa-se o efeito de poder que age sobre tais indivíduos, tornando-os sujeitos que, apesar de reconhecerem-se em discursos antirracistas, reproduzem também enunciados que tornam evidente sua exclusão. Assim, Felipe Melo demarca sua existência ao enunciar *sou preto mesmo*, mas, em sequência, descia a natureza da culpabilização das práticas racistas, que deveriam ser dadas somente aos racistas, e transfere aos que sofrem tais ataques. Esse é um dos efeitos da condução de condutas que se dá por meio do dispositivo de racialidade, que age minimizando os atos de exclusão racial e estimulando nos negros o sentimento da culpa. Isso retoma práticas da escravidão que cobravam gratidão dos escravizados por poderem estar nas fazendas exercendo trabalho forçado.

Ainda em relação à condução de condutas, nota-se o poder disciplinar, que produz sujeitos que devem agir de acordo com normas estabelecidas pelos saberes discursivamente instituídos e cristalizados. Na SE06, nota-se, junto ao dispositivo de racialidade, o de religiosidade, que produz efeitos de disciplinaridade sobre o sujeito futebolista negro Felipe Melo, inferindo em seus modos de agir frente ao caso de injúria racial, um crime no Brasil. Ao ser questionado se denunciaria o autor das ofensas, o atleta enuncia *denunciar nada, faz parte do futebol isso aí*, revelando que, apesar de reconhecer os problemas relacionados ao ocorrido, minimiza a importância de levá-lo à esfera judicial.

Seguindo essa lógica, o sujeito enuncia que o racismo é algo inerente ao futebol, demarcando-se em uma posição contraditória, pois, apesar de indignar-se com as atitudes do agressor, não se posiciona de forma explícita nas lutas antirracistas. Por conseguinte, não usa o espaço de mídia para dar luz a enunciados de resistência. Em seguida, busca corrigir o que foi dito anteriormente.

Ademais, o discurso religioso aparece ao passo que o sujeito revela que, em outros tempos, lidaria com o caso de racismo agredindo fisicamente o racista, não cogitando, novamente, a possibilidade de denunciá-lo por seus atos. Contudo, afirma que Deus o ensinou a se controlar e, dessa forma, agir perante atos como esse. Acrescenta também que, por não ter executado a agressão, mostrou os ensinamentos divinos recebidos. Desse modo, constato o dispositivo de religiosidade conduzindo o sujeito para não denuncie o crime pelo qual foi vítima e aguarde a justiça sagrada.

Portanto, embora o sujeito reconheça-se enquanto homem negro e indigne-se frente a atos racistas, não ocupa a posição sujeito em discursos de resistência pois tem sua subjetividade capturada e agenciada por dispositivos que o controlam e o disciplinam para mantê-lo silenciado em relação a tais pautas.

Diante das análises apresentadas nesta seção e das reflexões teóricas arroladas, observo, conforme Carneiro (2023), que o dispositivo de racialidade na sociedade brasileira produz efeitos na subjetivação dos sujeitos negros, produzindo subjetividade e conduzindo condutas. O dispositivo, como apresentado nas análises, por seu caráter heterogêneo, opera por meio de instituições, relações de poder, discursos e estruturas físicas e sociais.

No capítulo seguinte, partirei das análises aqui realizadas para verificar as formas de dizibilidade, conservação e memória dos enunciados. Em outras palavras, descreverei o que possibilita que algo possa ser dito, conservado no passar do tempo, para estar presente em um domínio de memória e para, posteriormente, ser reativado ou apropriado. Abordarei, então, a noção de arquivo para a efetivação de tais análises. Além disso, analisarei os modos pelos quais os dispositivos, dadas as especificidades de cada época, agirão na construção de subjetividades e condução de condutas dos futebolistas brasileiros negros.

Capítulo II

2 Formas de dizibilidade, conservação e memória – Por que isso pode ser dito?

Observando o percurso histórico do futebol no Brasil, sabe-se que seis anos após a assinatura da Lei Áurea²², retornou ao Brasil, Charles Miller, um paulista que estudou na Inglaterra e trouxe consigo uma bola de couro, uniformes e um livro com regras básicas de um esporte que se popularizaria e se tornaria o mais praticado no país, o futebol. Em poucos anos, o jogo começou a ser disputado nos principais clubes do Rio de Janeiro, que construíram arquibancadas para que as famílias ricas e tradicionais pudessem levar seus filhos e filhas para assistirem às partidas, tornando-se, assim, um tradicional programa de domingo pós-missa.

Aqueles que se interessassem em praticar o futebol, deveriam tornar-se sócios dos clubes e pagar um valor mensal em dinheiro. Por isso, conforme Filho (2003), inicialmente, a prática desse esporte se restringia aos homens brancos e ricos, enquanto as mulheres brancas podiam acompanhar as partidas nas arquibancadas. Nesse ponto já é possível observar a relação da masculinidade e da racialidade com a prática esportiva do futebol, uma vez que era acessível apenas aos homens brancos, cabendo às mulheres brancas a função de admirá-los, enquanto aos negros não era permitida nenhuma forma de participação.

Anos depois, ao observar a inserção dos negros na prática do futebol, o jornalista Mário Filho (1908-1966), no livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, publicado originalmente em 1947, apontou para a ideia de democratização racial no Brasil, hoje sabidamente falsa. Ele acreditava que a prática esportiva havia concretizado uma relação de igualdade social entre pessoas negras e brancas, já que ambas podiam conviver harmoniosamente em um mesmo ambiente. Contrariamente, iniciava-se um acordo moral, em que os sujeitos oprimidos foram silenciados e guiados a permanecerem assim, enquanto os opressores disfarçavam as suas ações preconceituosas, reforçando as relações de poder existentes entre eles. No convívio futebolístico, a nobreza branca tolerava a presença dos homens negros com a condição de que aquelas pessoas trouxessem o retorno esportivo desejado.

O Internacional de Porto Alegre aparece entre os primeiros clubes de futebol do Brasil que tiveram homens negros em seus grupos de futebolistas, assim como o Vasco da Gama²³ no Rio de Janeiro e a Ponte Preta²⁴ no estado de São Paulo. Isso gerou diversas represálias a essas equipes,

²² Lei que proibia, de modo oficial, a escravidão no Brasil, contudo, nenhuma medida foi tomada para garantir condições dignas de vida às pessoas negras, que foram jogadas às margens das sociedades.

²³ O Clube de Regatas Vasco da Gama é um dos mais atuantes nas diversas lutas sociais desde sua fundação, dentre elas a batalha antirracista e contra a LBTfobia. Leia mais em: [1924 – A Resposta Histórica « Vasco da Gama](#)

²⁴ A Associação Atlética Ponte Preta foi importante na luta pela inserção do negro no futebol. Leia mais em: [Nossa História – A. A. PONTE PRETA](#)

dentre elas a inferiorização da instituição. Filho (2010) revela que a primeira diferenciação entre os clubes grandes e pequenos, comum no futebol, estava relacionada à formação das equipes, aquelas em que havia somente descendentes de estrangeiros e brancos eram classificadas como maiores, já as compostas por negros e operários eram as menores.

O autor, ao descrever as diferenças entre o Botafogo (instituição localizada em bairro nobre do Rio de Janeiro) e o Bangu (time de negros e trabalhadores de fábricas), enfatiza que “um era o clube dos grandes, o outro, o clube dos pequenos” (Filho, 2010, p. 43). Por conseguinte, os atletas, torcedores e integrantes das equipes são classificados em graus de inferioridade e superioridade e a métrica que define essa diferenciação está centrada na cor da pele, no trabalho e na condição financeira. É preciso enfatizar que, desde essa época, as questões sociais e raciais no Brasil são intimamente ligadas. A compreensão deste percurso histórico é fundamental para o desenvolvimento das análises que serão realizadas a seguir.

Por meio das reflexões teóricas e análises desenvolvidas no Capítulo I deste trabalho, pude descrever o funcionamento de algumas das práticas discursivas racistas que objetivam os atletas negros e analisar os modos pelos quais o dispositivo de racialidade opera na condução de condutas e controle desses sujeitos, capturando-os e, desse modo, atuando na constituição de suas subjetividades. Observei, ainda, o funcionamento das relações de poder em que os sujeitos brancos e negros, nos espaços relacionados ao futebol, inscrevem-se, destacando os mecanismos do poder que se exercem de forma sistemática e gerando efeitos de exclusão e silenciamento, uma vez que o negro se torna o Outro dessas práticas discursivas.

Neste capítulo, pretendo, a partir das análises que serão realizadas, compreender a historicidade dos discursos que compõem o dispositivo de racialidade e tomam os sujeitos atletas negros brasileiros como objeto. Assim, será de extrema importância a compreensão das condições históricas que permitem que os discursos apareçam, se modifiquem e reapareçam em diferentes épocas e períodos. Para tanto, as noções de arquivo e condições de possibilidades, em Foucault (2008), serão de extrema importância para a efetivação das análises aqui propostas.

Para isso, o capítulo será dividido em três seções que serão compostas pelas reflexões teóricas que se fazem necessárias para a efetivação das análises que também serão arroladas neste capítulo. Para as análises, retomarei os discursos racistas já descritos e analisados anteriormente, como os de: inferiorização, animalização, infantilização, incivilidade e desumanização dos sujeitos atletas negros. Desse modo, espero ser possível, a partir da observação do domínio associado em que estão os enunciados e da análise de outros elementos que compõem a rede discursiva, compreender o *a priori* histórico e o arquivo que possibilitam que os enunciados racistas, que tomam o negro como objeto, apareçam nos espaços futebolísticos.

Diante disso, interessa-me, principalmente, compreender, pelas análises discursivas, o que pode ou não ser dito em tais formações, além daquilo que possibilita que tal coisa possa ser dita. Ou seja, busco compreender o que se pode dizer sobre os sujeitos negros brasileiros atletas de futebol e o porquê pode ser dito (Quais são os elementos que possibilitam o aparecimento de tais enunciados? Quem autoriza? Quem pode falar? Quem não pode falar?). Em suma, questiono-me “Por que estes (enunciados) e não outros?” (Foucault, 2008, p. 56).

Para tanto, analisarei os modos como os enunciados se conservam e permanecem vivos no interior de um domínio de memória, que permite que eles se modifiquem, sejam apropriados e reativados. As condições históricas de possibilidade, outros enunciados, relações de saber e poder serão elementos analisados com a finalidade de responder aos questionamentos apresentados.

Em suma, o objetivo deste capítulo é compreender e descrever as condições de aparecimento dos discursos, analisando, assim, as suas formas de dizibilidade, conservação e memória, nesse sentido, descrevo a seguir os modos em que estas noções serão mobilizadas neste trabalho:

- Dizibilidade: ao analisar as formas de dizibilidade, busco verificar o que se pode falar sobre o futebolista negro brasileiro desde sua inserção na modalidade esportiva. Além disso, pretendo descrever o funcionamento dos diferentes discursos que povoam os enunciados que tomam esses atletas como objeto.
- Conservação: busco descrever os modos nos quais os arquivos conservam vivos os enunciados e possibilitam que eles reapareçam ou se transformem em diferentes momentos e emergências históricas.
- Memória: verificarei quais enunciados estão presentes em domínios de memória em que coexistem as materialidades dispersas nas práticas discursivas racistas de animalização, infantilização, primitividade e incivilidade do homem negro.

Portanto, trata-se das formas possíveis em que os enunciados podem ser materializados e conservados no interior de domínios de memória, possibilitando a emergência de outros enunciados e a reativação daqueles que outrora apareceram (Foucault, 2010).

As análises aqui realizadas possibilitarão compreender e descrever as relações de saber e poder que estão intimamente ligadas no percurso histórico da participação do atleta brasileiro negro no futebol. De tal modo, será possível observar o funcionamento dos discursos racistas que tornam o negro objeto de práticas de animalização, incivilidade e primitividade. Com base nessa análise, a expectativa é de seja possível entender quais são os efeitos de poder de tais práticas na constituição das subjetividades dos futebolistas negros e como eles operam na condução de suas condutas.

2.1 O A priori histórico, o arquivo e as formas de dizibilidade

Como observado no início deste trabalho, quando discorri sobre o funcionamento dos discursos, tentei mostrar que o discurso é um determinante na constituição de subjetividades, mas também resultado da correlação de diversos elementos discursivos e não-discursivos que lhe permitem a existência e lhe fornece as condições históricas de possibilidade. Todo discurso possui uma historicidade, ou seja, um conjunto de elementos já produzidos, ditos ou não-ditos, que o compõe e faz com que possam ser enunciados. Os discursos aparecem em locais e momentos específicos, porque tais condições possibilitam sua emergência.

Nesse sentido, Foucault (2008) aborda a noção de positividade para pensar no *a priori* histórico como fator composto por uma dispersão de enunciados e acontecimentos que possibilita a emergência de novos enunciados, que se conservam, mas também se modificam, atualizam e reativam outros que apareceram em momentos históricos anteriores. Inicialmente, Foucault (2008, p. 144) elucida que:

Essa forma de positividade (e as condições de exercício da função enunciativa) define um campo em que, eventualmente, podem ser desenvolvidos identidades formais, continuidades temáticas, translações de conceitos, jogos polêmicos. Assim, a positividade desempenha o papel do que se poderia chamar um *a priori* histórico.

A positividade, de tal maneira, possibilitará que os enunciados, encontrados em uma dispersão, possam também ser organizados, analisados em conexão uns com os outros, como em séries enunciativas, pois, por meio do *a priori* histórico, pode-se compreender as condições que perpassam pela constituição de diferentes enunciados, que garantem uma existência que não é individual, mas sempre relacionada a outros que já emergiram e ainda vão emergir.

Para além disso, Foucault preocupa-se em diferenciar o *a priori* histórico de uma verdade preestabelecida, homogênea, que vai definir o discurso como aquilo que é certo ou errado, ou o moral e o amoral. Não se trata, desse modo, de um elemento que vai conferir ao discurso uma validação do ponto de vista formal, de ser algo que deve ou não ser aceito pelos sujeitos. De modo contrário, Foucault (2008, p. 144) acrescenta que “um *a priori* não seria condição de validade para juízos, mas condição de realidade para enunciados”, é o que permite, junto à função enunciativa, como descrito pelo filósofo na citação anteriormente apresentada, que o enunciado seja efetivamente produzido e povoado por práticas discursivas diversas.

Não me interessa, portanto, verificar se aquilo que é enunciado sobre os sujeitos atletas de futebol negro brasileiro é verdadeiro, do ponto de vista moral, ou não. Mas, interessa-me compreender as condições nas quais os enunciados puderam emergir, materializando-se em diferentes suportes, meios e momentos. Contudo, é importante observar as especificidades que conferem existência ao enunciado e fazem-no novo. Logo, nenhum enunciado existe sem que tenha

relação com outros enunciados, instituições, sujeitos, objetos, ou seja, com uma historicidade que lhe possibilite a existência.

Em vista disso, para constituir a arqueogenealogia da participação dos atletas negros brasileiros no futebol, será preciso analisar os enunciados enquanto rede, no interior do campo associado em que residem e se relacionam com outros. Os enunciados que emergiram outrora possuem conexões com outros que já apareceram, desse modo, a análise discursiva não deve tomá-los como singulares, ou como proposições dotadas de sentidos que serão considerados certos ou não. São os próprios enunciados, ao serem analisados, que deixarão visíveis a historicidade que demarca suas existências.

Nessa linha de pensamento, Foucault (2008, p. 144) acrescenta que o *a priori* histórico é o que possibilita “isolar as condições de emergência dos enunciados, a lei de sua coexistência com outros, a forma específica de seu modo de ser, os princípios segundo os quais subsistem, se transformam e desaparecem”. À vista disso, pode-se, pelo *a priori* histórico, compreender as leis que possibilitam a existência múltipla dos enunciados, para assim, identificar e descrever os elementos que os aproximam, afastam, reaproximam e ressignificam.

Assim, embora analisando os enunciados a partir das relações existentes entre si, é possível isolar as condições de emergência que os fazem únicos e permitem com que apareçam em determinados momentos e locais. Desse modo, os enunciados são datados e permitem a compreensão das relações de poder que os perpassam no momento em que são materializados, uma vez que só pode ser efetivamente produzido porque existem diferentes elementos que permitem tal existência. Portanto, o sujeito hegemônico, o Ser, só pode enunciar sobre o Outro pela existência de diferentes enunciados, discursos, relações de poder etc. que tornam possível tal enunciação.

Nesse sentido, aquilo que é enunciado sobre os sujeitos atletas de futebol negros brasileiros só é possível porque existem condições históricas de emergência, já produzidas, materializadas, que lhe conferem existência concreta, e tal existência se dá pela enunciação. Nesse ponto, Foucault (2008, p. 144) enfatiza que, para ele, trata-se de um “*a priori*, não de verdades que poderiam nunca ser ditas, nem realmente apresentadas à experiência, mas de uma história determinada, já que é a das coisas efetivamente ditas”. Nessa perspectiva, os acontecimentos que acompanham a participação dos atletas negros brasileiros no futebol serão fatores determinantes para que enunciados possam (re)aparecer.

Ademais, os enunciados que povoam um *a priori* histórico estão dispersos e podem pertencer a diferentes campos, uma vez que não se trata de analisar proposições que vão se validar, concordar ou discordar umas com as outras, mas de enunciados que se aproximam discursivamente e funcionam como condição para a emergência de outros. Nesse sentido, Foucault (2008, p. 144) considera que

a razão para se usar esse termo um pouco impróprio é que esse *a priori* deve dar conta dos enunciados em sua dispersão, em todas as falhas abertas por sua não-coerência, em sua superposição e substituição recíproca, em sua simultaneidade que não pode ser unificada e em sua sucessão que não é dedutível; em suma, tem de dar conta do fato de que o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história, e uma história específica que não o reconduz às leis de um devir estranho.

Na citação apresentada acima, Foucault ilustra o *a priori* histórico, explicando as características que fazem com que não seja um transmissor de uma verdade única, pronta, homogênea, uma vez que compreende enunciados em sua dispersão, não excluindo as contradições discursivas e a não-coerência. Desse modo, não se trata de um *a priori* formal, composto por elementos fixos, bem estabelecidos que vão determinar os modos com que dada área se desenvolva e exista. De modo contrário, compreenderá a multiplicidade do discurso, seu caráter heterogêneo e a historicidade que o perpassa, além das regras que especificam a existência das práticas discursivas. Foucault (2008, p. 145) acrescenta que:

O “a priori” não escapa à historicidade: não constitui, acima dos acontecimentos, e em um universo inalterável, uma estrutura intemporal; define-se como o conjunto das regras que caracterizam uma prática discursiva: ora, essas regras não se impõem do exterior aos elementos que elas correlacionam; estão inseridas no que ligam; e se não se modificam com o menor dentre eles, os modificam, e com eles se transformam em certos limiares decisivos.

Em suma, trata-se, então, das regras que especificam as práticas discursivas, garantindo-lhes existência e possibilitando a emergência de enunciados e a coexistência com outros. Para este trabalho, esta ferramenta metodológica será de extrema importância, a saber que ensinará compreender e descrever os elementos que possibilitam que os discursos racistas, que objetivam os atletas de futebol negros brasileiros, sejam materializados. Além disso, poderei verificar quais outros discursos se aproximam desses anteriormente citados e coexistem por meio de relações existentes entre si.

Por conseguinte, analisarei os modos como os enunciados que emergiram em diferentes momentos, que concernem à participação do negro no futebol brasileiro, são conservados e retomados nos de outrora. Foucault considera que, ao analisar os enunciados a partir de uma positividade, observando-os em relação a outros que de alguma forma se entrecruzam na dispersão enunciativa, estarão visíveis os elementos que caracterizam as práticas discursivas, tais como as relações de poder, de saber e acontecimentos. Logo, o enunciado não será compreendido apenas em sua superfície, em sua temática, mas a partir das condições que fazem com que seja materializado em determinado tempo e local e que povoe práticas discursivas. Nesse sentido, para o filósofo,

o domínio dos enunciados assim articulado segundo “a priori” históricos, assim caracterizado por diferentes tipos de positividade e escandido por formações discursivas distintas, não tem mais o aspecto de planície monótona e indefinidamente prolongada que eu lhe dava no início, quando falava de “superfície do discurso”; deixa igualmente de aparecer como o elemento inerte, liso e neutro em que vêm aflorar, cada um segundo seu próprio movimento, ou estimulados por algum dinamismo obscuro, temas, ideias, conceitos, conhecimentos (Foucault, 2008, p. 146).

Foucault destaca, também, que um mesmo enunciado pode estar disperso em diferentes formações discursivas, trazendo à luz relações e saberes diversos que coexistem no momento da enunciação. Em caráter elucidativo, recupero o enunciado “Deus ajuda a quem cedo madruga”, o qual põe em jogo o discurso religioso, o de produtividade e o da meritocracia. Ora, “Deus”, divindade religiosa, aparece como aquele que auxilia, que dá ao sujeito o apoio necessário e as condições necessárias para alcançar seus objetivos. Por outro lado, para que tal ajuda seja efetiva, a pessoa deve colocar-se em movimento, ser produtiva e realizar ações para que tenha os benefícios ofertados pelo soberano. Isso também caracteriza o discurso meritocrático, pois tem como princípio a crença de que as conquistas são proporcionais ao esforço individual, desconsiderando as especificidades de cada um.

Assim, em uma análise detalhada, poderia descrever quais são os elementos que fazem com que esses discursos coexistam, e esse será o exercício feito para compreender a historicidade das práticas racistas em relação aos futebolistas negros brasileiros. Logo, identificar as formas de dizibilidade, uma das propostas deste capítulo, é descrever o que pode ser dito e o porquê disso, ou seja, mostrar as regras que especificam as práticas discursivas. Desse modo, é entender o que caracteriza e possibilita a objetivação dos sujeitos futebolistas negros em discursos de animalização, inferiorização, incivilidade e infantilidade.

Nesse sentido, Foucault (2008) destaca também a existência de sistemas que transformam o enunciado em coisa e acontecimento, em outras palavras, que os tornam singulares a partir de condições de emergência e de possibilidades de utilização. Trata-se de um jogo de relações pelo qual os discursos podem ser materializados, produzidos, podendo, assim, se repetir, modificar-se e existir em uma dispersão em que aparecerá em diferentes campos discursivos. Sobre essa noção, Foucault (2008, p. 146) revela que “são todos esses esquemas de enunciados (acontecimentos de um lado, coisas de outro) que pretendo chamar de arquivo”.

Para ilustrar essa ferramenta metodológica, Foucault (2008) discorre primeiramente sobre aquilo que não a constitui. Para tanto, explica que o termo arquivo não se caracteriza como a junção de textos que descrevem e mostram uma cultura e a história de uma sociedade. Não é, então, um amontoado de informações que detalham conhecimentos específicos de determinadas áreas ou grupos. Também não é algo que pode ser visualizado no plano do conteúdo, pela superfície, é preciso, de modo contrário, compreender as relações discursivas que fazem com que algo não seja dito somente por uma vontade espontânea do sujeito ou pela situação em que se encontra no momento da enunciação.

Foucault (2008, p. 147), ao caracterizar o arquivo, acrescenta que “é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares”, de tal modo que, em termos gerais, trata-se de um conjunto de elementos, com funcionamento

sistemático, que dá as especificidades para que um enunciado possa emergir em uma dada época e lugar. Percebe-se, então, que nem tudo pode ser dito a todo instante, pois um enunciado só pode ser materializado porque existem condições específicas que permitem que isso aconteça. Portanto, para além dos pensamentos, dos impulsos, das vontades dos indivíduos, há um sistema composto por acontecimentos, enunciados, discursos etc. anteriormente produzidos, que vão possibilitar o aparecimento de outros. Assim,

o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas; ele é o que faz com que não recuem no mesmo ritmo que o tempo, mas que as que brilham muito forte como estrelas próximas venham até nós, na verdade de muito longe, quando outras contemporâneas já estão extremamente pálidas (Foucault, 2008, p. 147).

Dessa forma, é o arquivo que faz os enunciados se conservarem, que os tornam acontecimentos singulares, além disso, faz com que não sejam como elementos de coleção, que ao serem guardados e acumulados, não estabelecem relações com novos artefatos. De modo contrário, tudo aquilo que é efetivamente dito, materializado, permanece vivo e existe em meio a relações múltiplas nas quais pode ser recuperado, modificado e transformado. Assim, o enunciado não é linear, não desaparece, necessariamente, conforme o tempo passa, seus efeitos permanecem mesmo que, eventualmente, seja destruído.

Ademais, é o arquivo que permite que um enunciado possa, com base em regularidades específicas, desaparecer. Possibilita também que ele possa reaparecer em condições diferentes e até dispersos entre práticas discursivas. À vista disso, para Foucault (2008, p. 147), trata-se do “que, na própria raiz do enunciado-acontecimento e no corpo em que se dá, define, desde o início, o sistema de sua enunciabilidade”. Por conseguinte, essa noção está intimamente ligada aos modos como algo pode ser dito, pode se relacionar com outras coisas já ditas e possibilitar novas enunciações.

Diante disso, nas análises propostas neste capítulo, pretendo, com base na historicidade dos discursos, descrever como os enunciados racistas, que emergem em diferentes momentos desde a inserção do homem brasileiro negro no futebol, se relacionam. Busco compreender esse sistema que rege essas práticas discursivas e permite que os enunciados em dispersão apareçam como acontecimentos singulares que atendem a urgências de cada época. Nesse sentido, Foucault (2008, p. 147) esclarece que “o arquivo não é, tampouco, o que recolhe a poeira dos enunciados que novamente se tornaram inertes e permite o milagre eventual de sua ressurreição; é o que define o modo de atualidade do enunciado-coisa; é o sistema de seu funcionamento”.

O enunciado, portanto, se torna atual, ou seja, pode (re)aparecer em dado momento, porque esse sistema que o rege lhe dá as condições específicas para emergir e circular. Mas não é o arquivo um mecanismo externo aos enunciados, uma espécie de selecionador que faz com que ele possa ter

visibilidade em determinado contexto, é próprio de sua existência. Além disso, é, conforme Foucault (2008, p. 147) “o que diferencia os discursos em sua existência múltipla e os especifica em sua duração própria”. Portanto, mesmo que tenha margens conectadas e coexista com outros, o discurso possui propriedades que são asseguradas pelo arquivo.

Em função disso, o arquivo não é um mecanismo que unificará todos os discursos que se relacionam de modo que eles sejam transformados em apenas um, desconsiderando a historicidade que os especificam. Dessarte, por mais que as positivities permitam que os discursos coexistam na dispersão dos enunciados, ainda haverá uma multiplicidade de saberes povoando tais práticas. Nesse sentido, retomo o enunciado “Deus ajuda a quem cedo madruga” para elucidar que, como analisado anteriormente, os discursos religiosos e neoliberais presentes se aproximam no ato da enunciação, mas não deixam de existir com seus limites e durações específicas.

Posto isto, interessa-me, ao conhecer as leis que possibilitam o que é dito, descrever os discursos que ocupam os enunciados, para assim, analisar também as formações discursivas as quais se filiam. Será possível, então, visualizar e compreender os discursos que, aliados aos de exclusão racial, compõem os enunciados que objetivam os negros, os inferiorizando e produzindo efeitos que ocasionam silenciamento e condução de condutas. Nessa linha de pensamento, Foucault (2009, p. 147) destaca que “o arquivo define um nível particular: o de uma prática que faz surgir uma multiplicidade de enunciados como tantos acontecimentos regulares, como tantas coisas oferecidas ao tratamento e à manipulação”.

Por conseguinte, os enunciados, a partir de um arquivo, aparecem de formas múltiplas, podendo se aproximar uns dos outros, mas também se modificar, se transformar e ressignificar. Como exemplo²⁵, trago à análise o enunciado (SE07) “Bela, recatada e do lar”, materializado em matéria jornalística da revista *Veja*,²⁶ no dia 18 de abril de 2016. A frase apresentada se refere, no texto, à Marcela Temer, esposa do então vice-presidente da República Federativa do Brasil, Michel Temer. No corpo do texto, o redator caracteriza o político como um homem de sorte por ter encontrado uma companheira que tenha comportamentos considerados, por ele, admiráveis em uma mulher. Do ponto de vista da análise discursiva, pode-se verificar o aparecimento de um sistema de diferenciação que, ao objetivar a mulher ideal (Ser), coloca à margem àquelas que não apresentam comportamentos semelhantes (Outro).

Para isso, no enunciado estão presentes diferentes discursos, como o da beleza feminina. Ao definir Macela como bela, diversas outras materialidades, que funcionam como um *a priori*

²⁵ O enunciado foi utilizado para a exemplificação da teoria discorrida na seção, pois, embora não se inscreva em uma mesma Formação Discursiva que os discursos racistas, permite visualizar as possibilidades de análise a partir da descrição dos arquivos. Nas seções seguintes serão realizadas análises, com a mobilização da referida ferramenta metodológica, de enunciados que possibilitarão compreender as relações de saber e poder que caracterizam a participação do homem negro brasileiro no futebol.

²⁶ *Veja* é uma revista pertencente à Editora Abril que produz publicações semanais nos meios eletrônicos e digitais. A matéria citada pode ser encontrada em: [Marcela Temer: bela, recatada e “do lar” | VEJA \(abril.com.br\)](http://www.veja.com.br/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/)

histórico, são recuperadas. Essas práticas discursivas dão visibilidade a normas que atravessam os corpos das mulheres e demarcam espaços de oposição entre o belo e o feio, o ideal (perfeito) e o real (imperfeito). Desse modo, há um reforço de saberes que colocam as características físicas da ex-primeira dama, pele branca, cabelos lisos e claros, como o modelo de beleza que demarca mulheres em posições diferentes.

Os outros lexemas que compõem a frase, “recatada e do lar”, apontam para discursos que normatizam os comportamentos adequados ou não para as mulheres. Assim, a mulher ideal agirá conforme princípios que dão a ela o lugar de cuidadora do lar, aquela que se dedica integralmente à família e controla seus impulsos e desejos para demonstrar respeito ao companheiro. Como descrito anteriormente, o enunciado recupera outros, que inclusive podem estar dispersos em outros discursos, o que se observa em (SE08) “como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido”, materializado no livro de Efésios²⁷, que compõe a Bíblia. Desse modo, o discurso religioso se aproxima daqueles que idealizam a mulher ideal, permitindo que frases como essa possam ser enunciadas.

A partir disso é possível observar um arquivo em funcionamento, o enunciado (SE07) só pode aparecer porque outros o antecederam, além das relações históricas e dos acontecimentos discursivos que especificam a enunciação. De tal maneira, os elementos que povoam um arquivo não estão inertes, como já descrito anteriormente, eles estabelecem novas relações que permitem com que os enunciados se atualizem e (re)apareçam atendendo as especificidades e urgências de cada época e dos diferentes sujeitos que possam ocupar tal posição.

Nesse sentido, é possível observar um outro enunciado presente em um mesmo campo associado e emergido em 2022, durante as campanhas para as eleições federais e estaduais, em que Heloísa Bolsonaro, cônjuge do Eduardo Bolsonaro, disse que (SE09) “não há mulher insubmissa e livre”, criticando as ações de feministas e demais pessoas que lutam pela liberdade feminina. Para dar sustentação a sua fala, acrescenta que todos nós, quando saímos de casa, estamos sujeitos a uma série de normas, como as leis de trânsito, logo não haveria que não estivesse submisso a algo, demarcando a submissão como algo positivo e natural das relações humanas.

Desse modo, Heloísa, enquanto sujeito hegemônico e localizada em posições privilegiadas em relação a grande parte das mulheres brasileiras (já que é de pele branca e vive em boas condições financeiras), ratifica a demarcação da mulher correta e ideal. Ao enunciar que não existe mulher insubmissa, o enunciado oculta e silencia a existência de todas aquelas que não vivem conforme padrões de comportamento historicamente e discursivamente definidos como os adequados para elas na sociedade brasileira.

²⁷ O enunciado pode ser encontrado em Efésios 5: 22-24, na Bíblia, principal livro do Cristianismo.

Além disso, há a presença do discurso político, pois assim como no enunciado (SE07), é possível visualizar um sistema de diferenciações que opera para opor as mulheres associadas aos partidos conservadores àquelas ligadas aos que defendem pautas progressistas de liberdade feminina, definindo assim quais seriam as “boas” e as “ruins”. É possível observar, então, mais uma vez a representação feminina “bela, recatada e do lar” discursivamente marcada como o “Ser”, o sujeito hegemônico, e todas as que se diferem aparecem como o “Outro” de tais práticas discursivas.

O arquivo possibilita também a emergência de enunciados antagônicos a outros já materializados. Após a publicação da referida matéria da revista *Veja*, circularam na internet dizeres como “Bela, desbocada e do bar”. Nesta materialidade, observa-se a opção pela permanência do termo “bela” e a substituição de “recatada e do lar” para “desbocada e do bar”, dando visibilidade ao discurso de diversidade feminina, opondo-se à idealização das mulheres, ao afirmar a existência daquelas que são belas mesmo sem seguir as condutas consideradas mais adequadas pelo Eu que fala no primeiro enunciado.

Os exemplos anteriores demonstram a multiplicidade dos enunciados, conferida pelo arquivo, que permite que eles apareçam em diferentes momentos e ambientes, relacionando-se de formas diferentes, sendo assim manipulados segundo interesses próprios. Mas isso só é possível pela existência de sistemas que definem suas condições de emergência e atualização. Nesse sentido, é essa lei de existência que faz do enunciado um elemento que “os homens produzem, manipulam, utilizam, transformam, trocam, combinam, decompõem e recompõem, eventualmente destroem” (Foucault, 2008, p. 118), como observado nos enunciados lembrados anteriormente, que são recompostos ou transformados, determinando uma nova posição do sujeito.

Quanto à descrição do arquivo, Foucault (2008) considera tratar de uma tarefa que não pode ser realizada em totalidade, pois é em seu interior que algo é dito, é ele quem possibilita que o sujeito o tome como objeto. Dessa forma, Foucault (2008, p. 148) enfatiza que “o arquivo não é descritível em sua totalidade; e é incontornável em sua atualidade”. Portanto, neste capítulo, não tenho a pretensão de demonstrar todas as condições de emergência dos enunciados, mas de descrever algumas das possibilidades de aparecimento que eles mesmos, correlacionados a partir de uma positividade, revelarão.

Sobre os limites de um arquivo, Foucault (2008, p. 148) acrescenta que “seu limiar de existência é instaurado pelo corte que nos separa do que não podemos mais dizer e do que fica fora de nossa prática discursiva”. Em suma, as análises aqui propostas visam compreender aquilo que possibilita o sujeito hegemônico dos discursos racistas (Ser) ocupar tal posição nos enunciados que objetivam o futebolista brasileiro negro (Outro), colocando-o em lugar de infantil, violento,

desrespeitoso e não-humano. Em outras palavras, descrever o porquê algo pode ou não ser dito sobre o atleta negro.

Além disso, mobilizarei a noção de dispositivo, anteriormente apresentada, para compreender como tais discursos, ao serem materializados, produzem efeitos que tendem a conduzir condutas dos sujeitos tomados como objeto, os futebolistas brasileiros negros. Sob essa percepção, o exercício de análise permitirá descrever, sem desconsiderar a historicidade dos discursos, as relações de saber e poder que tangem à participação desses atletas no futebol.

Para as análises propostas, considero, ainda, as práticas discursivas identificadas e descritas no capítulo I, para, após identificar o modo de existência dessas práticas e compreender seu funcionamento, explicitar o *a priori* histórico e o arquivo que deram possibilidade de aparecimento aos enunciados. Ao realizar o exercício analítico, os enunciados podem suscitar outros discursos e enunciados que também serão descritos.

2.2 A animalização dos futebolistas brasileiros negros: por que isso pode ser dito?

Como visto anteriormente, as práticas discursivas de animalização dirigidas aos futebolistas negros brasileiros são recorrentes e evocam saberes que produzem efeitos de poder que agem na formação da subjetividade de muitos desses sujeitos. Além disso, ao fazer do negro um animal, portanto um ser não humano, há o estabelecimento de uma pretensa justificativa para os atos realizados, além de demarcar mais uma vez um sistema de diferenciação historicamente produzido. Assim sendo, se ele não é humano, não é apto para estar em tal lugar e deve, então, silenciar-se e apenas cumprir com suas obrigações profissionais, proporcionando entretenimento e, principalmente, retorno financeiro.

A partir dessa compreensão, interessa-me, nesta seção, averiguar aquilo que possibilita que tais discursos possam ser materializados, tornando-se enunciados. As análises serão realizadas com o fito de identificar os elementos que caracterizam tal prática discursiva, permitindo que apareçam nos ambientes relacionados ao futebol e que tomem o futebolista brasileiro negro como objeto. Para tanto, partirei de um enunciado reitor²⁸ que mostrará, nas análises, as relações que estabelece com outros, que também poderão compor as séries enunciativas.

A princípio, é preciso retomar o entendimento sobre as práticas de animalização das pessoas negras. Nesse sentido, é possível estabelecer um elo entre o que discorrem Carneiro (2023) e Kilomba (2019), a saber que, para ambas, os discursos que animalizam tais pessoas estabelecem uma oposição entre a identidade ideal, a dos brancos, e aquela que se refere ao que não é parte dos

²⁸ Por enunciado reitor, não se compreende a origem de uma prática discursiva, é um enunciado em que incidem as regras de uma formação discursiva em relação a um objeto. Desse modo, o enunciado reitor aponta para outras materialidades que se relacionam no interior de uma mesma formação discursiva.

modos de ser da branquitude. Logo, o negro associado a figuras de animais, principalmente ao macaco, é prática que visa reforçar saberes que buscam mantê-los em espaços de subserviência.

2.2.1 – O macaco como a representação do Outro e a afirmação do Ser.

O primeiro enunciado a ser posto à análise nesta subseção é um cântico que circula, principalmente, nas arquibancadas dos estádios de futebol no intuito de dirigir ofensas aos atletas e torcedores da equipe rival. Trata-se da canção “somos campeões do mundo”, frequentemente entoada pelos fãs da instituição esportiva Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegre para exaltar as conquistas futebolísticas de sua equipe e enfatizar a falta delas por parte do *Sport Club* Internacional, outra entidade esportiva da capital do Rio Grande do Sul. Além disso, estabelecendo um sistema de diferenciação, os colorados²⁹ são adjetivados como macacos.

Antes das análises, torna-se pertinente uma breve apresentação histórica das instituições citadas, para assim, compreender alguns aspectos que povoam o dispositivo de racialidade e os arquivos que serão descritos. Segundo dados fornecidos pelo Grêmio³⁰, a instituição foi fundada no dia 15 de setembro de 1903, poucos anos após a assinatura da Lei Áurea. Para que esse início fosse possível, trinta e dois homens se encontraram e decidiram as primeiras ações da equipe. Outras fontes de informação mostram que o time de futebol, inicialmente, era composto, em maioria, por descendentes de alemães que possuíam melhores condições financeiras. Além disso, só homens brancos podiam se filiar ao clube.

Em seus primeiros anos de existência, foi a principal instituição esportiva do Rio Grande do Sul, uma vez que vencia os principais campeonatos realizados. A primeira competição conquistada pela equipe foi a Taça *Wanderprezis*, feito que fez com que novos torcedores e associados aparecessem, todos membros da elite do estado. Assim, o tricolor³¹ começou a trilhar um caminho de muito sucesso esportivo que o consolidou como um dos principais representantes do futebol brasileiro. Contudo, muitas foram as controvérsias relacionadas à participação popular no clube desde sua fundação, o que o fazia oposto ao seu principal rival para além do campo futebolístico.

O Internacional de Porto Alegre, segundo dados fornecidos pela própria instituição, foi fundado em 1909 a partir da união de homens de diferentes etnias e condições sociais, por isso, logo recebeu a alcunha de clube do povo gaúcho. Surgiu em um bairro simples da capital do estado e começou a destacar-se a partir de 1913, já que a partir daquele ano venceu em sequência os campeonatos citadinos até 1917. O Inter, forma na qual é carinhosamente chamado por seus

²⁹ Adjetivo oficial para os torcedores do *Sport Club* Internacional.

³⁰ Mais informações podem ser encontradas no site oficial do Grêmio: [Grêmio Foot-Ball Porto Alegre - Site Oficial \(gremio.net\)](http://gremio.net)

³¹ Devido às cores de seu uniforme e de sua bandeira (azul, preto e branco), o Grêmio é conhecido também como tricolor.

torcedores, ficou conhecido também por ter negros em seu grupo de jogadores. Por isso, na década de 1950 passou a ser constantemente associado ao Saci-Pererê, personagem folclórico que se tornou a mascote do clube.

Contudo, segundo dados apresentados pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol, em um dossiê³² sobre as bases históricas do futebol do Rio Grande do Sul, o Internacional inicialmente não tinha em sua equipe jogadores negros, apesar de não existir proibição formal, como acontecia no Grêmio. De acordo com esse estudo, a equipe começou a recrutar homens negros para compor seu time após 1927 devido à necessidade de pessoas mais habilidosas e ao baixo custo de tê-los no grupo, uma vez que não seria preciso buscá-los em outros estados. Também motivou essa ação o sucesso de equipes compostas por negros, como o Vasco da Gama no Rio de Janeiro. Além disso, configurou uma ação de marketing para se autoproclamar como o Clube do Povo. Por tanto, em ambos os rivais, os negros são tomados como objetos úteis para alcançar objetivos futebolísticos e financeiros, a principal diferença é que o Inter se utiliza de um falso engajamento em questões sociais para atingir o que se almeja.

Desse modo, os embates entre essas duas equipes futebolísticas não se restringiam somente ao futebol, mas a questões sociais, políticas e culturais. Esse embate é materializado pelo constante aparecimento de enunciados que demarcam diferenciação entre as pessoas associadas a uma ou outra instituição. Ressalto que não há aqui uma intenção de tecer uma reflexão de cunho moral, analisando qual das equipes está certa ou errada, de modo contrário, interessa-me compreender os modos como tais enunciados podem emergir e produzir efeitos de poder sobre as subjetividades dos futebolistas brasileiros negros. Após uma breve apresentação histórica, trago o enunciado³³ à análise:

SE10: Somos campeões do Mundo
Da Libertadores também
Chora macaco imundo
Que nunca ganhou de ninguém
Somos a banda mais louca
A banda louca da Geral
A banda que corre
Os macacos do Internacional.

A canção executada pela torcida do Grêmio é composta pelas principais conquistas esportivas da equipe, a Copa Libertadores da América e o Mundial de Clubes, assim, há a exaltação de si, daquilo a que o sujeito enunciador pertence. Tal exaltação também pode ser visualizada ao observar o destaque dado à banda da torcida organizada do clube. Dessa forma, há a exaltação do Ser, daquilo que é considerado ideal nos discursos hegemônicos nos quais o Eu ocupa a posição de

³² O documento pode ser acessado em: [Futebol a cores, uma história de racismo no Rio Grande do Sul \(observatorioracialfutebol.com.br\)](http://observatorioracialfutebol.com.br)

³³ Disponível em: <https://youtu.be/c2gCtdbdS7M>

sujeito. O outro, ao tornar objeto dessa prática discursiva, é reduzido ao que é visto como desprezível.

Por conseguinte, aqueles que pertencem ao Internacional (o Outro) são objetivados nos discursos racistas de animalização, tornam-se “macacos imundos”. Nesse sentido, é possível observar o que Carneiro (2023) descreve como uma subjetividade estática dada àquele que não é o Eu de uma prática discursiva. As especificidades que tornam os atletas negros indivíduos são desconsideradas, e em uma uniformidade são demarcados de forma única, sem espaço para modificações, o que pode ser percebido até mesmo no emprego do termo “macaco” no singular no primeiro momento. Assim, o futebolista negro, ao fazer parte da equipe colorada, torna-se objeto do discurso de animalização, independente de suas vivências e experiências que o particularizam.

Embora o lexema negro não esteja presente no cântico, é possível inferir que faz referência direta a esse grupo de torcedores, futebolistas e demais atletas do clube, pois, além das práticas discursivas racistas que percorrem a sociedade brasileira, é o campo associado do enunciado que revela isso ao recuperar outras materialidades que estão agrupadas em uma mesma formação discursiva. Ademais, o exercício do poder, nos embates travados durante décadas também mostram elementos que permitem visualizar a objetivação dos negros. Por contar com atletas negros, o Internacional passou a ser chamado de macaco, adjetivo que aparece para explicitar o contentamento do Eu por não fazer parte daquele grupo, demarcando-se como superior. É nesse sentido que a inferiorização do Outro está relacionada com a afirmação do Ser em um espaço de superioridade, daquele que atende aos princípios éticos e morais de uma dada época e sociedade.

Dessa maneira, torna-se visível um sistema que opõe as duas instituições não somente no âmbito esportivo, mas em outros, que são atualizados de acordo com as urgências e especificidades de cada momento em que o enunciado emerge. Entre as décadas de 1910 e 1950, momento em que o Grêmio passou a ter homens negros em sua equipe, o enunciado localizava-se apenas no interior do discurso moralista, já que era moralmente inapropriado, segundo os saberes cristalizados naquela sociedade, a presença dessas pessoas no futebol. A partir da mudança na equipe gremista, o enunciado está disperso também em outros discursos, como os de ridicularização e inferiorização do negro.

Outro ponto importante a considerar é que esse enunciado aparece em espaços relacionados ao futebol em diferentes décadas, o que mostra como ele é conservado em um domínio de memória para que possa emergir novamente. Não é possível precisar com exatidão qual foi a primeira vez que ele apareceu, mas há registros do cântico por torcedores gremistas desde a primeira década do século XXI. Diversos são os elementos que possibilitam que ele retorne em momentos diferentes, por vezes modificados e trazendo à luz discursos para os quais não apontava outrora.

Esses elementos podem ser encontrados no interior das relações de poder em que estão inscritos os sujeitos brancos gremistas e os futebolistas negros, já que se exercem através de práticas de controle, condução de conduta e exclusão. Dentre eles está a manutenção dos negros, mesmo após o fim da escravidão, no lugar daqueles que devem estar, em uma hierarquia social, abaixo dos brancos, seguindo inferiorizados. Portanto, o Grêmio, equipe na qual o Eu possui sentimentos de pertencimento, é a representação do sucesso, das vitórias e conquistas, enquanto o Internacional é a personificação do fracasso, não só por ser rival nos gramados, mas também por ter em sua história o acolhimento àqueles que são a face negativa dos modos ideais de ser e existir conforme essas práticas discursivas.

A partir desse enunciado, outros também podem aparecer e circular, como outro canto comumente entoado pelos tricolores:³⁴ (SE11) *olha a festa, macaco, torcida é coração! Quem não canta é amargo, nunca vai sair campeão. Inter cagão! Inter cagão!*³⁵. É possível observar, novamente, o uso do termo macaco para se dirigir ao Internacional, o que oculta o nome da equipe adversária e recupera uma história contada sob a ótica do sujeito enunciativo, reduzindo as ações de inclusão tomadas pela instituição no início do século XX a motivo de desonra, o que a fazia inferior.

A fim de analisar camada por camada das relações existentes nos enunciados, executo um exercício de análise conforme Deleuze (1992, p. 120), que destaca que “é preciso rachar as palavras ou as frases para delas extrair enunciados”, para descrever parte por parte da materialidade observada. Dessa maneira, não se trata de uma análise centrada na superfície material, mas nos saberes e mecanismos de poder que são possíveis visualizar ao escavar os enunciados. Nessa linha de pensamento, entender o arquivo e a função enunciativa tem grande importância, pois mostrarão aspectos que permitem que esses cânticos possam aparecer e circular nos estádios de futebol.

Esse enunciado, a exemplo do anteriormente analisado, também é constituído pela exaltação do Ser que é construída por meio da diferenciação em relação ao Outro, de tal modo, que o Grêmio e sua torcida são caracterizados por qualidades, tanto esportivas, quanto morais. Os colorados, por outro lado, são demarcados pela falta de características consideradas positivas. Assim, para demarcar-se e mostrar suas potencialidades, o sujeito desqualifica aquele que é tomado como sua face oposta.

Por isso, as posições sujeito de ambos enunciados podem ser preenchidas a partir de regras comuns, podendo ser ocupadas por indivíduos gremistas, brancos, que se identifiquem nas práticas discursivas racistas e de exaltação de si. Portanto, são sujeitos que, ao se afirmarem, excluem os que diferem de uma norma discursivamente construída com a junção de elementos históricos, culturais e sociais da sociedade em que estão inseridos.

³⁴ Outra denominação dada os torcedores do Grêmio.

³⁵ Disponível em: <https://youtu.be/huYJnB5LGRM>

No recorte enunciativo *Inter cagão!* é possível correlacionar o discurso racista de animalização com práticas discursivas machistas que normatizam o comportamento ideal para que os homens tenham virtudes admiráveis. Ao definir seu adversário como “cagão”, o sujeito enfatiza a falta de coragem dos oponentes, característica esta que é muito apreciada no futebol. Dessa forma, afirma-se, ao inferiorizar o Outro, como virtuoso e superior.

Mas tais discursos só podem se aproximar no interior dos enunciados, porque há uma positividade que permite que isso aconteça, o *a priori* histórico, como visto anteriormente. Trata-se, desse modo, de um conjunto de regras que dão características específicas a uma prática discursiva. Os elementos que compõem esse conjunto podem ser visualizados por meio da análise das relações existentes entre os brancos e os negros desde o início da prática futebolística e até mesmo em momentos anteriores a esse.

Assim, os futebolistas negros brasileiros são objetivados em discursos que os inferiorizam e os excluem socialmente, uma vez que não se encaixam nos parâmetros cristalizados em um discurso que define uma racialidade hegemônica, a dos brancos. Essa regularidade pode ser observada nos enunciados que objetivam os negros vinculados ao Internacional em discursos de animalização, como em “macacos imundos”, que aproxima também práticas discursivas de higienização. Ora, se são imundos, é necessária uma limpeza que os excluiria daquele meio. Portanto, há uma prática sistemática que demarca os clubes historicamente populares (principalmente os que primeiro acolheram os homens negros) em lugares de violência, animalização, primitividade e incivilidade.

Entre 1940 e 1948, o Internacional conquistou oito edições do Campeonato Gaúcho, com uma equipe já era composta por muitos futebolistas negros. O Grêmio, ao observar o amplo domínio do adversário, considerou modificar seu estatuto para ter também atletas que não fossem brancos e descendentes de alemães, o que não acontecia até então. Contudo, a instituição se opôs o quanto pode, sendo uma das últimas do estado a definir tal abertura. Mesmo após a oficialização da permissão da participação de homens negros na equipe, uma parte dos membros da associação esportiva se mantiveram contrários à medida.

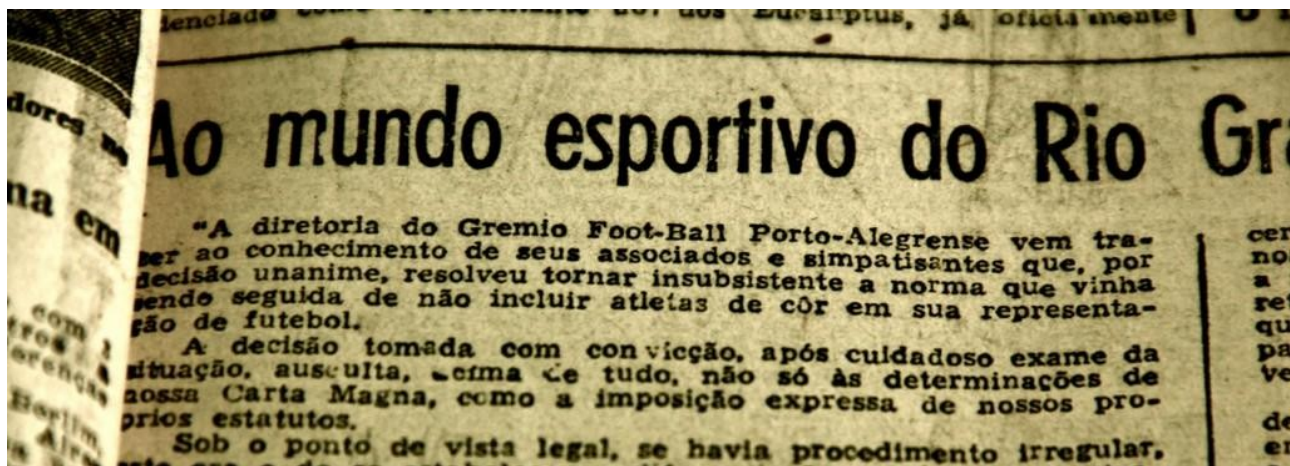


Figura 01: Grêmio anuncia o fim da proibição da associação de atletas negros ao clube.

Dessa forma, torna-se pertinente trazer à análise um enunciado materializado em parte de uma publicação³⁶ do jornal *Correio do Povo*, em 6 de março de 1952, em que o Grêmio anuncia as mudanças no regimento da agremiação em relação à presença de homens negros em seu grupo de jogadores.

Na nota publicada em jornal, o Grêmio comunica, aos seus “associados e simpatizantes”, a alteração que permitiria, a partir daquela data, que o clube tivesse em seu elenco atletas de cor, também já chamados de negrinhos e moreninhos. Ao analisar as condições de emergência do enunciado, sabe-se, como dito, que ele aparece em um momento histórico em que a escravidão não era mais legal no Brasil e em que diversas equipes já contavam com uma diversidade racial em seu grupo de futebolistas. Por outro lado, dois anos antes da publicação de tal comunicado, a Seleção Brasileira de Futebol foi derrotada na final da Copa do Mundo e apenas os atletas negros foram responsabilizados. Além disso, muitos deles eram estigmatizados por trazer azar aos times de que fizessem parte.

Tratava-se de um momento de muita tensão, um embate gerado por conflitos de interesses, de um lado discursos moralistas que demarcavam os negros como inadequados, azarados e impuros, e de outro lado questões financeiras e futebolísticas. Desse modo, por mais que se trate de um sujeito subjetivado em práticas discursivas racistas, o aparecimento de um enunciado em que aparentemente se posiciona favorável aos direitos dos negros foi possível pelo intercruzamento de discursos. Assim, o negro permanece na posição de objeto e de subserviente, já que a sua inserção na instituição é pautada em uma reflexão acerca dos benefícios que tais homens trariam para o clube.

Nesse ponto, retomo o pensamento de Deleuze (1992) anteriormente apresentado, para considerar que a análise discursiva não se efetua somente na superfície, mas também na

³⁶ A foto de parte da publicação do *Correio do Povo* será tomada como o enunciado para a análise pois foi o único registro encontrado da matéria, uma vez que nem mesmo o acervo eletrônico do jornal apresenta o documento original ou cópia. A imagem utilizada foi retirada de: [Futebol a cores, uma história de racismo no Rio Grande do Sul](#)

problematização das relações de saber e poder que perpassam pela enunciação e fazem com que algo possa ser materializado. De tal maneira, embora a publicação anuncie a participação de homens de cor em oposição aos brancos no Grêmio, o enunciado que ela constitui não é povoado por discursos de resistência às práticas racistas, uma vez que não consiste em estratégias de luta e enfrentamento.

É possível compreender, portanto, o porquê de mesmo depois da mudança no estatuto gremista, seus associados e torcedores continuarem utilizando os discursos raciais para se demarcarem como superiores ao Internacional. Isso indica que não houve um deslocamento do sujeito para se subjetivar aos discursos antirracistas, mantendo-se nas práticas discursivas de exclusão racial. Nesse sentido, mesmo que muitos futebolistas negros passem pelo Grêmio, não poderão se consolidar enquanto Ser, não tendo um completo pertencimento, uma vez que o lugar do Outro, o animalizado, é a instituição adversária.

Embora o arquivo descrito possibilite o aparecimento e a circulação de enunciados de animalização do homem negro, é nele também que se encontrarão as leis de existência e emergência de materialidades que se opõem a estes. Pode-se observar, a seguir, uma faixa levada ao estádio por torcedores do Internacional.



Figura 02: faixa levada ao estádio pelos torcedores do Internacional.

No enunciado *Bem vindo: planeta dos macacos*, materializado em uma faixa levada pelos torcedores do Internacional ao estádio, há mais uma vez a reprodução de um saber a partir da figura do animal citado. Contudo, a posição do sujeito que fala é outra, uma vez que aqui não há a objetivação de indivíduos em discurso de animalização, mas o reconhecimento como tal, uma confissão sobre sua subjetividade. Desse modo, a enunciação se localizará em uma outra posição nas relações de poder, o que resultará na produção de efeitos e saberes diferentes.

Embora a palavra macaco, no dicionário, tenha o mesmo significado nos cânticos gremistas e na faixa colorada, as relações históricas, de poder e as leis que possibilitam o aparecimento dos enunciados são outras. Dessa forma, enquanto um pertence a uma formação discursiva que se aproxima de um domínio de memória em que estão enunciados racistas de animalização e exclusão do futebolista negro, o outro emerge em resistência a esses discursos, se aproximando de materialidades como o “Urubu”, mascote do Clube de Regatas do Flamengo já analisado neste trabalho. Portanto, apesar de se afirmar como macaco, o sujeito Internacional não se subjetiva nos mesmos discursos que povoam os enunciados racistas de animalização do negro, mas coloca-se em posição de resistência.

Na faixa, a palavra que nomeia o animal constantemente associado ao negro aparece acompanhada, formando um substantivo composto, Planeta dos Macacos, nome de uma franquia de filmes mundialmente conhecida. Nessa situação, o enunciado recuperará e se aproximará de discursos que perpassam a constituição do longa-metragem, o que contribuirá para o modo como o sujeito se posicionará ao reconhecer-se enquanto macaco, apontando para a formação discursiva em que se situa. Logo, ao se referir às obras, o sujeito não se associa a qualquer macaco, mas a personagens fictícios dotados de características bem definidas.

Em resumo, o título “Planeta dos Macacos” apresenta obras cinematográficas distópicas que possuem tramas que descrevem realidades futuras controladas por macacos que têm os humanos como prisioneiros. As virtudes desejáveis, segundo a moral que circula no enredo, são características desses animais que possuem uma alta capacidade de socialização, força, coragem, inteligência e prestígio social. Trata-se, então, de indivíduos que possuem comportamentos que são admiráveis também no meio futebolístico e que podem dominar os brancos no futebol.

Diante disso, o enunciado *Bem vindo: planeta dos macacos* possui um domínio associado com os dos filmes citados, a saber que, o sujeito, para demarcar-se como tal, recupera saberes que apontam para tais materialidades discursivas. Assim, o Eu dessa prática discursiva revela sua subjetividade em enunciados de exaltação de suas virtudes que são relacionadas a uma masculinidade idealizada (força, coragem, inteligência e prestígio social). Torna-se compreensível que, apesar de as práticas racistas fazerem parte do arquivo que possibilita a emergência de enunciados de resistência, há também outros elementos que também vão compor tais leis de aparecimento.

Para Foucault (2009, p. 235), as estratégias de resistência se caracterizam, entre outras coisas, como “(...) uma oposição ao segredo, à deformação e às representações mistificadoras impostas às pessoas”. O enunciado analisado aparece como uma estratégia de resistência, pois o sujeito ressignifica o termo “macaco”, usado para caracterizá-lo de forma pejorativa, para contrapor a uma representação deformada de si. Nesse sentido, enquanto nos enunciados racistas o indivíduo

se torna objeto (o Outro), nos discursos antirracistas, de modo diferente, ocupa a posição de sujeito, podendo assim dizer a respeito de sua própria subjetividade. Trata-se de funções sujeito preenchidas a partir de especificidades diferentes, por indivíduos diferentes, que podem ocupar uma ou outra posição.

Diante disso, observo que o arquivo possibilita o aparecimento de múltiplos enunciados, até mesmo daqueles que surgem de forma antagônica a outros já existentes, modificando-os e atribuindo novos saberes e significados. Nesse ponto, é possível constatar o que Foucault (2009) elucida ao demonstrar a atração recíproca existente entre poder e resistência. Desse modo, os enunciados antirracistas também estarão presentes no arquivo que possibilita o aparecimento de novos enunciados de animalização do homem negro.

As análises discursivas realizadas nesta seção possibilitaram descrever parte da constituição do arquivo dos discursos de animalização do futebolista brasileiro negro. Pude, portanto, visualizar que estão, em seu interior, diferentes enunciados que emergiram em momentos históricos distintos e que estão dispersos em práticas discursivas classistas, machistas, supremacia branca e esportiva que, correlacionados a partir de uma positividade, produzem saberes que apontam para a marginalização dos indivíduos que são tomados como objetos discursivos.

2.3 Arquivo e memória dos discursos de incivilidade, infantilização e primitividade do homem negro.

Conforme as análises realizadas no capítulo 1, as práticas discursivas racistas de incivilidade povoam o dispositivo de racialidade que opera nos ambientes futebolísticos em que estão os atletas negros brasileiros. De tal modo, a condução de conduta desses indivíduos se dá, dentre outras formas, pela objetivação em tais discursos que os inferiorizam e deformam a representação de suas subjetividades. Portanto, poucos são os espaços para que eles falem sobre si, fazendo com que os saberes, pelos quais se tornam objetos, produzam efeitos de verdade que vão conduzi-los a determinados espaços.

Na presente seção, farei uma breve análise das condições de possibilidade que permitem a emergência dos enunciados que colocam como incivilizados, primitivizados e infantilizados os sujeitos atletas negros no futebol brasileiro. Para tanto, é preciso que consideremos os aspectos históricos, sociais e culturais que fazem parte do aparecimento e desenvolvimento das práticas futebolísticas no Brasil. Assim, a observação dos fatos anteriormente apresentados neste capítulo será de suma importância para compreender tais condições.

Para Foucault (2008), os discursos aparecem constituídos de um número determinado de enunciados aos quais é possível estabelecer ou localizar as suas condições de existência. Dessa

forma, podemos compreender, através dos exercícios de análise, o que possibilitou a emergência dos enunciados em detrimento de outros, ou seja, o que pode ou não ser dito pelos sujeitos em determinadas ordens discursivas. Tais condições podem ser outros enunciados, acontecimentos e aspectos sócio-históricos e culturais da sociedade nas quais estas práticas discursivas aparecem.

Dessa forma, Foucault (2008) questiona: como apareceu determinado enunciado e não outro em seu lugar. A resposta é encontrada ao estabelecer um exercício de análise que propõe a observação dos enunciados em rede, considerando as relações que eles firmam com outros e para onde elas apontam. Além disso, para esgotar tal questionamento é necessário observar os acontecimentos discursivos que tornam singulares a existência dos enunciados. Por fim, é preciso, ainda, descrever a historicidade das práticas discursivas e a memória que possibilita que aquilo que foi materializado permaneça existente e possa ser recuperado posteriormente.

2.3.1 As práticas de incivilidade e infantilização do futebolista brasileiro negro Pelé, o “Rei do futebol” – conservação e memória.

Para iniciar as análises propostas nesta seção, é importante reforçar alguns pontos sobre fatos que possibilitaram a participação dos negros no futebol brasileiro. Como exposto anteriormente, os futebolistas negros são objetivados em práticas discursivas racistas que cristalizam saberes que apontam para a inferioridade de sua condição humana em relação aos brancos desde o início da prática futebolística no Brasil. Isso se ancora no fato de serem, desde a escravidão, observados como ferramentas de serventia, que, quando não apresentavam condições de serem explorados, eram descartados para a morte. Dessa forma, os acontecimentos que demarcam a chegada do futebol no Brasil reforçam os saberes que colocam esses homens como não-dignos de estarem em ambientes de destaque.

É importante relembrar, também, que a adesão de jogadores negros nas equipes consideradas grandes no futebol no início do século XX se deu por interesse em suas habilidades para o esporte e em sua força física advinda dos intensos trabalhos braçais desenvolvidos. Assim, não havia uma mudança de concepção em relação à crença de que aquelas pessoas seriam inferiores às brancas. De modo contrário, os atletas negros só passaram a ser tolerados enquanto trouxessem as conquistas esperadas pelos clubes, caso não obtivessem êxito esportivo, sofreriam ataques e represálias que os desumanizavam. Além disso, é comum que os fracassos esportivos dos jogadores negros sejam justificados com falácias de que eles não possuem estruturas psicológicas ou emocionais para administrarem a carreira profissional. De modo simultâneo, seus sucessos são constantemente ofuscados por acontecimentos extracampos, descredibilizando suas conquistas esportivas.

Nesta seção, me dedico a analisar as práticas discursivas racistas no futebol brasileiro a fim de compreender o funcionamento dos processos de objetivação dos futebolistas brasileiros negros, verificando quais espaços lhes são colocados a partir de práticas divisoras e, principalmente, descrevendo o arquivo que possibilita o aparecimento desses enunciados e os modos como eles podem se conservar no interior de domínios de memória. Por isso, proponho descrever os arquivos das práticas discursivas racistas de incivilidade e infantilização de forma simultânea, já que, ao classificar os futebolistas negros como pessoas sem civilidade para a prática esportiva, são recuperados efeitos de verdade em que tal incapacidade é motivada pela falta de maturidade destes que não saberiam administrar suas carreiras.

Para a primeira análise, proponho o enunciado que emergiu após a morte de Pelé, durante uma pretensa homenagem realizada pelo Clube de Regatas do Flamengo. Na ocasião, o árbitro da partida realizada contra o Audax Rio de Janeiro Esporte Clube determinou que os presentes no estádio fizessem o tradicional minuto de silêncio em respeito aos ex-futebolistas Pelé e Roberto Dinamite, falecidos no fim de dezembro de 2022 e início de janeiro de 2023, respectivamente. Contudo, durante esse intervalo de tempo, a torcida do clube rubro-negro entoou um canto em ofensa a Edson Arantes³⁷. O intuito da canção era diminuir os feitos do jogador e exaltar outro atleta, que é branco e querido entre os torcedores do Flamengo, o Zico.

Diante disso, o enunciado pelo qual iniciarei as análises foi coletado da transmissão da referida partida de futebol, feita pela Rede Globo no dia 12 de janeiro de 2023. Após o árbitro Wagner do Nascimento Magalhães indicar que o estádio deveria, voluntariamente, ficar em silêncio durante um minuto em homenagem ao reconhecido “Rei do Futebol”, era audível um cântico em que os torcedores do Flamengo cantavam³⁸: (SE12) *Zico, Zico, Zico. O Pelé é maconheiro. Maradona cheirador*. Nesse enunciado, são citados três ex-atletas de futebol, os dois primeiros brasileiros e o segundo, argentino. O nome Zico, embora não seja qualificado por nenhum adjetivo, é entoado com exaltação, a Pelé e a Diego Maradona não são dadas nenhuma das qualidades futebolísticas que demonstraram durante suas carreiras, de modo contrário, são desqualificados pela ênfase dada ao uso de drogas ilícitas por ambos.

Atentarei às relações discursivas que o enunciado põe em rede ao exaltar Zico em detrimento de Pelé. Ao citar Maradona, o enunciado aponta também para discursos xenofóbicos, que não serão abordados com profundidade devido às especificidades temáticas da pesquisa. Nessa esteira do pensamento, para compreender o funcionamento das práticas discursivas e os modos como são objetivados os sujeitos futebolistas brasileiros negros passarei às relações de poder “de

³⁷ Edson Arantes do Nascimento é o nome de registro do ex-jogador Pelé, falecido em 2023.

³⁸ Leia mais em: [Zico reprova música de torcida do Flamengo que cita Pelé e Maradona: 'Já pedi para não cantar' - Lance!](#)

uma dimensão macroscópica para uma dimensão, em geral, microscópica. Trata-se de mudar do macro ao micro: microfísica do poder” (Deleuze, 2020, p. 6). Dessa forma, será preciosa para as análises propostas a observação dos focos de poder, ou seja, as micro-instâncias das relações.

Michel Foucault (2009) demonstra que a subjetividade dos sujeitos é constituída através das relações de saber e poder que se exercem a partir das práticas discursivas nas quais estão inseridos. Nesse sentido, Fernandes (2008, p. 21) resume que o sujeito discursivo é resultado da relação com o social que o cerca, sendo formado por várias vozes e “constituído na inter-relação social, não é o centro de seu dizer, em sua voz, um conjunto de outras vozes, heterogêneas, se manifestam. O sujeito é polifônico e é constituído por uma heterogeneidade de discursos”. Assim, as práticas discursivas racistas, bem como as que surgem em oposição a elas, em conjunto com o discurso esportivo e outros que se aproximam em dada ordem discursiva participarão da constituição do sujeito atleta negro.

É importante salientar que “há dois significados para a palavra sujeito: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito” (Foucault, 2009, p. 235), posto que o sujeito se reconhece através das práticas discursivas e subjetiva-se nelas e por elas, mas também é objetivado a determinadas posições discursivamente demarcadas. No enunciado analisado, Pelé, ao ser reduzido a “maconheiro”, é objetivado a uma posição de inferioridade que descredencia todos seus feitos esportivos, ao trazer à luz os discursos moralistas, repetindo a prática de dar ao negro a posição de não merecedor de ocupar um espaço de visibilidade.

Assim, é possível visualizar nesse enunciado o estabelecimento de um sistema de diferenciação que põe em jogo duas faces antagônicas, a do atleta admirável e a daquele que é reduzido a condutas moralmente desaprovadas em um discurso hegemônico de moral. Ao observar a construção da letra da canção, nota-se a repetição (por três vezes) do nome de “Zico”, ex-atleta, branco, e ídolo da torcida do Flamengo, tomada aqui como sujeito enunciador (Ser). Tal repetição, no enunciado, constitui a exaltação de si ao dar destaque àquele que o representa, e, por outro lado, a inferiorização do Outro, àqueles que não são sujeitos dessas práticas de representação.

Pelé e Maradona, por outro lado, são demarcados como usuários de drogas ilícitas no Brasil, o que lhes dão posições específicas. Por conseguinte, o sujeito hegemônico, o Ser, localiza-se e define-se a partir do Outro, que é tomado como o “não ser” dotado de características negativas. De tal modo, as características positivas desses indivíduos são silenciadas e, assim, são marcados de forma estática, como visto em Carneiro (2023), e se tornam objeto de discursos racistas de incivilidade.

Nota-se, então, um entrecruzamento entre os discursos de incivilidade e moral, uma vez que é através do segundo que são estabelecidos os saberes que definem as condutas adequadas ou não para os homens na sociedade. Nesse sentido, todo aquele que não se adequar às normas vigentes, serão colocados à margem da sociedade. Pelé, ex-futebolista e homem negro, tem sua subjetividade estática nesses discursos, pois não são consideradas as especificidades que o torna um indivíduo, uma vez que é apenas objeto dessas práticas.

O discurso moral apontará para outros fatos da vida pessoal do ex-atleta, como o abandono de sua filha Sandra Regina, o que possibilitará, juntamente a aspectos sócio-históricos e culturais, a emergência de novos enunciados. Assim, há práticas de apagamento do sujeito Pelé em relação aos seus feitos no futebol brasileiro. Isso se torna visível ao observar que os cânticos ofensivos são entoados justamente durante um momento de homenagem ao ex-jogador.

Além disso, Foucault (2009) destaca a recorrência das formas de objetivação através das práticas divisoras, que se caracterizam pela classificação dos sujeitos em grupos, colocando os considerados bons, por saberes historicamente produzidos, em relação antagônica aos maus, por exemplo. A partir dessas oposições, produzem-se efeitos de verdade que ratificam as posições historicamente ocupadas através das relações de poder. Então, Pelé, jogador negro, é objetivado enquanto cidadão viciado em drogas ilícitas e amoral, não sendo digno de ser ídolo de um clube de futebol, enquanto Zico, jogador branco, é exaltado sem que questões pessoais se tornem enunciáveis na canção. Na introdução do texto “O sujeito e o Poder”, Foucault (2009, p. 231) discorre sobre o que elucidamos no presente parágrafo:

Na segunda parte do meu trabalho, estudei a objetivação do sujeito naquilo que eu chamarei de “práticas divisoras”. O sujeito é dividido no seu interior e em relação aos outros. Este processo O objetiva. Exemplos: o louco e o são, o doente e o sadio, os criminosos e os “bons meninos”.

Ao dividir os atletas entre os dignos e não dignos de ocuparem aquele espaço, colocando os negros em posição de exclusão, estas práticas discursivas reforçam os saberes presentes na sociedade brasileira, marginalizando os referidos sujeitos. Dessa forma, ao classificar Pelé, considerado o rei do futebol, como amoral, torna-se possível o aparecimento de novos enunciados que justificarão os ataques a atletas negros. Assim, há outros enunciados, desde o início da prática futebolística no Brasil, que se relacionam a esse através de uma rede enunciativa e possibilitam a redução de Pelé a apenas um “maconheiro”. Quanto a isso, Foucault (2020, p. 112) mostra que “um enunciado sempre tem margens povoadas por outros enunciados”.

A objetivação de Pelé enquanto amoral e não digno de ocupar os espaços de visibilidades proporcionados pelo esporte não é um acontecimento isolado, conforme explicita Foucault (2009) na citação apresentada acima. No início da carreira como atleta, Edson Arantes era chamado de

“crioulinho” ou “gasolina”, formas de tratamento que apagavam seu nome e o normatizavam, ainda em uma prática de objetivação, a um lugar de inferioridade que deveria ser ocupado por todos os negros da época, o da invisibilidade. Na década de 50, o jogador negro era rotulado como instável emocionalmente e não capaz de exercer as funções de um atleta, e é importante lembrar que esses saberes foram reforçados na Copa do Mundo de 1950.

Assim, outra prática de objetivação visível no futebol brasileiro é a da infantilização dos homens negros a partir de saberes que apontam para uma incapacidade de administrar a carreira de atleta, inferiorizando-os mais uma vez. As escolhas lexicais demonstram esta recorrência, como o uso de “crioulinho” e demais palavras no diminutivo. O não esforço para lembrar e dizer o nome do futebolista contribui para o apagamento de seus feitos no esporte. É importante observar que não se trata de um apelido que marcará de forma singular este sujeito, mas um rótulo de normatização dado às pessoas negras.

É possível perceber as regularidades discursivas em tal prática, ao analisar outros enunciados em que há a infantilização do atleta negro, no sentido de descredibilizá-lo enquanto profissional, através da escolha de adjetivos de cunho pejorativo e da aplicação do diminutivo. Em fevereiro de 2021, o narrador Haroldo de Souza, da rádio Grenal, do Rio Grande do Sul, ao questionar o repórter de campo quem seria o jogador que ocupava a “ponta esquerda” do Santos, referiu-se ao atleta como “crioulinho” e “cidadão de cor” para diminuir o bom desempenho de Lucas Braga durante a disputa entre Grêmio e Santos. Dessa forma, ao enunciar “Aquele crioulinho” que está lá na ponta esquerda do time do Santos, quem é ele?, o sujeito enunciativo recupera enunciados de infantilização e invisibilidade dos homens negros. Também se relaciona a estes acontecimentos, o fato de que os escravizados não recebiam nomes próprios por parte da elite branca, era como se sua existência estivesse atrelada simplesmente ao fato de prestarem serviços forçados.

Nesse sentido, observa-se que os enunciados de incivilidade e infantilização do futebolista brasileiro atravessam uma mesma formação discursiva, pois ao reduzi-lo a posição de imaturidade, também é descredibilizado o seu serviço enquanto profissional e seu comportamento enquanto adulto é colocado à prova. Desse modo, um enunciado materializado durante um programa esportivo do canal ESPN Brasil³⁹, em que o comentarista Zé Elias e o jornalista Fábio Sormani, ao debaterem sobre uma possível queda de desempenho por parte da Sociedade Esportiva Palmeiras, associa o fato aos penteados utilizados pelos atletas negros, indicando também que isso mostra que os jogadores estariam “deslumbrados” com a fama.

³⁹ Leia mais em: [Zé Elias e Sormani cometem racismo ao comentar cabelo de jogadores do Palmeiras; veja vídeos | Revista Fórum \(revistaforum.com.br\)](#)

(SE13) Você vê o Danilo com o cabelo rastafári... os caras estão deslumbrados. O Patrick de Paula foi pego em uma quebrada aí durante a noite e foi afastado. Precisa ver como é que essa molecada está se comportando. O meu meio campo do Palmeiras é Danilo e Patrick de Paula, mas esses caras não estão entregando. E por que esses jogadores não estão entregando? É chuteira colorida, rastafári, fitinha... divisão do foco. [...] Ao invés de passar seu tempo estudando o adversário, você passa seu tempo na frente do espelho olhando o rastafári.

Em primeiro instante, é preciso observar alguns elementos que se relacionam com a produção do enunciado. O primeiro deles é o fato de os dois atletas citados por Zé Elias, ao tentar explicar a “má fase” do Palmeiras serem negros. Percebe-se, então, a recorrência das práticas discursivas de culpabilização desses jogadores, a exemplo da Copa do Mundo de 1950 e de outros casos analisados, enquanto acontecimentos discursivos, neste trabalho. Portanto, os atletas são objetivados e qualquer conduta individual considerada errada será utilizada para justificar o mau desempenho coletivo, desconsiderando fatores técnicos relacionados ao futebol.

Nesse sentido, ao objetivar o futebolista brasileiro negro em práticas discursivas racistas de incivilidade, trará novamente a visibilidade para um sistema de diferenciação que toma esses sujeitos como inadequados para estarem nas equipes, já que a indisciplina deles é a causa do fracasso coletivo. Assim, o sujeito enunciativo não apresenta questões relacionadas ao futebol, como uma possível falta de habilidade ou problemas táticos⁴⁰ coletivos, mas em questões extracampo que focalizam apenas os dois jogadores. Ao silenciar-se frente às características técnicas dos atletas negros, o exercício do poder age em direção ao apagamento do jogador de futebol profissional e materializa, discursivamente, o homem irresponsável, “baladeiro”, bêbado, desfocado, agressivo, entre outros. Por isso há maior destaque a aspectos pessoais do que a questões relacionadas às habilidades, mesmo que o atleta não apresente muita.

No recorte enunciativo *you see the Danilo with rastafari hair* são recuperados enunciados em que as características físicas do negro, principalmente aspectos relacionados à representatividade de sua ancestralidade, são utilizados para incivilizá-lo. O sujeito enunciativo prossegue *os caras estão deslumbrados*, embora gramaticalmente se refira a um sujeito simples, utiliza o plural, já que há uma pluralidade de homens negros objetivados nos discursos materializados neste enunciado, inclusive um que será introduzido adiante. Por conseguinte, o homem negro demarcado como incivilizado é também caracterizado como deslumbrado, recuperando enunciados de infantilização.

A infantilização do futebolista brasileiro negro, visto como deslumbrado, é recorrente. Na verdade, tal prática discursiva emerge para além do futebol, isso pode ser visualizado no enunciado *quem nunca comeu melado, quando come se lambuza*, comumente utilizado para demarcar a

⁴⁰ No futebol, a palavra tática se refere às estratégias utilizadas pelas equipes para se organizarem dentro de uma partida.

inadequação de pessoas pobres, principalmente negras, em determinados espaços. Nesse sentido, é possível visualizar efeitos de poder semelhantes aos descritos nas análises da SE04, em que Puyol sugere uma mudança de comportamento para que Vinicius Junior seja aplaudido pelo público nos estádios espanhóis. De modo semelhante, o deslumbramento de Danilo seria, para o sujeito enunciatador, o motivo de suas dificuldades esportivas, revelando falta de maturidade para administrar sua carreira.

Além disso, torna-se importante analisar as relações históricas de poder em que o emprego do lexema *deslumbrados*, enquanto enunciado, se insere. Zé Elias, após fazer tal afirmação sobre Danilo, indica alguns dos comportamentos que, para ele, seriam as causas do baixo desempenho esportivo do atleta, como o penteado e o tipo de chuteira utilizada, artefatos usados também por vários outros atletas que não são alvos de crítica. Em relação a isso, é preciso considerar dois importantes pontos. O primeiro é a observação das práticas de exclusão dos homens negros no enunciado, pois itens que são comuns a muitas pessoas, com eles se tornam algo negativo, isso pois a pele negra é, nessa formação discursiva, demarcada como a face negativa, oposta ao branco, a exemplo da materialidade *preto parado é suspeito, correndo é ladrão*.

O outro ponto está diretamente relacionado à atração mútua entre poder e resistência, pois, como visto no parágrafo anterior, os traços estéticos associados à beleza africana são constantemente classificados como “feios” ou “ruins”. Por outro lado, penteados como *black power*, *afro puff* e *rastafari* são utilizados como formas de resistir e manter vivas expressões da cultura afro-brasileira. Assim, a forma como o jogador usa o cabelo torna-se motivo de seus possíveis insucessos, movimento que não ocorreu com Neymar enquanto, que durante uma entrevista ainda no início de sua carreira negou-se enquanto negro e afirmou que e alisava seus cabelos constantemente. Os questionamentos relacionados ao extracampo do atleta surgem anos depois, quando enfim se reconheceu enquanto homem negro. Nesse sentido, Kilomba (2019, p. 126/ 127) elucida que

mais do que a cor da pele, o cabelo tornou-se a mais poderosa marca de servidão durante o período de escravização. Uma vez escravizadas/os, a cor da pele de africanas/os passou a ser tolerada pelos senhores brancos, mas o cabelo não, que acabou se tornando um símbolo de “primitividade”, desordem, inferioridade e não-civilização. O cabelo africano foi então classificado como “cabelo ruim”. Ao mesmo tempo, negras e negros foram pressionadas/os a alisar o “cabelo ruim” com produtos químicos apropriados, desenvolvidos por indústrias europeias. Essas eram formas de controle e apagamento dos chamados “sinais repulsivos” da negritude. Nesse contexto, o cabelo tornou-se o instrumento mais importante da consciência política entre africanas/os e africanas/ os da diáspora.

Dessa forma, o poder age com efeitos disciplinadores que busca conduzir condutas e docilizar tais corpos, buscando o apagamento da cultura afro, funcionando como uma ação sobre a ação de resistência com o uso do cabelo *rastafari*. Nesse sentido, o sujeito enunciatador dá destaque à

repulsa ao fato de o atleta utilizar tal penteado, fazendo a palavra *rastafari* aparecer por três vezes durante o enunciado, dizendo, por fim, que o futebolista deixa de estudar o futebol para ficar em frente ao espelho olhando para seu próprio cabelo. A respeito do processo de negação da negritude e o apagamento dos fenótipos por parte de Neymar, Foucault (2014, p. 78) elucida que "o corpo, regulado por práticas discursivas e instituições, torna-se o campo de manifestação de uma gama de emoções, que são moldadas e limitadas pelas regras e normas sociais vigentes", assim, os modos de vestir e demais condutas relacionadas ao corpo, podem ser atos de resistência ou podem demonstrar os modos em que o poder age controlando os sujeitos.

Assim, o enunciado que está disperso nos discursos de infantilização e incivilidade, recupera também práticas de descaracterização da beleza negra. Nesse sentido, Braga (2015, p. 153) acrescenta que "a interseção entre beleza e identidade racial no Brasil revela como as percepções estéticas estão profundamente ligadas às questões de poder e representação, e como a valorização da beleza negra contribui para uma maior inclusão e reconhecimento cultural", desse modo, demarcar a beleza negra como algo negativo é estratégia de poder para limitar silenciar as resistências.

As práticas discursivas de infantilização do futebolista brasileiro são recorrentes, como no conhecido bordão "menino Ney", que se refere ao atleta Neymar Júnior e é comumente utilizado para associá-lo ao deslumbramento, também observado no enunciado que objetiva Danilo e Patrick de Paula.

A partir das análises, é possível compreender o funcionamento das relações de poder as quais os sujeitos atletas negros e os demais que coordenam, financiam e participam do futebol estão inseridos. Enfatizamos que o "sujeito é umbilicalmente ligado às relações de poder que atuam em sua constituição" (Silva; Machado Júnior, 2016, p. 207), portanto, tais subjetividades são produzidas em relação aos exercícios de poder que perpassam sua constituição. Assim, retomo aos processos de subjetivação e objetivação para salientar que, ao ser objetivado a dada posição, o sujeito pode se reconhecer ou não nas práticas discursivas em questão, subjetivando-se através delas e, por vezes, silenciando-se em relação às lutas por sua verdadeira identidade, ou resistindo através de estratégias inventivas devidamente elaboradas.

Uma das críticas dadas a Pelé é motivada pelo fato de o jogador nunca ter se manifestado veementemente em relação às lutas antirracistas. Observa-se, então, um processo de objetivação do atleta nos discursos de silenciamento e apagamento dos atletas negros. Edson, ao criticar o goleiro Aranha por se rebelar contra atos de injúria racial, ponderou que ação mais adequada, para ele, a ser tomada por um jogador negro vítima de ofensas de tal natureza é continuar cumprindo suas obrigações de trabalho e marcar muitos gols em resposta aos agressores.

Contudo, a sugestão dada por Pelé em nada contribui para as lutas do povo negro contra o silenciamento de sua existência. É importante lembrar que Foucault considera que as práticas de resistência “são uma oposição aos efeitos de poder relacionados ao saber, à competência e à qualificação: lutas contra os privilégios do saber. Porém, são também uma oposição ao segredo, à deformação e às representações mistificadoras impostas às pessoas” (Foucault, 2009, p. 235). Assim, ao não elaborar estratégias que vão contra esse saber vigente que o objetiva enquanto sujeito inferior, amoral, instável e infantilizado, Pelé não contribui para modificar as estruturas das relações de poder.

O fato de este atleta não ter atuado fortemente nas lutas de resistência o credencia enquanto negro que pode e deve ser vítima de racismo? A resposta é óbvia e negativa, visto que se trata de um sujeito constituído numa sociedade em que são vigentes variados discursos de exclusão racial, e, dessa forma, ocupou esta posição que o silencia frente às lutas antirracistas. Nisso também é possível observar as práticas divisórias, que capturam parte dos sujeitos através das práticas discursivas e enfraquece as comunidades excluídas, dificultando a emergência de enunciados e ações de resistência.

Apesar disso, nos momentos em que Pelé se posicionou favoravelmente a causas sociais, houve o reforço das práticas de silenciamento ao ser descredenciado em suas falas. O ex-jogador foi considerado demagogo ao pedir por melhores condições e mais investimentos para a educação das crianças e adolescentes após o jogo em que marcou seu milésimo gol. Para grande parte da crítica esportiva e demais integrantes da sociedade, o pronunciamento teria acontecido na intenção de chamar a atenção para si.

Portanto, é possível compreender o funcionamento dos processos de objetivação do sujeito atleta negro nas práticas discursivas racistas. Assim, percebemos que há regularidades presentes nos discursos de inferiorização, elas são: invisibilidade, infantilização e a desmoralização. Elas aparecem às luzes a partir dos enunciados que, para Foucault (1992, p. 126), são “ao mesmo tempo não visíveis e não ocultos”, o que exige que haja a conversão do olhar para a compreensão dos discursos que os perpassam em suas constituições.

Retorno, então, ao enunciado do qual iniciamos as análises: (SE12) Zico, Zico, Zico. O Pelé é maconheiro. Maradona cheirador, para considerar que é visível a recorrência de duas das regularidades observadas, a invisibilidade, ao reduzi-lo a uma posição de inferioridade, a desmoralização ao associá-lo ao uso de drogas ilícitas. Em contraponto, há uma contradição em relação aos enunciados de infantilização, mas que conservam os saberes de que o homem negro não possui maturidade suficiente para gerir sua carreira de atleta de futebol.

No enunciado em questão é possível observar que perpassam diferentes discursos em sua constituição, tais como o da moralidade, o da invisibilidade e o da superioridade branca em relação ao negro, como já explicitado nas análises anteriores. O discurso moral, no Brasil, tem emergência desde os tempos em que o país era colonizado por Europeus. A vinda dos Jesuítas, membros da Igreja Católica, instaurou práticas de culpabilização das pessoas que não seguiam os preceitos religiosos e morais estabelecidos por aquele grupo. Assim, os índios eram catequizados e levados a arrependem-se de seus atos e passaram a viver conforme os ensinamentos passados.

Os negros, por outro lado, eram vistos como pessoas sem almas, e, para eles, nem os dogmas cristãos eram repassados, uma vez que acreditavam que não eram passíveis de encontrar a salvação almejada pelo cristianismo. Nesse contexto, os valores morais daquela religião, que se enraizou na cultura da elite brasileira, sobretudo branca, eram inalcançáveis por parte das pessoas negras. Foram, então, objetivados ao passar dos anos, enquanto sujeitos imorais ou marginalizados, dando condições para que emergam tantos enunciados que os classificam como bandidos ou detentores de práticas condenáveis por grande parte da sociedade, como no caso da objetivação de Pelé enquanto maconheiro.

Ademais, outros enunciados também funcionam como condições de possibilidades para a emergência deste analisado no presente trabalho. Além dos aspectos apresentados no parágrafo anterior, vários outros acontecimentos de cunho social, histórico e cultural permitem estes aparecimentos. A invisibilidade do atleta negro é culturalmente demarcada através de práticas de apagamento e exclusão. Exemplifica-se pelo fato de que, no início da prática futebolística, esses homens, embora devessem prestar bons trabalhos aos seus clubes, não podiam frequentar as festas e demais eventos importantes da época. Além disso, não podiam ter nenhum contato físico com os brancos, conforme Filho (2003).

Assim, os saberes vigentes na sociedade brasileira, através do futebol, reforçam, desde o início, a ideia de que há uma supremacia branca, ou seja, aqueles que devem ocupar os lugares de destaque dentro do esporte. Os torcedores se sentem no direito de cobrar os atletas negros, atacando sua condição humana, por haver um sentimento de que há uma caridade em permitir que essas pessoas estejam em um espaço de visibilidade de mídia e ascensão financeira.

Portanto, o arquivo que possibilita o aparecimento dos enunciados de incivilidade do homem negro é composto por práticas discursivas racistas, morais e esportivas, que se entrecruzam. Além disso, estão as condições históricas dos discursos que permeiam as relações em que estão inscritos negros e brancos no futebol e demais espaços da sociedade brasileira. Desse modo, são essas algumas das condições que possibilitam o aparecimento de novos enunciados em que perpetuam discursos racistas de incivilidade dos futebolistas brasileiros negros.

2.3.2 – As práticas discursivas de primitividade do futebolista brasileiro negro

Os discursos de primitividade e de incivilidade se aproximam, visto que, como descrito anteriormente, os enunciados possuem margens conectadas e povoadas por outros enunciados presentes nas diferentes formações discursivas das quais fazem parte. Portanto, a descrição do arquivo dessa prática discursiva será realizada nesta subseção pertencente à mesma repartição em que foram analisados e detalhados os elementos que possibilitam a regularidade da incivilidade do futebolista negro brasileiro.

Para iniciar as análises propostas nesta subseção, trago o enunciado materializado em uma transmissão da Rádio Bandeirantes durante uma partida de futebol disputada por Londrina Esporte Clube e Goiás Esporte Clube, em 2021. Na ocasião, o narrador Romes Xavier e o comentarista Vinícius Silva proferiram ofensas ao cabelo *black power* do futebolista negro conhecido como Celsinho⁴¹. Em um primeiro momento, ao comentar sobre uma falta sofrida pelo atleta, Romes questiona (SE14) *o cabelo dele deve pesar demais, né Vinícius?*, o comentarista prontamente responde (SE15) *exatamente. Parece mais uma bandeja de feijão na cabeça dele do que um verdadeiro cabelo. Não é porque eu estou perdendo os cabelos que eu vou achar um negócio imundo desse bonito*. A exemplo da SE13, o cabelo é tomado como elemento linguístico principal a partir do qual o enunciado é constituído. Do ponto de vista da Análise do Discurso, interessa-me verificar quais os efeitos produzidos por ele, averiguar se há, também, práticas de condução de conduta e silenciamento.

Sobre a jogada que resultou nos comentários dos radialistas, é preciso considerar que Celsinho havia sofrido uma falta que foi marcada, pelo árbitro da partida, a favor do Londrina, equipe contrária à preferida pelos comunicadores em questão. Assim, um modo de se mostrarem insatisfeitos com o fato ocorrido foi culpabilizar o atleta por ter caído devido ao peso de seu cabelo, não estando, dessa forma, apto para a prática do futebol. Isso recupera diversas práticas que, historicamente, recaíram sobre os corpos negros, como alguns saberes científicos que, ao torná-los objeto de discursos de força e sexualização, justificavam a escravidão sexual e do trabalho, transferindo a culpa do colonizador ao colonizado.

Na SE15 observa-se, no recorte *parece mais uma bandeja de feijão na cabeça dele do que um verdadeiro cabelo*, a desqualificação de Celsinho, o que o inferioriza em relação aos demais. Porém, isso não acontece devido às suas habilidades esportivas, mas em relação à sua aparência e à manifestação da cultura afro através dela. Desse modo, o atleta negro, enquanto o “Outro” dessa prática discursiva é demarcado como a face negativa na prática do futebol, não por seu trabalho,

⁴¹ Leia mais em: [Narrador e comentarista chamam cabelo black power de jogador de ‘pesado’ e ‘imundo’ durante jogo em Goiânia; vídeo | Goiás | G1 \(globo.com\)](#)

mas por não se mostrar adequado em relação às normas estabelecidas pelos padrões de conduta considerados superiores por determinados grupos, no caso, da branquitude.

Portanto, observa-se junto ao discurso de primitividade do homem negro, práticas discursivas de culpabilização e de inferiorização desses sujeitos ao demarcá-los em um espaço de inadequação. Dessa forma, tais práticas agem como efeitos de poder que visam à produção de corpos docilizados e à condução de suas condutas, uma vez que há um padrão, uma norma de comportamento à qual os jogadores precisam se adequar. Nota-se, diante disso, que os homens negros são tolerados nos ambientes esportivos, desde que cumpram suas atribuições profissionais e se deixem capturar pelos dispositivos de racialidade, de modo contrário, serão atacados por serem quem são, por suas ancestralidades e raízes.

Já no recorte enunciativo *Não é porque estou perdendo os cabelos que vou achar um negócio imundo desse bonito* nota-se a demarcação do sujeito enquanto “Ser” a partir do “Não Ser”, o Outro, afirmando-se em posição de superioridade. Como demonstrado por Carneiro (2022) e por Kilomba (2019), a branquitude é definida pela diferença a todas as outras expressões de vida que não obedecem às normas estabelecidas nos discursos hegemônicos. Neste contexto, o negro só é diferente porque se difere do padrão, daquilo que é discursivamente colocado como condutas positivas a serem seguidas. Kilomba (2019, p. 37) acrescenta que “o sujeito negro torna-se então tela de projeção daquilo que o sujeito branco teme reconhecer sobre si mesmo, neste caso: a ladra ou o ladrão violenta/o, a/o bandida/o indolente e maliciosa/o”.

Ademais, a escolha do termo *imundo* traz à luz o discurso de higienização, comumente relacionado às práticas racistas pelo mundo e já observado também nas práticas de animalização e incivilidade desses sujeitos. Ora, se algo é imundo, faz-se necessário uma limpeza que se concretiza por meio da exclusão ou retirada daquilo que está inadequado no ambiente. Além disso, estabelece um sistema de diferenciações que demarca o atleta enquanto sujo e aquele que enuncia como limpo, desse modo, superior. Há ainda, na SE15, a oposição entre o “cabelo verdadeiro” e o “cabelo falso”, com o negro ocupando sempre a face negativa.

Ao recuperar saberes que objetivam o atleta negro Celsinho nos discursos de primitividade, o enunciado funciona como um mecanismo do poder que age para a exclusão de tal indivíduo que não se adéqua às condutas nas quais o dispositivo de racialidade tenta formatá-lo. Portanto, ao caracterizar o negro como primitivo por utilizar um penteado que expõe seu cabelo crespo de forma natural, demarca que o cabelo adequado é o liso.

Em 2022, durante uma partida válida pela segunda divisão do Campeonato Brasileiro, torcedores do Bahia, em um vídeo gravado por eles, proferiram ofensas ao atleta negro Luiz Henrique⁴². Enquanto o futebolista se preparava para o jogo junto a outros companheiros de equipe,

⁴² Leia mais em: [Bahia vai investigar injúria racial de torcedor contra lateral-esquerdo Luiz Henrique na Fonte Nova | bahia | ge \(globo.com\)](https://globo.com/bahia/noticia/2022/08/21/bahia-vai-investigar-injuria-racial-de-torcedor-contralateral-esquerdo-luiz-henrique-na-fonte-nova-bahia-ge-globo.com)

um homem grita (SE16): *cabelo feio da desgraça, corta esse cabelo direito* apontando o indicador para o jogador que também utilizava o corte “black power”.

Na SE16 o sujeito atleta negro se torna, outra vez, objeto de práticas discursivas de incivilidade e inferiorização pelo uso de um penteado que historicamente representa a cultura afro e é símbolo das lutas antirracistas pelo mundo. Nota-se, então, que tais discursos recaem sobre os corpos negros como uma forma de coerção àqueles que não agirem conforme as condutas definidas como ideais nos discursos hegemônicos. Neste ponto, retomo a teoria do contrato social de Charles Mills, abordada por Carneiro (2023), que elucida que tal contrato, firmado por iguais (a branquitude) define práticas de exclusão que permanecem silenciosas desde que o indivíduo excluído permaneça silenciado e capturado pelo dispositivo de racialidade, caso contrário, sofrerá retaliações que têm como alvo direto sua existência humana enquanto homem negro, demarcando-o como aquele que, por ser primitivo, não tem a civilidade necessária para estar naquele ambiente.

Nesse sentido, desde que os negros foram oficialmente inscritos nas primeiras competições de futebol, no interior das relações de poder, uma série de práticas discursivas produzem efeitos que produzem subjetividades, tornando-se visível também no corpo de na conduta desses sujeitos. Desse modo, ao serem capturados pelo dispositivo de racialidade, poderão não se reconhecer como negro e negar sua cultura e ancestralidade. Filho (2010) relata que, por volta de 1914, no Fluminense, o atleta Carlos Alberto passava produtos no rosto para que sua pele obtivesse uma coloração branca e assim fosse melhor recebido pelos torcedores e, por este motivo ficou conhecido como pó de arroz.

Infere-se, portanto, que o arquivo que possibilita o aparecimento dos discursos de primitividade é composto, dentre outras coisas, por elementos históricos e discursivos que demarcam os negros como inadequados para adentrarem em determinados ambientes e ciclos sociais. Em relação aos enunciados de beleza e moda que desqualificam os negros, é possível observar aparecimentos em diferentes momentos da história brasileira, nesse sentido (Braga, 2015, p. 45) elucida que “a construção da beleza negra no Brasil é um processo que envolve tanto a reinterpretação quanto a ressignificação de padrões estéticos que foram historicamente marginalizados e subordinados aos padrões eurocêntricos de beleza”.

Também compõem este arquivo os discursos religiosos que demarcam, no Brasil, o cristianismo como a crença mais adequada e as religiões de matriz africana como o culto ao mal, configurando o racismo religioso⁴³. Nota-se mais uma vez um sistema de diferenciações que posiciona um elemento cultural da branquitude como a face positiva e a cultura afro como a negativa, primitivizando-o. No futebol o discurso religioso aparece desde o início de sua prática no território brasileiro, contudo nem toda religiosidade está autorizada a ser manifestada.

⁴³ Leia mais em: [Racismo Religioso — Senado Notícias](#)

Em 2023, o futebolista Paulinho, atleta do Clube Atlético Mineiro⁴⁴, publicou em uma rede social uma foto e na legenda escreveu “Galooo! Laroyè”⁴⁵, agradecendo Exú, entidade cultuada em religiões como Candomblé e Umbanda. Muitos comentários na publicação relacionavam a manifestação religiosa do atleta ao demônio pertencente à crença cristã e à falta de Deus na vida do atacante. Nesse contexto, associavam cultura afro à maldição que impedia o desenvolvimento profissional do jogador. Observa-se tal movimento em um dos comentários feitos em tal postagem (SE17):

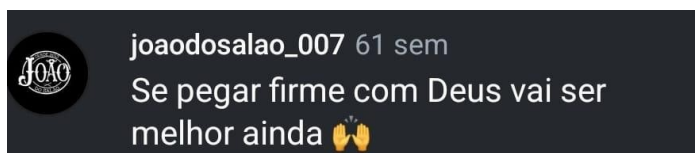


Figura 03: comentário de racismo e intolerância religiosa em postagem do jogador Paulinho.

Na SE17, constata-se novamente um enunciado que demarca uma diferenciação entre a cultura dominante, o cristianismo, e a afro, posicionando aquilo que se relaciona aos negros com a negatividade. Desse modo, o sujeito (EU) enuncia que os insucessos do atleta são decorrentes de sua crença religiosa, o que considera ser um afastamento de Deus. Assim, para que o futebolista alcance melhores resultados e, conseqüentemente, sucesso, deverá “pegar firme com Deus”, o que se traduz em uma mudança de convicções e comportamentos. Nesse sentido, o enunciado age com efeitos de poder que visam conduzir o sujeito à conversão religiosa, para que, dessa maneira, esteja mais adequado e enquadrado nos padrões considerados moralmente corretos na sociedade em que vive.

No interior dos arquivos dos discursos de incivilidade e primitividade do futebolista negro brasileiro estão diversos elementos comuns, como atestado nas análises anteriores, visto que ambos tomam esses indivíduos como objetos discursivos de inferiorização e buscam operar sobre suas subjetividades de modo a silenciá-los ou enquadrá-los nos discursos hegemônicos de moral e comportamento advindos da branquitude.

⁴⁴ O termo galo, utilizado por Paulinho na postagem, refere-se à mascote do Clube Atlético Mineiro, modo no qual o time é popularmente conhecido.

⁴⁵ A postagem pode ser encontrada em: https://www.instagram.com/p/CsY6gdRO4hk/?utm_source=ig_web_copy_link

Capítulo III

3- Reativação e reapropriação dos discursos racistas que objetivam o futebolista negro na atualidade.

As análises realizadas nos capítulos anteriores possibilitaram observar e descrever as práticas discursivas racistas que objetivam o futebolista negro brasileiro, sendo elas a animalização, a incivilidade e a primitividade. Pude também compreender o funcionamento do dispositivo de racialidade, que visa a condução das condutas dos atletas negros para mantê-los em posição subserviente. Em sequência, descrevi os arquivos que possibilitam a aparição, a manutenção e a conservação dos enunciados de exclusão do homem negro, fazendo com que eles possam ser recuperados e modificados conforme as especificidades de cada momento histórico.

Neste capítulo, por sua vez, objetivo mobilizar ferramentas metodológicas dos estudos discursivos foucaultianos para analisar os processos de apropriação e reativação dos enunciados racistas que estiveram no futebol desde a inserção do jogador brasileiro negro, visando sua exclusão. As análises propostas serão efetivadas com o fito de verificar quais discursos, a partir de um *a priori* histórico, estão correlacionados às práticas discursivas racistas na dispersão dos enunciados que emergiram nos últimos anos. Esses processos serão verificados dos seguintes modos:

- Apropriação: descreverei os modos nos quais os enunciados racistas são apropriados por outros discursos e como o poder se exerce, por meio dessa correlação, sobre os corpos e condutas dos sujeitos nas práticas de governamentalidade (Foucault, 2008).
- Reativação: analisarei e descreverei quais são os discursos que, ao apropriarem-se dos enunciados racistas, fazem-nos emergir novamente sob outras condições de possibilidades, que também serão descritas.

Com base nas análises dos enunciados dos capítulos anteriores, organizarei as verificações propostas nesta parte do texto a partir de dois grandes eixos que apontarão e poderão tornar visíveis os processos de reativação e reapropriação dos discursos racistas no futebol brasileiro na atualidade. O primeiro se organiza em torno do neoliberalismo, que aqui tomarei como um sistema econômico, mas também como um dispositivo e um conjunto de práticas discursivas. De tal modo, interesse-me por averiguar os processos de objetivação do sujeito futebolista brasileiro negro em uma lógica neoliberal, que tem como princípios, entre outros, a produtividade, o desempenho e a competição. Assim, esses sujeitos que são animalizados, incivilizados e primitivizados, passam também a ter que se comportar conforme os ideais econômicos e de mercado em que seu valor humano, ainda mais contestado por ser negro, deve ser provado com base naquilo que produz.

Além disso, busco compreender e descrever os modos de captura do dispositivo neoliberal para que os atletas negros, por vezes, ao alcançarem privilégios tão comumente dados somente à branquitude, não se reconheçam enquanto sujeitos negros, tomados pela ilusão de que não são mais demarcados pela régua do racismo. Por fim, as análises terão como finalidade principal, a verificação dos modos de condução de conduta através de enunciados dispersos em diferentes formações discursivas. Para tanto, utilizarei os estudos de Dardot e Laval (2009) para compreender as formas em que o neoliberalismo age na produção de subjetividades.

Na segunda seção, mobilizarei os estudos foucaultianos acerca das emoções em discurso para analisar os modos nos quais os sentimentos se materializam nos enunciados de exclusão dos sujeitos negros brasileiros no futebol. Para isso, abordarei os estudos de Corbin, Courtine, Vigarello e Bromberger (2020) que darão sustentação teórica e metodológica às análises. Na referida seção, as análises dos enunciados possibilitarão a verificação dos modos pelos quais os discursos racistas são apropriados por emoções que acrescentam elementos às relações de poder.

Desse modo, como visto nos capítulos I e II, as emoções relacionadas aos discursos racistas de exclusão do futebolista brasileiro negro, historicamente, se correlacionavam ao sentimento de superioridade vindo dos sujeitos hegemônicos (Eu) em relação ao Outro. Analisarei, nesta seção, se com o advento do neoliberalismo, outras emoções concernentes aos seus princípios passaram a fazer parte das relações de poder que se exercem no futebol entre os atletas negros brasileiros e os demais que compõem tal esporte.

3.1 – O sujeito futebolista negro e o neoliberalismo - a exclusão por uma nova lógica

Nesta seção, realizarei uma discussão teórica acerca do neoliberalismo e de seus modos de ação (princípios) na constituição de sujeitos e na condução de suas condutas a partir de lógicas de concorrência e desempenho, entre outras, em que o indivíduo passa a ser visto como uma empresa e deve gerir-se e ser gerido dentro de tais ideais. Para tanto, é preciso antes compreender o novo modelo liberal e as ideias segundo as quais ele surgiu no século XX.

O neoliberalismo se trata de um conjunto de ideias e princípios surgidos na década de 1970 após o fracasso do modelo liberal devido à crise mundial do petróleo. Do ponto de vista das disciplinas de geografia e sociologia, o neoliberalismo é uma doutrina socioeconômica que objetiva definir as regras para o capitalismo, tendo como ponto de partida, a intenção de retomar os ideais do liberalismo clássico de mínima intervenção do estado. Contudo, neste novo sistema, a retirada total do Estado do mercado econômico alia-se ao desmanche do chamado “estado de bem-estar social”, assim, políticas públicas que têm como público principal as classes menos favorecidas financeiramente, são consideradas ineficazes e gastos desnecessários e passam a deixar de existir.

Por conseguinte, ao retirar a participação do estado na economia, as desigualdades sociais, evidenciadas pela ausência de direito e pela crença na meritocracia, são potencializadas e dão ao indivíduo a incumbência de administrar-se e ser o único responsável por seus sucessos e fracassos, constituindo o sujeito neoliberal. Para isso, defende medidas governamentais que possibilitam sua concretização, tais como a isenção de impostos para grandes empresas, privatização de órgãos públicos, terceirizações e o protagonismo do setor privado. Nesse sentido, é possível observar o neoliberalismo como condutor de condutas, já que o seu sujeito deve governar a si e ao outro, uma vez que essa incumbência é descentralizada e passa a ser dividida em micro instâncias.

A despeito desse ponto de vista, abordarei, neste capítulo, o neoliberalismo conforme Dardot e Laval (2016), que o consideram uma racionalidade, conceito inicialmente debatido por Foucault (2008b) ao refletir sobre a governamentalidade e a biopolítica. Nesse contexto, o filósofo aborda a noção de governo de forma não institucionalizada, mas como a ação de governar, de implicar sobre o outro e sobre si mesmo regras que ditarão a conduta dos indivíduos e os transformarão em sujeitos e corpos dóceis.

Desse modo, é através das racionalidades que as condutas são controladas em grupos determinados e a partir de procedimentos específicos. Assim, para além de um sistema econômico, trata-se de um modo de produzir sujeitos, conduzir os modos de ser e agir para que os objetivos financeiros sejam atingidos e para que o próprio sujeito, ao ser capturado, queira e deixe ser conduzido. É por isso que na atualidade surgem incontáveis pessoas que se denominam “mentores”, “*coachs*” etc. a fim de vender cursos em que supostamente apresentam soluções rápidas e seguras para o sucesso individual. O neoliberalismo introduz, então, saberes que se materializam por meio dos enunciados e funcionam como mecanismos do poder que se exercem sobre os sujeitos. Nesse sentido, Wendy Brown (2019, p. 20) enfatiza que

diferentemente da ideologia – uma distorção ou mitificação da realidade – a racionalidade neoliberal é produtiva, formadora do mundo: ela coloca sob um viés econômico cada esfera e empenho humano e substitui um modelo de sociedade baseada num contrato social produtor de justiça por uma sociedade concebida e organizada como mercados, com Estados orientados pelas necessidades do mercado.

Diante disso, é importante compreender a formação do sujeito neoliberal para, posteriormente, compreender como os enunciados dispersos nos discursos racistas e neoliberais agem na produção e na captura das subjetividades de futebolistas negros brasileiros. Em suma, Dardot e Laval (2016, p. 312) elucidam que “o homem neoliberal é o homem competitivo, inteiramente imerso na competição mundial”, e isso se associa ao fato de que ele passa, nessa nova lógica, a ser responsável único por seu sucesso, portanto, é constantemente pressionado a produzir e competir, tendo que superar a si mesmo e aos outros.

Para isso, o sujeito é disciplinado e conduzido, conforme visto acima, por meio de uma série de elementos que discursivamente o guia a determinados lugares. O sujeito neoliberal é movido pelo princípio da concorrência, entre outros, porque é moldado por uma série de elementos, que podem ser exemplificados com enunciados como *Deus ajuda quem cedo madruga*, já analisado neste trabalho, e *trabalhe enquanto eles dormem*. Ambos estão localizados em uma mesma formação discursiva e materializam discursos que apontam para o governo de si a partir da superação do outro, trazendo novamente a dualidade visualizada múltiplas vezes nesta pesquisa: o Ser constituído a partir do Não Ser.

Nessa linha de pensamento, Dardot e Laval (2016, p. 314) acrescentam que “há um arranjo de processos de normatização e técnicas disciplinares que constituem o que podemos chamar de dispositivo de eficácia”. É por meio desse dispositivo que os sujeitos são configurados e formatados a partir dos princípios do neoliberalismo, uma vez que são estimulados a serem eficazes, ou seja, a fazer somente aquilo que é necessário e produtivo conforme a lógica do mercado, deixando de lado práticas de cuidado de si e do próximo. Assim, quanto mais eficaz, mais será considerado detentor de sucesso e merecedor de ter um êxito financeiro superior àqueles que não se sujeitaram a este dispositivo.

No dispositivo de eficácia, visualiza-se uma série de elementos e discursos que guiam o sujeito para o propósito de ser eficaz, produtivo e engajado em uma causa, que geralmente se relaciona a organizações financeiras. Desse modo, os mecanismos do poder que agem sobre tais indivíduos objetivam guiá-los para a renúncia de si mesmo, abrindo mão de seu conforto e bem-estar, para se dedicarem a alcançar resultados almejados pelas empresas. Ao mesmo tempo, há também uma busca por validação própria, uma vez que o neoliberalismo coloca o sucesso como resultado da dedicação extrema ao trabalho.

Em relação aos futebolistas brasileiros negros, é possível, tendo em vista todo o jogo de relações descrito nas análises dos capítulos anteriores, visualizar as posições que são dadas a eles nos discursos neoliberais. Ora, se eles são excluídos por meio das regularidades discursivas de animalização, infantilização, primitividade e incivilidade, são também perseguidos por serem observados enquanto ferramentas de entretenimento que, por serem pagos pelos clubes, precisam entregar todo o sucesso esportivo almejado. Quando isso não acontece, são atacados e não mais tolerados naquele ambiente. Sobre o dispositivo de eficácia, Dardot e Laval (2016, p. 316) elucidam que

Foi esse dispositivo de eficácia que forneceu à atividade econômica os “recursos humanos” necessários, foi ele que produziu incessantemente as mentes e os corpos aptos a funcionar no grande circuito da produção e do consumo. Em uma palavra, a nova normatividade das sociedades capitalistas impôs-se por uma normatização subjetiva de um tipo particular.

Assim, é por meio desse dispositivo que o poder se exerce sobre corpos e condutas dos indivíduos, produzindo sujeitos que, subjetivados nos discursos neoliberais, são conduzidos e passam a agir conforme a lógica do mercado de produção e consumo. Por conseguinte, além de viverem conforme tais princípios, passam a gostar e a cultivar os modos de vida praticados, principalmente porque tais discursos cristalizam saberes que definem a produtividade e o trabalho excessivo como um modo de superar a pobreza e até os preconceitos sofridos.

Dardot e Laval (2016) acrescentam que, se por um lado os sujeitos neoliberais acreditam na liberdade para almejavam conquistas financeiras e mudanças sociais e individuais, por outro lado estão presos e controlados por uma série de normas, inclusive pelo medo da culpabilização que acontecerá caso fracassem em tais objetivos. Portanto, trata-se de sujeitos governados e para além disso, sujeitos que permitem ser governados, conduzidos e controlados por procedimentos bem definidos no interior do dispositivo de eficácia.

Para Dardot e Laval (2016, p. 315) “a nova política [neoliberalismo] inaugura-se com o monumento panóptico erguido em glória da vigilância de todos por cada um e de cada um por todos”, já que, nesse contexto, os sujeitos neoliberais se colocam em constante vigilância, de si e também do outro. Assim, a responsabilidade de controle não é centralizada no Estado, mas partilhada entre aqueles que se tornam agentes de tais sistemas, fazendo com que opere as microrrelações de poder, como visto anteriormente. Nesse sentido, Wendy Brown (2019, p. 20) elucida que

na medida em que a racionalidade neoliberal se transforma em nosso senso comum generalizado, seus princípios não governam somente por meio do Estado, mas permeiam os locais de trabalho, as escolas, os hospitais, as academias, as viagens aéreas, o policiamento e toda forma do desejo e decisões humanas.

Tratando-se dos sujeitos futebolistas brasileiros negros, a vigilância é potencializada por outros elementos que se somam ao sistema neoliberal e culminam no controle de suas condutas. Isso se deve ao fato de que eles sempre foram vigiados de modos diferentes daqueles que são os brancos, simplesmente por seus traços e ancestralidade. Isso pode ser observado nos registros históricos dessa relação, como a tardia inclusão desses homens na prática esportiva futebolística de forma oficial e nas variadas restrições que sofreram mesmo após estarem nos clubes. Durante muitos anos, os negros, embora trabalhassem nas equipes, não podiam estar presentes nos grandes eventos promovidos pelas instituições esportivas, nem gozar de outros benefícios dados aos atletas da época.

Observo, de tal modo, que embora o capitalismo sempre tenha sido um elemento determinante nas relações de poder presentes no futebol, os princípios fundados pelo neoliberalismo incrementam novos aspectos que atuam sobre a constituição da subjetividade desses sujeitos. Por

consequente, se controle e vigilância sempre existiram em relação aos negros, no modelo neoliberal isso se torna ainda mais potente, uma vez que crenças discursivamente cristalizadas, como o máximo nível de produtividade, concorrência e meritocracia, fazem com que esses indivíduos se submetem em tais práticas e, para se provarem enquanto sujeitos que merecem estar ali, são pressionados a trabalhar e gerar mais resultados que os brancos, já que suas falhas são utilizadas para invalidá-los.

Nessa esteira do pensamento, retomo às análises dos enunciados de objetivação do atleta Vinicius Junior, realizadas neste trabalho (SE04). Nos exercícios analíticos foi possível visualizar as práticas de controle e vigilância em torno do futebolista. Tais práticas agem como estratégias de condução de conduta, para que esses indivíduos se tornem sujeitos guiados pelos dispositivos de racialidade, eficácia e neoliberal. Assim, esses homens, para que sejam tolerados nos ambientes de futebol, devem exercer suas profissões de forma a fornecer resultados e seguir um conjunto de normas estabelecidas, pois, como observado nas análises relacionadas ao jogador brasileiro em questão, não basta fazer muitos gols e conquistar títulos, é preciso deixar-se conduzir pelo discurso moral e de comportamento da branquitude.

Desse modo, aqueles que, a exemplo de Vinicius Junior, não agirem como esperado pela branquitude, ainda que cumpram com os princípios de produtividade, desempenho e competitividade, serão desqualificados e questionados em relação ao mérito, revelando uma contradição nas práticas discursivas de meritocracia. Isso revela que a vigilância tem como fins principais a condução de condutas, a punição sobre aqueles que desviam, mas principalmente a busca por justificativas aos atos de exclusão praticados.

Assim, os atletas negros subjetivados no discurso neoliberal podem até pensar não serem mais atravessados pelo racismo, já que, enquanto deixa se conduzir por tais práticas, o dinheiro, sucesso e o prestígio pretensamente os afastam do preconceito, embora nunca deixem verdadeiramente de serem objeto e alvo de tais discursos. Nesse sentido, a vigilância como justificativa ao preconceito, serve também para produzir elementos que geram efeitos de verdade que dão ao negro a posição de não merecedor de sucesso, escondendo todo o racismo estrutural que busca a manutenção de sociedades em que a maioria dessas pessoas vivem em situações degradantes.

Dessa forma, enunciados como “preto quando não faz cagada na entrada, faz na saída” ou “serviço de preto” reforçam falsas ideias de que as oportunidades são iguais e essas pessoas não as aproveitam por não terem capacidade para tanto. Esse movimento pode ser visualizado nas análises da SE13, em que comentaristas esportivos creditam a má fase da equipe do Palmeiras à conduta de dois atletas negros. Nesse ponto fica visível a lógica central do neoliberalismo, o indivíduo

responsável por si, principalmente por aquilo que é considerado fracasso perante a sociedade. Nesse sentido, para Dardot e Larval (2016, p. 315),

esse é, sem dúvida, o cruzamento decisivo que vai definir a nova economia do homem governado pelos prazeres e pelas dores. Governado e governável pelas sensações: se o indivíduo deve ser considerado em sua liberdade, ele também é um rematado patife, um “delinquente em potencial”, um ser movido antes de tudo por seu próprio interesse.

Portanto, soma-se ao racismo a necessidade de governar-se e deixar ser governado pelas dores, insucessos e dificuldades vivenciadas. Por isso, muitos futebolistas negros brasileiros, ao ascenderem financeiramente, negam-se enquanto homens negros ou se tornam alheios às lutas e embates antirracistas, sendo essa uma forma de gerir-se rumo ao sucesso e de se proteger em relação aos ataques racistas. De tal modo, o sujeito, como analisado pelos autores, passa a ser movido por seus interesses que, em muitos casos, são definidos a partir das práticas discursivas neoliberais e racistas, é daquilo que é dito a outro que ele precisa para viver bem e obter sucesso.

Nesse contexto, os futebolistas negros, para que sejam aceitos nos clubes de futebol e continuem recebendo seus salários, precisam deixar-se guiar por motivações que são objetivadas nos discursos racistas. Novamente é possível retomar os entendimentos obtidos nas análises anteriores, em que o sujeito enuncia que se Vinicius quiser continuar no futebol espanhol, deverá deixar de dançar e expressar sua cultura e ancestralidade. A este respeito, Foucault (2008, p. 112) elucida que “o sujeito moderno é constituído por um complexo de práticas e saberes que o moldam como um objeto de governo”, silenciando e subjetivando-se em discursos normatizadores para permanecerem em determinados espaços.

Brown (2019) observa que os discursos em torno da educação superior foram capturados pelo dispositivo neoliberal, pois as Universidades são retratadas como a grande possibilidade de mudança de vida e ascensão financeira, fazendo com que, de forma individual, a pessoa supere as possíveis mazelas sociais por ela vivenciada, tornando-se assim um sujeito neoliberal. A partir dessa compreensão, observo que o futebol é, para os homens pobres, principalmente negros, algo semelhante. Diversos são os discursos que demonstram tal modalidade esportiva como uma espécie de salvação da pobreza e da criminalidade, reforçando saberes que os cristalizam como única forma de sobrevivência para esses sujeitos. Por conseguinte, muitos adolescentes e crianças vivem com a expectativa de conseguir uma vaga em um grande clube de futebol para assim mudar a realidade de sua família, colocando-se muitas vezes em condições precárias, a exemplo do fatídico incêndio no Ninho do Urubu⁴⁶, que matou dez crianças que sonhavam em se tornar atletas profissionais.

Embora tais discursos também operem sobre a subjetividade de garotos e homens brancos, é notório que as possibilidades de melhores condições de vida para maior parte da população negra

⁴⁶ Nome pelo qual o Centro de Treinamentos George Helal, do Clube de Regatas do Flamengo, é popularmente conhecido.

no Brasil são mais escassas, fazendo com que sejam ainda mais pressionados pela motivação de se tornarem futebolistas profissionais, deixando de lado outras formas de mudar suas realidades, como os estudos. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), coletados em 2023⁴⁷, três entre quatro pessoas vivendo em situação de extrema pobreza ainda são negros, o que atesta a triste realidade descrita acima. Portanto, os discursos neoliberais apropriam-se também dos discursos esportivos e, aliados aos discursos racistas, conduz sujeitos negros para silenciá-los e guiá-los a partir de tal racionalidade. Ao ser capturado, há uma pretensa ideia de que deixarão de ser o Outro para, pela primeira vez, tornar-se sujeitos dessas práticas discursivas.

A racionalidade neoliberal faz com que indivíduos negros, ao tornar-se sujeitos de tais discursos, acreditem ter superado o racismo sofrido por obterem conquistas de bens materiais e de prestígio social, mas que não representam avanços para a negritude. A título de exemplificação, trago uma breve análise de uma série enunciativa retirada de trechos da canção *A favela venceu*⁴⁸, de Djonga, rapper negro, MC Tikão e MC Cabelinho: *SE18 Mais um favelado foda que venceu na vida; Avisa aí que a favela venceu.*

No recorte enunciativo em questão, observa-se que o sujeito celebra suas conquistas, definindo-se como “um favelado foda” por ter superado muitas adversidades descritas nos outros versos da canção e, conseqüentemente, vencido na vida. De tal modo, a noção de vencer na vida está totalmente condicionada aos alcances individuais, como boas roupas, dinheiro e prestígio, trazendo à vista um sistema de diferenciação entre o favelado vitorioso (foda) e o perdedor, de modo que o primeiro é aquele que consegue superar as adversidades, mesmo que isso não represente bens coletivos. O segundo é aquele que permanece naquelas condições de vida, mesmo que tenha passado por problemas semelhantes aos descritos pelo sujeito que enuncia, mas o que valida a vitória, nessa racionalidade é o *status*.

É inegável que o enunciado *a favela venceu* demarca o morador da favela em posição de destaque, contudo, é constituído em uma formação discursiva neoliberal e tomados pelo princípio da individualidade, uma vez que a comunidade permanece inalterada, com seus problemas sociais e estruturais e a visibilidade individual pode não garantir muitos avanços para sua população. Nisso, observo os modos nos quais o neoliberalismo age sobre a subjetividade dos sujeitos capturados, conduzindo-os para o afastamento de suas origens e tornando-os modelo para que outros indivíduos se subjetivem e deixem ser conduzidos.

Nas análises posteriormente realizadas nesta seção, buscarei observar a recorrência deste movimento de afastamento do sujeito atleta negro neoliberal de sua subjetividade enquanto homem

⁴⁷ Leia mais em: [Com Bolsa Família 'turbinado', número de negros na pobreza ainda é o triplo de brancos - BBC News Brasil](#)

⁴⁸ Disponível em: [A Favela Venceu \(part. Djonga e MC Cabelinho\) - MC Tikão - LETRAS.MUS.BR](#)

negro. Assim, a boa condição financeira e o *status* proporcionado pelo futebol aparecem a muitos homens e meninos negros como um escape à liberdade pela racionalidade instaurada no neoliberalismo que, conforme definição de Brown (2019, p. 21), está “completamente identificada como a busca de objetivos privados, é apropriadamente não regulamentada e é exercitada em grande parte para melhorar o valor, o posicionamento competitivo”. Nessa linha de pensamento, buscarei compreender nas análises seguintes se os futebolistas negros que se subjetivam a partir dos dispositivos descritos, colocam-se como superiores àqueles que não são conduzidos por essas práticas discursivas.

Como visto na breve análise realizada para ilustrar os feitos de poder que se exercem sobre os sujeitos, muitas pessoas negras, ao alcançarem prestígio social e por serem conduzidos por estratégias bem definidas dos dispositivos de racialidade, eficácia e neoliberalismo, deslocam-se de suas subjetividades enquanto negros e se tornam uma referência utilizada pelo sistema para justificar que não há desigualdade social, trazendo novamente à luz os discursos de meritocracia. Para verificar a ocorrência dos efeitos de poder descritos acima, trago à análise um enunciado materializado em uma entrevista do jogador Neymar Júnior, em 2010, para o portal Estado de São Paulo⁴⁹, em que diz não se considerar negro. Ao ser perguntado se já sofreu racismo, o jogador responde: SE19 *Nunca. Nem dentro e nem fora de campo, até porque não sou preto, né?*

Observa-se, nessa sequência enunciativa, que o jogador, após ser questionado sobre ter ou não sofrido racismo, responde negativamente, o que poderia ser suficiente para sanar a dúvida apresentada, contudo, o sujeito demarca-se como não sendo um homem “preto”. Desse modo, silencia-se em relação às lutas antirracistas, que poderiam ser recuperadas a partir da indagação apresentada pelo repórter. Além disso, os efeitos de poder que conduzem Neymar ao afastamento de sua negritude recaem também sobre o corpo, a exemplo do “pó de arroz”, como visto anteriormente. No período em que o enunciado se materializou, o jogador utilizava penteados em que alisava seus cabelos e distanciava fenótipos afrodescendentes. É importante enfatizar que as pessoas negras devem ter a liberdade para vestir e pentear o cabelo como desejarem, contudo, torna-se visível que a necessidade de muitos procedimentos estéticos é discursivamente construída por meio de práticas racistas e neoliberais, como observado nas análises das SE14 e SE15.

Assim, o sujeito futebolista negro brasileiro Neymar Júnior se afasta de sua subjetividade e se subjetiva em outros discursos que indicam o afastamento de características afrodescendentes, principalmente cortes e penteados de cabelo, como condicionais para o sucesso. É preciso lembrar que, para a racionalidade neoliberal, as conquistas são individuais, desse modo, cabe ao indivíduo zelar por sua aparência e gerir-se conforme padrões - de beleza, comportamentos etc.- cristalizados

⁴⁹ Leia mais em: [Há 10 anos, Neymar não se considerava preto; hoje lamenta o racismo. O que mudou? \(torcedores.com\)](http://torcedores.com)

na sociedade. Assim, o princípio neoliberal do desempenho, que não se relaciona apenas com a qualidade do trabalho entregue, mas também com uma série de condutas exercidas, age sobre o sujeito e o configura. Nesse sentido, há um efeito semelhante ao que recaiu sobre Carlos Alberto, o pó de arroz, atestando que o homem negro, para ser tolerado no futebol, precisa agir conforme o discurso moral e de comportamento em que ele é apenas um objeto. Isso é ainda mais potencializado em uma sociedade neoliberal, já que alisar o cabelo e utilizar determinadas peças de roupas conferem um grau de aceitação de sua presença, mas também o *status* de ser bem realizado e sucedido.

A materialidade da SE19 recupera outro enunciado que se encontra em suas margens. Trata-se de uma resposta do jogador negro Endrick durante o programa “Conversa com Bial”, em que o atleta é questionado sobre seus sentimentos em relação aos ataques racistas sofridos por Vinicius Junior na Espanha, local em que o jovem atleta moraria meses após a gravação. Ao ser indagado também sobre como se sentiu após seu pai ter sido vítima de injúria racial na Argentina, enuncia⁵⁰:

(SE20) cara, para ser sincero, eu não, eu fiquei bem tranquilo, né. Uma coisa que a minha mãe sempre me falou que não é para eu me abalar com nada disso e que se as pessoas fizerem é pra mim ficar tranquilo e realmente assumir a bronca porque eu não sou de pele branca, eu sou de pele negra mesmo, então eu tenho que assumir isso e não me abalar com isso porque Deus me deu essa responsabilidade, Deus me deu esse dom, então é, eu não tenho que me abalar e como está na bíblia né, tem que obedecer pai e mãe e eu obedeço ela com isso e isso nunca vai me abalar, só vai me fortalecer.

Ao observar a gravação do programa, é possível perceber um desconforto do atleta ao se ajeitar na cadeira antes de iniciar sua resposta. Do ponto de vista da análise discursiva, há, no enunciado, o estabelecimento de um sistema de diferenciações que opõe o sujeito futebolista negro, que não se abala ao ser vítima de racismo, e aquele que se abala, podendo definir como uma oposição entre o forte e o fraco, respectivamente, por isso enuncia que qualquer ato de ofensa de caráter de exclusão racial o fortalecerá. Nesse sentido, é possível visualizar os efeitos de poder que se exercem por meio do neoliberalismo enquanto racionalidade. Desse modo, a crença da responsabilidade individual, faz com que acredite que deva superar o racismo por meio de ações que o demarcarão como forte, superior para que, assim, alcance sucesso, dispensando medidas como denúncia ou processo judicial, a exemplo do atleta Felipe Melo (SE05 e SE06).

No recorte enunciativo *realmente assumir a bronca porque eu não sou de pele branca, eu sou de pele negra mesmo, então eu tenho que assumir isso e não me abalar com isso porque Deus me deu essa responsabilidade, Deus me deu esse dom, então é, eu não tenho que me abalar*, torna-se visível a subjetivação do sujeito nos discursos neoliberais de individualismo, concorrência e desempenho. Em relação ao primeiro dos três listados anteriormente, ao enunciar que precisa “assumir a bronca” por ser negro e não se abalar, nega a necessidade de políticas públicas e de

⁵⁰ Disponível em: [Conversa com Bial | globo.com](https://globo.com/conversa-com-bial)

segurança, por parte do estado ou dos órgãos de decisão do futebol, para que os infratores sejam culpabilizados. Por outro lado, a responsabilidade de gerir seus sentimentos em relação ao racismo passa a ser da vítima, que deve se mostrar forte e não pode se abalar com tais ofensas, já que o futebol é para ele uma dádiva divina. Assim, há a presença também do discurso religioso junto aos racistas e neoliberais, reforçando saberes de passividade frente ao agressor, o que também foi visto na análise do exemplo em relação à submissão da mulher ao seu marido.

De tal modo, o sujeito futebolista negro neoliberal, enquanto empresa, é responsável por manter-se bem para desempenhar um bom trabalho em campo e alcançar sucesso profissional, minimizando as responsabilidades coletivas para garantia de dignidade e igualdade enquanto prestam seus serviços. Esse enunciado se aproxima do (SE21) *se eu fosse parar um jogo cada vez que me chamassem de macaco e crioulo, todo o jogo tinha que parar*, materializado em uma entrevista em que Pelé critica o goleiro Aranha por pedir para parar o jogo após sofrer insultos racistas⁵¹. Voltando à SE20, o princípio do individualismo torna-se visível, quando o sujeito enuncia que, por ser mesmo negro, tem que aceitar tais ofensas e não se sentir ofendido com elas. Há, desse modo, práticas de silenciamento, nas quais será materializada a crença de que, para ser bem-sucedido, é necessário ignorar o racismo.

Além disso, ao demarcar-se como aquele que recebeu a responsabilidade divina de ser um atleta profissional de futebol e que não é afetado pelo racismo, coloca-se como superior aos que se sentem ofendidos, colocando-se também como mais preparado para ocupar tal função, pois a exclusão racial não lhe atrapalharia no cumprimento de seu trabalho. Nesse sentido, o futebolista brasileiro negro que se posiciona nas lutas antirracistas são demarcados como inferiores e menos preparados para exercer tal função. Dessa forma, visualiza-se também o princípio do desempenho, uma vez que, nessa racionalidade, para honrar a responsabilidade dada por Deus e desempenhar de forma produtiva para a empresa/ clube de futebol em que trabalha, precisa ignorar o racismo.

O individualismo também se torna visível ao observar os modos como o sujeito futebolista negro neoliberal Endrick fala sobre si, pois o enunciador destaca que *eu sou de pele negra mesmo, então eu tenho que assumir isso*, enfatizando, em seguida, que tem o dom de ser jogador de futebol. Desse modo, a prática do esporte e os privilégios que isso traria são pretensos motivos para libertá-lo do racismo, contudo, ele desconsidera uma coletividade em que a maior parte das pessoas negras permanecem em situações precárias de vida.

Nesse sentido, é possível observar também os discursos de oportunidades e meritocracia, pilares do neoliberalismo, pois, se o futebol é um dom de Deus, ou seja, uma oportunidade divina, o sujeito negro e de origens pobres deve ser grato por ali estar e aceitar as condições impostas. Nesse

⁵¹ Leia mais em: [Pelé critica reação de Aranha no caso de racismo – R7 Esportes](#)

contexto, essas práticas discursivas materializam saberes que reforçam a crença de que poucos são os espaços em que os homens negros podem demonstrar habilidades, sendo o futebol um destes.

Isso se exemplifica em uma entrevista concedida por um homem negro, Leonel, ao jornal “Bom dia São Paulo”⁵², sobre da linha 3-vermelha do metrô da capital paulista. Após o rapaz dizer que iria ao Clube Pinheiros, o jornalista Rodrigo Bocardi pergunta se ele iria “pegar bolinhas” na quadra de tênis, ou seja, indagou se ele seria um funcionário do local. O entrevistado prontamente responde que é um atleta profissional de polo aquático. Isso demonstra que os negros ainda não são considerados aptos para ocupar determinadas posições e para serem detentores de determinados saberes e habilidades. De tal forma, esses mecanismos de poder agem para silenciar tais sujeitos que, ao serem conduzidos, pensam que dever ser gratos por estarem ali, já que muitos negros não têm oportunidades de adentrar determinados espaços.

Assim, são recuperados também discursos de meritocracia que demarcam o sujeito negro que possui sucesso e dinheiro como exemplo e modelo de que todos conseguem, desde que tenham determinação e dedicação ao trabalho. Na SE20, o sujeito enunciador, ao se definir como alguém que recebeu uma responsabilidade de Deus, diferencia-se de outros e revela que, por ser merecedor desse dom, não precisa se importar com o racismo sofrido, pois isso se torna algo irrelevante perante o seu talento. Portanto, na racionalidade neoliberal, dinheiro e sucesso individual são fatores que fazem com que os sujeitos estejam alheios a questões sociais que podem, inclusive, afetá-lo mesmo que esteja em posição de destaque midiático e financeiro.

Nessa análise foi possível compreender a ação do biopoder que age sobre o sujeito futebolista brasileiro negro subjetivado em discursos neoliberais, que, comumente, se correlacionam a outros que povoam formações discursivas que se aproximam no interior dos enunciados, como o religioso. Por conseguinte, como descrito por Dardot e Laval (2016), o neoliberalismo, enquanto racionalidade, é o que fornece os mecanismos de poder fundamentais para a produção de sujeitos dóceis e conduzidos por princípios que visam ao acúmulo de riqueza das classes dominantes. Somado ao discurso racista, opera efeitos de poder nos quais muitos negros se subjetivam e deixam se guiar com a falsa crença de que o racismo foi superado ou não é suficientemente relevante para ser combatido, pois cada um tem a oportunidade de batalhar por seu sucesso individual.

Dessa forma, as pessoas negras que estão em espaços e exercem funções em que historicamente foram excluídos, são conduzidos a adotarem condutas específicas para que sejam tolerados ali. Isso sempre foi visível nas sociedades racistas, contudo, o neoliberalismo acrescenta elementos a essas relações de poder, uma vez que as relações comerciais no futebol e os altos

⁵² Leia mais em: [Rodrigo Bocardi é acusado de racismo por pergunta feita ao vivo em jornal a atleta; Apresentador se pronuncia: "Quem fala é que é" - Assista - Hugo Gloss \(uol.com.br\)](#)

valores praticados nas transações entre os clubes fazem dos atletas produtos que devem apresentar alto rendimento e, tratando-se do futebolista negro, as cobranças se aliam ao quesito financeiro e ao racial, fazendo com que sejam ainda mais vigiados e controlados.

No enunciado *Macaco negro safado respeita a torcida, otário vagabundo faz por merecer o dinheiro que recebe!*, analisado anteriormente neste trabalho, o sujeito futebolista brasileiro negro Michel Bastos, tornar-se objeto do discurso de meritocracia, pois, ao ser animalizado, deve ser grato por poder ser um atleta profissional de futebol. Desse modo, a presença do atleta é moralmente tolerada, desde que apresente resultados futebolísticos, o que gera também ganhos financeiros, mostrando-se, assim, merecedor de receber o seu salário e de estar nos ambientes futebolísticos. Isso também acontece em relação ao homem branco, uma vez que o sistema neoliberal exige que todos os trabalhadores tenham um bom desempenho profissional, mas o que particulariza os jogadores negros, neste caso, é o fato de que os resultados de sua atuação no esporte serão utilizados para invalidá-los como humanos.

Diante disso, a condução de condutas dos futebolistas brasileiros negros pelos dispositivos de racialidade e neoliberal, age para constituir sujeitos que desempenhem sua tarefa de modo esperado pela branquitude, colaborando para a promoção de resultados esportivos, mas também silenciando-se nas lutas antirracistas e abandonando expressões de sua cultura. Trago à análise, um enunciado retirado de uma exibição do programa de televisão *El Chiringuito*, transmitido na Espanha de domingo a quinta-feira pelo canal “Mega”, amplamente conhecido no país.

Um dos convidados recebidos pela equipe de jornalistas do *El Chiringuito* foi o espanhol Pedro Bravo⁵³, presidente da Associação Espanhola de Empresários de Jogadores. Ao comentar sobre as comemorações do atleta brasileiro Vinicius Junior, disse: (SE22) *you have to respect the opponent. When you score a goal, you want to dance, you go to the sambódromo in Brazil. Here what you have to do is respect your colleagues of the profession, and stop making macaquice*⁵⁴

Nesse enunciado, muitas são as camadas visíveis e pertinentes à análise discursiva, contudo, nesta seção, me atarei a descrever os efeitos de poder que agem sobre o sujeito futebolista negro Vinicius Junior para a condução de suas condutas, a SE será retomada na próxima seção para o prosseguimento da análise. É possível observar a recorrência das regularidades discursivas visualizadas nos capítulos anteriores, como animalização, infantilização, incivilidade e primitividade. Nesse sentido, ao objetivar o sujeito nessas práticas discursivas, o enunciativo o

⁵³ A edição do programa em que Pedro Bravo fez a referida declaração foi transmitida ao vivo no dia 15 de setembro de 2022. Um recorte da gravação do programa pode ser acessado em: <https://jornalistaslivres.org/racismo-apresentador-espanhol-cha-ma-vinicius-jr-de-macaco-ao-vivo/>.

⁵⁴ O enunciado em espanhol: hay que respetar al contrario. Cuando marcas un gol, si quieres bailar samba, ve al sambódromo de Brasil. Aquí lo que tienes que hacer es respetar a tus com-pañeros de profesión, y dejar de hacer el mono.

identifica como inadequado para ocupar o espaço de visibilidade que lhe é dado no futebol, recuperando, nesse sentido, o discurso de meritocracia, já que para merecer estar ali, o atleta precisa agir de determinada forma.

No recorte enunciativo *você tem que respeitar o adversário*, o sujeito enunciador coloca-se em posição daquele que ordena, portanto, superior ao atleta. Além disso, ao criticar as danças realizadas pelo atleta durante as comemorações de gol, demarca a cultura e a ancestralidade do jogador como desrespeito, como já observado na descrição dos discursos de incivilidade e primitividade. Nesse encadeamento discursivo, traz à luz práticas de silenciamento do homem negro, já que, para estar no futebol espanhol, deve mudar sua conduta em relação a costumes de seu país de origem.

O dispositivo neoliberal, como visto anteriormente, age para formatar os indivíduos, subjetivando-os em discursos que visam a produção de corpos dóceis e aplicados aos princípios definidos nessa racionalidade. Desse modo, são cristalizados saberes que definem, discursivamente, maneiras exemplares de agir para alcançar o sucesso profissional. Por isso, o enunciador enfatiza que, se Vinicius Junior quiser continuar sendo jogador de futebol na Espanha, deve mudar suas atitudes. Portanto, o neoliberalismo, apesar de seu princípio da individualidade, aniquila as subjetividades que particularizam os sujeitos, destacando que cada um deve fazer apenas o necessário para o bom desempenho da empresa.

Aliado ao racismo, funciona como uma justificativa para a exclusão, como descrito nas análises da SE13, em que dois jogadores negros são culpabilizados pelo fracasso esportivo da equipe em que trabalham pelo penteado que usam. Dessa forma, a expressão cultural afro-brasileira será demarcada como inadequada e motivo do insucesso individual e coletivo. Nesse ponto, há um paradoxo, uma contradição discursiva, pois, se o ganho financeiro e o enriquecimento são os principais objetivos do neoliberalismo e as vitórias e os títulos são os momentos máximos no futebol, por que diversos futebolistas negros são alvos de discursos de exclusão mesmo gerando esses benefícios esperados? Porque impera a lógica do individualismo sobre a coletividade, e nos discursos racistas, é inadmissível que um negro alcance posições de prestígio social, assim, devem desempenhar um bom futebol e apenas isso, sem danças ou penteados que lhes mostrem em posição de resistência, pois não podem ser reconhecidos por características que os particularizam enquanto sujeito.

As análises realizadas nesta seção possibilitaram compreender os modos de reativação e apropriação dos enunciados racistas pelo discurso neoliberal e por seus princípios enquanto racionalidade, mostrando como incluem elementos às relações de poder que se exercem no futebol

para a inferiorização do atleta negro. Na seção seguinte, objetivo compreender os modos como as emoções, a partir do neoliberalismo, aparecem nos discursos racistas.

3.2 Emoções em discurso no neoliberalismo

Nesta seção, analisarei os discursos racistas de objetivação do futebolista negro brasileiro para identificar as práticas discursivas de emoção e o como isso é efeito da ação do dispositivo neoliberal por meio dos processos de reativação e apropriação de enunciados. Dessa forma, utilizarei os estudos apresentados em *História das Emoções* (2020) para compreender como elas se manifestam nos enunciados que serão analisados adiante e, principalmente, os efeitos que produzem na constituição das subjetividades dos atletas negros no futebol. Nessa linha de pensamento, Foucault (2008b, p. 142) elucida que "as práticas de governamentalidade e as políticas públicas também têm efeitos sobre as emoções dos indivíduos, ao impor normas e regulamentos que influenciam como os sentimentos são geridos e expressos no âmbito social".

Ao observar a história do futebol no Brasil e também em outras partes do mundo, é possível compreender que ambientes como estádios e seus arredores são locais em que há uma fluida manifestação das emoções, inclusive entre homens que, historicamente, reprimem demonstrações públicas de afeto. Nesse sentido, desde o início da prática esportiva, público e jogadores encontram meios codificados e definidos de materializar seus sentimentos, confirmando que o próprio nome "torcedor", conforme Filho (2010), surge do ato de torcer lenços na arquibancada para mostrar o apoio a determinada equipe. Também por parte dos atletas, diversos são os atos em que revelam elementos emotivos, como o futebolista negro Reinaldo que, durante a ditadura militar brasileira, comemorava seus gols com o punho erguido em forma de resistência⁵⁵.

Além disso, a própria configuração dos estádios, embora isso seja menos visível nos mais modernos, incentiva os torcedores a expressarem, de modo até demasiado, seus sentimentos. Nesse sentido, o fã de futebol é convidado a sentir-se parte da equipe pela qual possui carinho e admiração, fazendo com que os insucessos e as dores reflitam no seu cotidiano e até mesmo nas relações com outras pessoas. Corbin, Courtine e Vigarello (2020, p. 9) elucidam que "as emoções pertencem à humanidade. Elas a acompanham. Elas se reconhecem, se compreendem, tão evidentes que parecem existir fora do tempo", contudo, são reprimidas em diversos ambientes, fazendo com que os sujeitos, muitas vezes, não saibam lidar com elas em espaços em que podem livremente aparecer.

Nessa linha de pensamento, a expressão dos sentimentos costuma ocorrer de forma muito intensa no futebol, com torcedores chorando, jejuando, pagando penitências e até mesmo brigando entre si e com outros. Bromberger (2020, p. 604) conclui que "o estádio é, portanto, o lugar de um descontrole controlado das emoções, que liberta dos freios impostos, nas interações sociais

⁵⁵ Leia mais em: [O dia em que Reinaldo marcou um gol contra a ditadura | Esportes | EL PAÍS Brasil \(elpais.com\)](https://elpais.com.br/pt-br/2019/05/20/dia-em-que-reinaldo-marcou-um-gol-contra-a-ditadura/)

ordinárias, pela civilização dos costumes”. Assim, muitos sentimentos reprimidos ganham evasão e se materializam em enunciados durante as partidas, pois há uma crença discursivamente cristalizada de que tudo pode ser feito em defesa de seu time do coração.

Em relação à participação do negro no futebol brasileiro, desde o seu início é possível visualizar as emoções em discursos racistas que agiam e operavam sobre os corpos e condutas desses homens que eram objetivados nessas práticas discursivas. Isso se exemplifica em alguns relatos feitos por Filho (2010), como a alcunha de “clube pequeno” para aqueles que tinham jogadores negros e pobres, a exclusão dessas pessoas em festas das instituições mesmo após sua inclusão oficial no esporte e os próprios dribles, elemento inerente ao futebol, mas que, em muitos casos, surgiam para que os jogadores negros não tocassem nos brancos durante as partidas. Tudo isso revela sentimentos de superioridade herdados da então recente colonização no país.

Nessa direção, Bromberger (2020, p. 610) acrescenta que “as paixões esportivas não são apenas contemplativas ou compassivas; são sobretudo partidárias e participativas”, portanto, os espectadores não vão aos estádios apenas para assistir às disputas, mas para, de alguma forma, interferir no desempenho e no resultado. Se resultar em um placar negativo para o clube que apoiou, buscará culpados para justificar o fracasso de seu time, mostrando que o problema não está na instituição, mas em um/alguns atleta/s que não a representam e não deveriam estar ali. As análises realizadas nos capítulos anteriores demonstraram que recorrentemente os discursos de culpabilização recaem sobre os negros, já que ele já é o Outro do discurso hegemônico, aquele que não é pertencente, que só pode participar do futebol sob a condição de trazer bons resultados, tornando mais simples que ele seja o responsável pelo fracasso.

Na atualidade, tomados pela racionalidade neoliberal, isso se intensifica, pois os torcedores que sempre foram participativos, agora se sentem também patrões, donos e, por isso, aptos a cobrar que esses jogadores honrem o dinheiro recebido. Corbin, Courtine e Vigarello (2020, p. 12) destacam que

a emoção, em suas variantes históricas, em suas mudanças, em suas versões, reflete primeiramente uma cultura e um tempo. Ela responde a um contexto, desposa um perfil de sensibilidade, traduz uma maneira de viver e existir, dependendo ela mesma de um ambiente preciso, singular, que oriente o afeto e suas intensidades.

De tal modo, as emoções são geradas com base em condições historicamente produzidas. Sendo assim, ao analisar as emoções em discurso no futebol brasileiro, é preciso considerar os anos de colonização e escravidão, os primeiros registros da prática da modalidade esportiva poucos anos após a assinatura da Lei Áurea - que não representou de fato a liberdade para os negros -, o longo período em que a participação era permitida somente para os brancos e ricos, e todo o sistema de exclusão vigente desde então, que, embora possibilite que todos sejam atletas, reforça o

silenciamento e a inferiorização dos afrodescendentes. Além disso, elementos do neoliberalismo e seus princípios vão acrescentar novos sentimentos em relação ao negro nos clubes de futebol.

Nesse contexto, Corbin, Courtine e Vigarello (2020, p. 18) destacam que “tudo muda quando ajuntarmos a esta realidade o crescimento do individualismo, o triunfo do universo privado e o advento da sociedade de massa, duplicados pelo relativo esfacelamento dos “suportes” coletivos tradicionais, da escola à empresa”, pois com a crença de que cada um é responsável por seu sucesso e fracasso, a culpabilização do futebolista brasileiro negro é ainda mais potencializada, principalmente para aqueles que estão em maior destaque midiático e recebem maiores salários. Aparecem, então, sentimentos como o descontentamento e o ressentimento por vê-los sendo tão bem remunerados e reconhecidos, assim, elementos extracampo, como penteados e danças, surgem como elementos para que eles sejam inferiorizados e suas habilidades no esporte sejam minimizadas. Ainda sobre o partidarismo por qual são tomados os torcedores, Bromberger (2020, p. 613) lembra que

[o futebol] é um esporte de equipe que coloca em jogo os pertencimentos coletivos, as lealdades locais, regionais, nacionais, religiosas, ou mesmo as identidades sonhadas que se atribuem e às quais se apegam. Portanto, os sucessos e os fracassos de uma equipe atingem seus torcedores como se eles estivessem no campo (não dizem que os torcedores são o décimo segundo homem?).

Desse modo, o torcedor que, como descrito anteriormente, constitui-se sujeito a partir de elementos históricos e enunciados efetivamente produzidos que emergem ao longo dos anos, será afetado pela historicidade discursiva que se relaciona à instituição a qual é admirador. Não que este seja um fator determinante, mas é um elemento presente nas relações de poder no futebol já que, como dito anteriormente, os clubes eram definidos como grandes ou pequenos a partir de sua composição de jogadores, além disso, alguns possuem origens e trajetórias elitizadas, enquanto outros, como Vasco da Gama, surgiram em ato de resistência em relação ao racismo.

Assim, é preciso considerar os modos em que a historicidade discursiva opera no campo das emoções, fazendo com que sujeitos torcedores de determinados clubes sintam-se superiores, outros injustiçados e outros engajados em questões sociais, por exemplo. Destaco que esta verificação não tem como intenção fazer um juízo de valor, nem separar os clubes em polos antagônicos (vilão e vítima), muito menos afirmar que todos os torcedores de determinados clubes são racistas, mas descrever a historicidade desses discursos e emoções que se materializam nos enunciados.

Diante disso, trago à análise um enunciado materializado em uma postagem na rede social X, então twitter, pelo perfil “Flusócio”, que representa oficialmente o programa de sócio torcedor da instituição Fluminense *Football Club*⁵⁶.

⁵⁶ Leia mais em: [Em rede social, grupo político do Flu difunde charge "questionável" e recebe enxurrada de críticas - Fluminense: Últimas notícias, vídeos, onde assistir e próximos jogos \(netflu.com.br\)](#)



Flusócio

@flusocio

Charge bacana. Clássico que representa muita coisa. Amanhã estaremos na arquibancada, torcendo pela nossa paixão. #SomosFluminense



Figura 03: charge publicada por perfil oficial do Fluminense (SE23).

O enunciado opera a partir de um sistema de diferenciação, como visualizado em análises anteriores, em que o Eu é constituído a partir do Outro. Nessa direção, as qualidades e virtudes associadas aos torcedores do Fluminense são demarcadas a partir da falta delas nos torcedores do Flamengo, colocando-os em polos antagônicos. É importante destacar, mais uma vez, o partidarismo existente nessa relação, pois, ao objetivar os torcedores, há a inclusão de tudo o que se relaciona às duas instituições em disputa, desde que foram fundadas até a atualidade.

A postagem se constitui por meio de uma legenda e uma imagem, sendo que, no texto verbal, o enunciador destaca que o clássico⁵⁷ representa muita coisa, recuperando as diversas camadas das relações de poder e saber que envolvem os dois times e vão além da conquista de três pontos no campeonato. Dentre esses elementos, pode-se destacar a origem elitizada e racista do Fluminense e o acolhimento a pessoas negras por parte do Flamengo, o que já os demarcam em faces opostas dentro dos discursos de exclusão racial.

No enunciado, os torcedores de Fluminense e Flamengo são separados em dois polos, deixando evidente a rivalidade que extrapola o futebol, e o sujeito enunciador demarca sua diferença para o Outro em relação a condutas que recuperarão os discursos da moral hegemônica que constitui saberes vigentes na sociedade brasileira, trazendo também à luz, diversos preconceitos associados aos negros e aos mais pobres. No lado direito, onde estão representados os torcedores do primeiro clube referido, aquele por qual o sujeito tem como parte de sua subjetividade, é caracterizado com pessoas brancas, vestindo trajes esportivos, como a camisa nas cores da equipe, e torcendo de forma harmoniosa. Destaca-se também o fato de que o céu é tomado por nuvens brancas.

Do outro lado, entre os torcedores do Flamengo predominam homens negros, alguns sem camiseta, fazendo gestos obscenos, cuspidando e fumando, além de um rapaz com uma faca na mão.

⁵⁷ Denominação dada a um jogo de futebol que reúne equipes que possuem rivalidades históricas.

Nesta SE é possível visualizar a recorrência de algumas das regularidades discursivas identificadas no decorrer deste trabalho: animalização - ao destacar a figura do urubu no céu -, primitividade e incivilidade. Assim como nas análises dos enunciados de objetivação do sujeito futebolista negro Pelé, há aqui a associação do homem negro a práticas ilegais ou moralmente consideradas incorretas, para, assim, exaltar os brancos.

Tais regularidades, ao objetivar o homem negro no futebol, revela, no enunciado, a materialização do sentimento de superioridade do sujeito enunciator, Fluminense, em relação ao objeto do discurso, Flamengo. Nesse sentido, o apelido Urubu, que se tornou mascote do clube rubro-negro, é uma materialidade com a qual se aproxima no interior de uma mesma formação discursiva. O sujeito demarca-se superior não dentro de campo, em relação aos times, mas trazendo discursos morais, de comportamento e racistas que visam operar sobre as subjetividades negras para mantê-los inferiorizados socialmente. Dessa forma, o enunciado desloca-se do campo discursivo esportivo para outros, como o racial, moral, de segurança etc.

Portanto, é possível compreender que as emoções nos enunciados são visualizadas através dos discursos por quais ele se dispersa e, para além disso, são elementos que operam na produção das práticas discursivas. Assim, as regularidades de incivilidade e primitividade são engendradas pelo sentimento de superioridade da branquitude e das elites, historicamente produzido. Por mais que existam torcedores negros fãs do Fluminense, a posição sujeito ocupada nesse enunciado é a da branquitude hegemônica.

As análises iniciais desta seção possibilitaram visualizar o modo em que as emoções operam na produção dos discursos. Além disso, a teoria arrolada e debatida nesta divisão do texto será fundamental para o prosseguimento deste estudo. Foi demonstrado, também, o modo em que o dispositivo neoliberal se apropria dos discursos racistas, reativando-os e acrescentando novos elementos às relações de poder, trazendo uma biopolítica que vai em direção ao controle dos corpos e condutas dos futebolistas brasileiros negros. Na subseção seguinte, realizarei análise de enunciados a fim de compreender quais outras emoções são reveladas nos discursos racistas de objetivação do futebolista brasileiro negro.

3.2.1 O ressentimento nos discursos racistas de objetivação do futebolista brasileiro negro

⁵⁸Nesta subseção, as análises discursivas serão realizadas com o objetivo principal de verificar e descrever as emoções presentes nas práticas discursivas racistas que objetivam o futebolista brasileiro negro. Nesse sentido, utilizarei os aportes teóricos já abordados na subseção anterior, Corbin, Courtine e Vigarello (2020) e Bromberger (2020), além de outros que serão apresentados no decorrer do texto, para descrever e analisar os modos como as emoções

⁵⁸ Texto derivado de uma publicação na Revista de Estudos do Discurso, em 2023. Leia mais em: [O baile de Vinicius Junior sobre o recalque espanhol \(ludopedio.org.br\)](https://ludopedio.org.br)

materializam-se nos enunciados que agem como mecanismos de poder que recaem sobre os sujeitos negros na condução de suas condutas.

Para tanto, na posição de enunciado reitor desta análise, retomo a SE apresentada e analisada anteriormente (SE22): *you have to respect the opponent. When you score a goal, you want to dance, go to the Sambódromo in Brazil. Here what you have to do is respect your teammates, and stop making macaquice*⁵⁹. Como descrito anteriormente, o enunciado em questão foi materializado durante um programa televisivo na Espanha, em que o então presidente da associação de empresários de jogadores, Pedro Bravo, ao comentar sobre as comemorações do atleta Vinicius Junior, revela-se extremamente preconceituoso. Após isso, houve diversos outros comentários discriminatórios em relação ao atleta, materializando discursos racistas e xenofóbicos que reduzem o sujeito negro brasileiro a condições de inferioridade e desumanização. Por originalmente ter sido produzido na língua espanhola, recorrerei a trechos enunciativos da fala original do empresário e apresentarei a tradução em português.

Com a análise, proponho a verificação da ocorrência das regularidades discursivas manifestas por meio de enunciados de animalização, incivilidade e primitividade do sujeito negro, já identificadas em outras séries enunciativas analisadas neste estudo. Além disso, adentrarei ao campo das emoções para observar a recorrência do ressentimento e do recalque dos sujeitos brancos em relação aos futebolistas brasileiros negros que modificam a estrutura das relações de poder ao saírem da posição de subserviência e ocuparem espaços de visibilidade e destaque internacional a partir do esporte. Outros recortes enunciativos serão considerados no decorrer das análises, o que permitirá descrever as relações que os enunciados têm entre si no interior de uma formação discursiva racista.

A compreensão do termo ressentimento proposta neste trabalho é a de rancor a alguém que não fez mal a outro, somente está saindo da posição de subserviência e exclusão, ocupada durante toda a vida, para uma de destaque. Já recalque, emprego em seu sentido original, de acordo com a teoria de Sigmund Freud, ou seja, medo e insegurança consigo mesmo, mas que é projetado no outro. Portanto, partindo do enunciado reitor, outros também aparecerão nas análises como indicação, por meio da historicidade dos discursos, do percurso dessas emoções relacionadas ao negro brasileiro no futebol. Ademais, pretendo compreender o funcionamento discursivo e as regularidades nas práticas que invisibilizam e inferiorizam esses sujeitos. Por fim, discutirei as estratégias de resistência que se exercem por Vinicius Júnior no combate ao racismo.

Antes de tratar das emoções em discurso, torna-se importante realizar a análise discursiva do enunciado, a fim de visualizar as regularidades presentes e os aspectos enunciativos que permitem

⁵⁹ O enunciado em espanhol: hay que respetar al contrario. Cuando marcas un gol, si quieres bailar samba, ve al sambódromo de Brasil. Aquí lo que tienes que hacer es respetar a tus compañeros de profesión, y dejar de hacer el mono.

sua materialização, aparecimento e circulação. Segundo Foucault (2008), à função enunciativa, relacionam-se quatro aspectos que conferem ao enunciado existência concreta, eles são: o referencial, a posição do sujeito enunciador, o domínio associado e a existência material a partir de um suporte, já descritos neste trabalho. Esta descrição será de suma importância para as análises propostas nesta subseção.

Em um primeiro momento, é preciso, pois, compreender os aspectos sócio-históricos e culturais que estão presentes nas relações de poder em que estão inseridos os futebolistas brasileiros negros. Como o enunciado que constitui a SE22 emergiu na Espanha, é necessário nos atentarmos para a construção social e cultural presente em muitos países do continente europeu que os possibilita acreditar na ideia de supremacia branca⁶⁰. Estes saberes, historicamente produzidos, autorizam a reprodução de enunciados que reforçam a exclusão dos negros e demais pessoas não nativas na Europa. Para este estudo, é importante analisar os processos históricos de animalização que se aproximam dos discursos de incivilidade e primitividade do sujeito futebolista brasileiro negro Vinicius Junior.

Deste modo, apresento alguns acontecimentos históricos e discursivos que possibilitam a constituição dos saberes listados no parágrafo anterior. Primeiramente, é necessário considerar os processos de formação territorial, cultural e social dos países citados nesta seção, Brasil e Espanha. Enquanto o primeiro foi colonizado por uma nação que promoveu o apagamento histórico de cultura, religião e outros modos de vida de seus povos originários, o segundo foi colonizador de diversos territórios e povos, muitos deles localizados na América do Sul, continente em que o Brasil também está localizado. Para esses territórios, os espanhóis levaram africanos sequestrados de suas terras para serem escravizados.

Além disso, outros acontecimentos que constituem estes saberes se relacionam a aspectos econômicos que vão desde o período da colonização até aos dias atuais. A dominação econômica europeia, sobretudo em contexto capitalista e atualmente neoliberal, fortalece o imaginário de superioridade em relação àqueles que vêm de outros continentes, pois dá a manutenção às relações de poder que ainda os objetivam como “senhores”, e os demais como pessoas a serem exploradas. No futebol isso é claramente visível, já que as questões econômicas fazem com que os clubes europeus possam contratar os melhores atletas de todo o mundo, o que faz também com que eles queiram estar ali. Assim, o negro continua, para estes sujeitos, reduzido à ferramenta útil para alcançarem seus objetivos esportivos e financeiros, visto que, pelas disparidades econômicas, estes atletas são contratados por um valor muito inferior ao retorno monetário que proporcionam aos clubes e empresários com o seu trabalho.

⁶⁰ Crença de ideal racista que promove a ideia de que as pessoas brancas, sobretudo os homens, são superiores aos negros.

Estes acontecimentos funcionam como referencial do enunciado analisado, uma vez que, a partir deles, diversos saberes foram discursivamente produzidos e cristalizados na cultura dos povos europeus. Assim, a produção de discursos de inferiorização de sujeitos negros e latinos emerge desde o período colonial, retornando e modificando-se na forma de enunciados. Esses enunciados produzem efeitos de verdade que prezam pela manutenção das relações de poder e das posições então objetivadas às pessoas negras, buscando mantê-las em posição de subserviência.

Ao observar a posição do sujeito enunciativo Pedro Bravo, noto o aparecimento de discursos que explicitam um ressentimento da branquitude em relação aos sujeitos negros que, em ato de resistência, conseguem modificar as microrrelações do poder ao ocuparem lugares que historicamente lhes foram negados, como o de projeção midiática e de boa condição financeira. Sobre as estratégias de resistência, Foucault (2009) explica que “são uma oposição aos efeitos de poder relacionados ao saber, à competência e à qualificação: lutas contra os privilégios do saber. Porém, são também uma oposição ao segredo, à deformação e às representações mistificadoras impostas às pessoas” (Foucault, 2009, p. 235).

Ao bailar durante as comemorações de seus gols, Vinícius Júnior resiste aos discursos racistas, ao desobedecer aos códigos de condutas morais que negam ao negro a liberdade de agir em conformidade com a sua história e cultura, o que desencadeia o ressentimento no Outro. Tais códigos, de forma excludente, não se aplicam a todos os sujeitos, posto que outros atletas, como Cristiano Ronaldo, branco e europeu, não foram criticados pela grande mídia, quando dançou nas comemorações de gols, mas, de modo contrário, fez com que algumas músicas se tornassem hits mundiais ao bailá-las.

Após a análise e descrição das propriedades que garantem ao enunciado sua existência própria, permitindo-o que possa ser reproduzido, modificado e até destruído, analiso, partindo do enunciado reitor para este estudo, os discursos que o perpassam e que atuam na objetivação dos sujeitos futebolistas brasileiros negros como inferiores aos homens europeus brancos. Desse modo, recuperamos outra vez o enunciado em questão (SE22): *“você tem que respeitar o adversário. Quando você faz um gol, se quer dançar, que vá ao sambódromo no Brasil. Aqui o que você tem que fazer é respeitar os companheiros de profissão, e deixar de fazer macaquice.”*

Em um primeiro momento, considerando o recorte enunciativo “fazer macaquice”, a expressão foi enunciada pelo empresário e na língua espanhola corresponde a *hacer el mono*. O termo foi utilizado enquanto Bravo demonstrava sua indignação pelas danças realizadas por Vinícius nas comemorações de seus gols. Este enunciado estabelece relação com outros que, desde a escravização dos negros, buscavam animalizá-los, como demonstrado nas análises efetuadas nos capítulos anteriores.

Os discursos de animalização dos sujeitos negros emergem desde os períodos de escravidão dos povos africanos, pois eram utilizados na tentativa de justificar os abusos cometidos contra eles. Como exemplo disso, podemos observar o processo colonial no Brasil, em que padres jesuítas vieram ao país para catequizar⁶¹ os indígenas, mas nada faziam em relação aos negros, uma vez que não os consideravam dignos da salvação.

Além disso, a associação das pessoas negras a animais tornou-se grande componente na produção de práticas discursivas que os colocavam como biologicamente mais fortes e que, por isso, deveriam desenvolver trabalhos pesados. Também no campo sexual é possível observar os efeitos de tais práticas discursivas, pois mulheres e homens negros são constantemente comparados a animais em relação a características físicas associadas ao sexo.

A escolha lexical do termo *mono* (macaco) para referir-se a Vinicius Junior aponta para diversas práticas discursivas que, por um longo percurso histórico, inferiorizaram os homens negros. Indicar que o atleta, ao comemorar e manifestar um elemento de sua cultura, faz macaquices, reforça as relações de poder que objetivam o homem negro como incapaz de pensar ou de agir de forma séria, ética ou profissional, recuperando discursos de infantilização, primitividade e incivilidade. Nesse ponto, o enunciado compõe com outros discursos a rede enunciativa de marginalização desses sujeitos.

Próximos aos discursos de animalização do sujeito negro, há, portanto, sua primitividade. Ao referir-se a Vinicius Junior como um animal, o enunciado reproduz efeitos de verdade que reforçam as relações de poder que retiram, do sujeito marginalizado, sua condição humana, diferenciando-o dos demais e justificando os ataques proferidos contra ele. O enunciado aponta, então, para outras práticas discursivas que emergiram no início da prática futebolística no Brasil, em que os homens negros, apesar de participarem do esporte, não podiam sequer tocar nos brancos, pois não eram considerados iguais aos demais.

Em outra parte do enunciado, o comentarista Bravo afirma que se quer dançar, que vá ao sambódromo no Brasil, objetivando os brasileiros e reduzindo-os a sambistas e dando a estes uma conotação negativa, reforçando os estereótipos que produzem saberes que os colocam como sujeitos “preguiçosos” e “desocupados”, mas “alegres” e “sensuais”. Aqui, a ocorrência do discurso de incivilidade desse sujeito sugere, no caso do Vinicius Júnior, que o atleta não é digno de ocupar a posição em que se encontra, pois não possui a seriedade e responsabilidade necessárias. Além disso, há a banalização de um rico elemento cultural da sociedade brasileira, o samba que, sobretudo, é símbolo de resistência para a comunidade negra.

⁶¹O processo de catequização dos povos originários das terras brasileiras foi caracterizado por tentativas de apagamento das culturas indígenas através, por exemplo, da extinção de suas línguas, substituindo-as pela dos colonizadores. Tal processo objetivava, por meio do exercício de poder, a dominação desses povos, a fim de explorar o seu território, seu trabalho e suas riquezas.

Assim, o enunciado analisado dispersa pelos discursos de animalização, incivilidade e primitividade. Desse modo, é regular que essas práticas discursivas objetivem os sujeitos atletas negros para posições de inferioridade. Após essas considerações, convém observar a materialização das emoções nos discursos de ressentimento e recalque.

Após analisar as práticas discursivas de animalização, incivilidade e primitividade dos atletas brasileiros negros na Europa, alcanço as emoções materializadas a partir dos enunciados observados. De modo especial, é priorizada aqui a materialização das emoções “ressentimento” e “recalque” nos enunciados racistas de animalização, infantilização, primitividade e incivilidade do futebolista brasileiro negro. Para isso, recorro às noções teóricas desenvolvidas Claudine Haroche (2001), além dos referenciais já utilizados neste capítulo, que possibilitarão a compreensão do funcionamento discursivo no campo das emoções.

Haroche (2001, p. 336) analisa que “o ressentimento aparece então como uma resposta inconsciente, efeito longínquo de uma angústia ignorada, recalçada, ligada ao sentimento ameaçador de negação da existência”. Nessa emoção, o sujeito racista pertencente à branquitude, ao deparar-se com sujeitos negros que ocupam posições de destaque e prestígio social, adentra em um processo de recalque, em que o ataque surge como forma de tentar colocar-se novamente na posição de superioridade. Assim, o sujeito enunciador ataca Vinicius Junior em sua condição humana, a fim de inferiorizá-lo enquanto pessoa e minimizar as suas conquistas enquanto atleta profissional de futebol.

Para exemplificar, Haroche (2001) explicita que muitos dos alemães no período da II Guerra Mundial, por exemplo, alimentavam um sentimento de inferioridade em relação aos judeus. Para ela, esse sentimento era compartilhado pelo próprio Estado alemão em relação aos demais estados, e isso, entre outros motivos, fomentava os atos de violência, discriminação e genocídio. Em paralelo, o mesmo ocorre em relação ao atleta negro Vinicius Júnior, uma vez que os enunciados, postos em comparação com outros acontecimentos discursivos, revelam os processos de incivilidade dos sujeitos negros que fazem sucesso, revelando, assim, um sentimento pessoal de inferioridade por parte do enunciador. Nesse sentido, Kilomba (2019, p. 37) destaca que “sujeito negro torna-se então tela de projeção daquilo que o sujeito branco teme reconhecer sobre si mesmo, neste caso: a ladra ou o ladrão violenta/o, a/o bandida/o indolente e maliciosa/o”.

Ainda sobre ressentimento e recalque, Haroche (2001) apresenta outras reflexões a partir da observação do pensamento de Nobert Elias, em gênese do ressentimento. A primeira delas diz respeito ao fato de que aqueles que pertencem às maiorias, ou seja, às classes que acreditam ser dominantes, cultivam um ressentimento ou recalque em relação às minorias, ao sentirem que seu *status*, e por conseguinte os seus privilégios, estão em perigo. Isto é, ocorre quando sujeitos historicamente excluídos acessam espaços que sempre lhes foram negados. É nesse viés que

Haroche (2001) acrescenta que esse sentimento “surge quando um grupo socialmente inferior, desprezado e estigmatizado, está a ponto de exigir a igualdade não somente legal, mas também social”.

Deste modo, ressentimento e recalque são desencadeados a partir da ascensão financeira e social de homens negros, pobres e marginalizados que, através do futebol, alcançam privilégios anteriormente negados. Além disso, por Vinícius Júnior se reconhecer enquanto sujeito negro e atuar frente as lutas antirracistas, conforme anteriormente apresentado, esses sentimentos se intensificam ainda mais. Assim, como visto nas subseções anteriores deste capítulo, a ocorrência dessas emoções não estão atreladas somente ao fato de homens negros acumularem riquezas e sucessos, mas está diretamente relacionada com os modos em que se deixam conduzir pelas práticas neoliberais, de modo que aqueles, que utilizam de tal espaço permitindo que se exerçam as estratégias de resistência, são mais atacados que aqueles que são silenciados.

Nesse sentido, a segunda reflexão de Haroche traz a afirmação de que as classes dominantes toleram os grupos marginalizados enquanto contentem-se com as posições inferiores e alimentam o sistema, servindo e enriquecendo aqueles que se denominam como superiores. Portanto, o sujeito negro nunca foi moralmente aceito no futebol, mas é apenas tolerado, porque garante os retornos esportivos e financeiros esperados. Assim, quando não apresentam bom desempenho em campo, ou quando ocupam lugares de destaque no esporte, são perseguidos e atacados. Entende-se, então, que o sujeito negro deve ser apenas mediano ao exercer suas funções, pois isso não atrapalhará o desenvolvimento da maquinaria e também não o renderá reconhecimento.

O recente destaque de Vinicius Junior e a manifestação de sua cultura durante as comemorações de gol aconteceram em meio a uma rede, que possibilitou a emergência dos diversos enunciados que o animalizam, incivilizam e primitivizam. Pedro Bravo, enquanto sujeito do enunciado em questão, reproduz práticas discursivas que revelam ressentimento e recalque em relação ao sujeito Vinícius Júnior, pois mostra-se contraditório ao não criticar outros atletas por dançarem nas comemorações de gols e por atacá-lo em sua condição humana, esquecendo-se do futebol ou até mesmo da dança.

Haroche (2001, p. 338) enfatiza que o ressentimento “se exprimirá não em relação a seus superiores, mas sob a forma de desprezo, de raiva odiosa, obstinada e sistemática ao inferior, ao fraco, ao marginal em relação às hierarquias sociais e políticas [...]”. Desse modo, ao atacar aquele que historicamente foi marginalizado, o ressentido age para que aquele permaneça inferiorizado. Isso pode ser constatado, visto que Vinícius Júnior, à época do fato ocorrido, apresentava bom desempenho esportivo depois de alguns anos sem alcançar os resultados esperados por sua equipe.

No momento em que se inicia o seu sucesso, é preciso feri-lo na intenção de pará-lo e mantê-lo nas camadas consideradas abaixo daquelas que são prestigiadas.

Além disso, o enunciado também mobiliza as emoções do orgulho em relação a si, a ser como é e da vergonha do Outro, pelo modo como ele é objetivado e discursivamente constituído nos discursos hegemônicos. Nesse sentido, o negro novamente torna-se objeto de práticas discursivas em que os sujeitos racistas não querem se reconhecer, para assim exaltar o prazer de ser como é e a repulsa pela inadequação daquele que se exclui. O enunciado age com efeitos que operam sobre os sujeitos e suas condutas para que eles também se sintam inadequados e se identifiquem nos discursos de exclusão.

Dando continuidade às análises, há um enunciado materializado durante a exibição de outro programa televisivo espanhol, em que o jornalista Kike Mateu sugere que Vinicius Junior causará problemas no Real Madrid após a chegada Kylian Mbappé ao clube, pois o brasileiro teria um ego elevado e não aceitaria não ser o protagonista da equipe⁶²:

(SE24) Esse é o problema, na minha opinião, que o Madrid terá, pois o ego elevado que Vinicius tem, do qual faz dois anos todo mundo diz que ele será Bola de Ouro, isso acabou agora. Agora a bola de ouro é de Mbappé, só vai se falar em Mbappé e Vinicius, que fizeram ele acreditar que realmente pode ser bola de ouro, com razão ou sem ela vai dizer: mas não era eu, agora é ele. Porque compartilhar o ego não existe no futebol.

Após isso, Kike é interrompido por outro comentarista, Juanma Rodríguez, que questiona se o colega de trabalho conhece Vinicius Junior para ter propriedade para afirmar sobre seu ego, que responde (SE25): *Não, mas basta vê-lo jogar a cada noventa minutos*. Em outro momento do debate ele ainda acrescenta (SE26): *há uma frase que você conhece bem: por teus atos o conhecerei*, referindo-se ao atleta brasileiro. Também participam da conversa outros jornalistas que, com expressões faciais e com pequenas intervenções de fala, demonstram concordar com o comentarista que ofende o jogador brasileiro.

Nos enunciados analisados, é possível visualizar a regularidade discursiva de incivilidade do futebolista brasileiro negro no discurso racista, já que, novamente, observa-se o movimento de justificar problemas coletivos das equipes por meio de condutas particulares desse sujeito. Além disso, recupera saberes que demarcam o homem negro como violento, “briguento” e causador de discórdia, sendo assim, aquele que não teria condições de conviver em determinados grupos. Esses discursos produzem efeitos de poder que operam sobre os negros para sua exclusão, pois se o problema de um grupo é um indivíduo, o mais fácil seria eliminá-lo e evitar que com ele se repita ou até mesmo aconteça, já que Kike fala sobre uma situação hipotética baseada em suas impressões que são, na verdade, imagens constituídas por meio dos processos de ojetivação.

⁶² Disponível em: [JORNALISTA TENTA CULPAR O VINI JR E É MASSACRADO EM PROGRAMA ESPANHOL \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=...)

Além disso, outra regularidade identificada é a primitividade, já que Vinicius Junior é descrito como alguém não evoluído suficientemente para gerir suas emoções (o ego) e conviver de forma harmoniosa com o novo colega de grupo, que possivelmente o ofuscaria. Nesse ponto, o neoliberalismo também perpassa o enunciado, já que os princípios da competitividade e da administração de si são elementos centrais, pois faltaria ao atleta a capacidade de administrar-se bem para fazer com que a competição com o seu colega fosse algo produtivo para a instituição em que trabalham, já que nesta racionalidade, embora as responsabilidades sejam individuais, ao mesmo tempo, o individualismo não pode sobressair ao coletivo, o que configura uma contradição discursiva.

Neste sentido, há, por meio dos discursos racistas de primitividade e incivilidade, constituídos em uma racionalidade neoliberal, saberes que apontam para a rivalidade entre os homens negros. Assim, o enunciado opõe Vinicius Junior e Mbappé ao rivalizá-los em relação à Bola de Ouro, mas também ao recuperar um sistema de diferenciações que demarca um como a face negativa, o problema, e outro como a face positiva, a solução. É recorrente nos discursos preconceituosos, em geral, que o sujeito hegemônico, ao enunciar, utilize um exemplo do grupo historicamente excluído para opor o bem e o mal.

Por meio das regularidades discursivas de incivilidade e primitividade do sujeito futebolista negro brasileiro, nos enunciados aqui analisados, tornam-se visíveis as emoções ressentimento e recalque do sujeito hegemônico. De tal modo, todas as qualidades de Vinicius Junior que o fazem ser um dos candidatos ao prêmio Bola de Ouro são descartadas com a chegada de outro jogador que seria superior a ele. Além disso, os possíveis problemas de convivência atingem princípios do discurso moral, reforçando sua inferioridade. O sujeito revela-se, então, descontente com os bons resultados alcançados pelo jogador e com seu sucesso.

O sujeito racista neoliberal, ao deparar-se com os futebolistas negros em posições de destaque na sociedade, tem potencializadas as emoções que são postas em discurso, uma vez que, como demonstrado em análises anteriores, há princípios de individualismo, competição e desempenho. Desse modo, o sentimento de superioridade é constantemente estimulado em sistemas neoliberais, em que os indivíduos desejam estar sempre à frente dos outros. Quando correlacionados aos discursos racistas, há também as práticas de inferiorização do negro que historicamente sempre esteve inferiorizado. Tais emoções aparecem como efeitos de poder em oposição e coerção destes sujeitos.

Além disso, o sujeito enunciator demarca Vinicius Junior como egoísta, posição que aponta para discursos moralistas e atuam na invalidação de seu talento em campo, fazendo aparecer também discursos de meritocracia, já que seu comportamento é tomado como algo que poderia

diminuir seu merecimento ao prêmio. É recorrente a objetivação de sujeitos negros nestes discursos, não se restringindo apenas aos jogadores de futebol, mas se estendendo a pessoas que ocupam também outras posições de destaque midiático, como atrizes, cantores, apresentadores etc. Nessa linha de pensamento, quando o negro desloca de um espaço de subserviência para espaços de prestígio na sociedade, são comumente vistos como arrogantes, conforme Carneiro (2022). Essa imagem discursivamente construída é também emotiva, demonstrando recalque e ressentimento.

Por outro lado, os enunciados também podem motivar emoções naquele que é objeto da prática discursiva, pois os efeitos de poder se exercem e operam sobre sua subjetividade, contudo, nem sempre ele irá se reconhecer nos discursos em que é objetivado. Assim, as regularidades de incivilidade, primitividade e inferiorização dos futebolistas brasileiros negros podem agir sobre os sujeitos de modo que sintam vergonha de serem negros e de sua ancestralidade.

Dessa forma, as práticas discursivas adentram o campo emotivo também para, ao conduzir o indivíduo, proporcionar que acesse emoções específicas para que ocupe determinadas posições sujeito. Nesse sentido, retomo a SE, em que Endrick, ao se posicionar de forma omissa em relação ao racismo, revela nos discursos neoliberal e religioso temor e respeito aos pais e ao Deus cultuado no cristianismo. Portanto, as emoções se materializam no enunciado, mas são também condições, entre outras, que possibilitam seu aparecimento. Desse modo, Foucault (2014, p. 195) destaca que "a disciplina moderna busca controlar as emoções e os comportamentos dos indivíduos, regulando os sentimentos através de práticas e normas que definem como e quando eles devem ser expressos".

As análises realizadas nesta seção demonstraram os modos de apropriação e reativação dos discursos racistas de objetivação do futebolista negro brasileiro pelos discursos neoliberais e os modos em que mobilizam emoções que são motivadas por tal racionalidade. Desse modo, a ascensão financeira do negro a partir do futebol e os princípios do neoliberalismo possibilitam o aparecimento de enunciados que correlacionam estes discursos, tornando visíveis emoções como recalque, ressentimento e orgulho, pois esse novo contexto das relações de poder ferem os sentimentos de supremacia branca.

3.2.2 As emoções em discursos de resistência

Em relação às emoções dos atletas, Bromberger (2020, p. 608) elucida que “é preciso ‘se dominar’, ‘permanecer sereno’, ‘não sofrer qualquer pressão’, saber administrar os efeitos negativos do estresse para extrair apenas o efeito positivo, o efeito motivador”. Essas determinações são cristalizadas por discursos também neoliberais, em que é preciso gerir-se em direção aos resultados financeiros desejados. Por conseguinte, para não atrapalhar os resultados finais das equipes, os indivíduos devem silenciar suas emoções. Essa é uma prática de condução de conduta que age

diretamente nos modos de silenciamento dos sujeitos, e, em relação aos futebolistas brasileiros negros, opera com efeitos de poder que recai sobre eles para o enfrentamento de possíveis estratégias de resistência, como já foi descrito nas análises da SE, em que Endrick diz “não se abalar com o racismo”.

Nesta direção, o próprio ato de sentir e expressar emoções além daquelas tradicionalmente permitidas aos atletas negros já é em si resistência. Diversos são os fatos em que jogadores de futebol, ao mostrarem-se indignados após sofrer ataques racistas, passam por retaliações e tentativas de coerção após as denúncias. Um exemplo é o ex-goleiro Aranha, cujos enunciados que o objetivam em discursos de animalização já foram analisados neste trabalho. Em entrevista recente, relatou que depois de denunciar o racismo sofrido percebeu mudanças no tratamento por parte dos dirigentes de clubes e órgãos administrativos do futebol para com ele. Trata-se, então, de um jogo de relações recíprocas que se atraem, poder e resistência, sendo que esta última deve ser inventiva para possibilitar novos meios de existência para as subjetividades que são constantemente silenciadas.

As emoções são elementos que, junto ao arquivo, possibilitam o aparecimento de enunciados de resistência em condições de possibilidades específicas e em suporte material determinado. Por isso, os discursos racistas agem para proporcionar ao futebolista brasileiro negro sentimentos específicos que serão determinantes nas produções discursivas.

Ao incivilizar, primitivizar, animalizar e infantilizar os sujeitos, a exacerbação de si gera, simultaneamente, a inferiorização daqueles que são colocados como opostos nos sistemas de diferenciação, em que podem ou não se reconhecer, pois cada uma dessas ações podem propiciar o aparecimento de emoções específicas. Exemplos disso são enunciados que objetivam o cabelo negro em práticas discursivas de inferioridade, como visto nas seções anteriores. Eles mobilizam emoções que podem conduzir condutas, como o alisamento capilar, ou podem ser respondidos com ações de resistência.

Dessa forma, é possível compreender a existência dos enunciados nas relações de poder, pois as produções discursivas materializadas são, elas mesmas, objetos de desejo pelos e com os quais os sujeitos lutam. O enunciado produzido por Pedro Bravo (SE) está inserido em uma rede enunciativa que preza pela exclusão dos negros e, assim, possibilita o exercício do poder sobre o intelecto e corpo dos atletas negros. Esses discursos podem inferir na forma com que o sujeito negro se vê, subjetivando-o nas posições de inferioridade a eles objetivadas. Mas as práticas discursivas também podem ser rebatidas através das estratégias de resistência, em que o sujeito marginalizado poderá se subjetivar em outros discursos.

Ao observarmos a posição do sujeito enunciador Pedro Bravo, notamos a produção de discursos que explicitam um ressentimento da branquitude em relação aos sujeitos negros que, em ato de resistência, conseguem modificar as microrrelações do poder ao ocuparem lugares que historicamente lhes foram negados, como o de projeção midiática e de boa condição financeira. Sobre as estratégias de resistência, conforme Foucault (2009, p. 235), “são uma oposição aos efeitos de poder relacionados ao saber, à competência e à qualificação: lutas contra os privilégios do saber, porém, são também uma oposição ao segredo, à deformação e às representações mistificadoras impostas às pessoas”.

Ao bailar durante as comemorações de seus gols, Vinícius Júnior resiste aos discursos racistas, ao desobedecer aos códigos de condutas morais que negam ao negro a liberdade de agir em conformidade com a sua história e cultura, o que desencadeia o ressentimento no outro. Observa-se que tais códigos, de forma excludente, aplicam-se somente a esses sujeitos, posto que outros atletas, como Cristiano Ronaldo, branco e europeu, não fora criticado pela grande mídia, quando dançou nas comemorações de gols, mas, de modo contrário, fez com que algumas músicas se tornassem *hits* mundiais ao bailá-las. Portanto, ao negar modos e condutas discursivamente constituídas no dispositivo de racialidade, o jogador demarca-se em posição de destaque e exalta suas tradições culturais.

Foucault (2009, p. 247) acrescenta que “o exercício do poder não é um fato bruto, um dado institucional, nem uma estrutura que se mantém ou se quebra: ele se elabora, se transforma, se organiza, se dota de procedimentos mais ou menos ajustados”. Dessa forma, ao passo que há resistência, o exercício de poder modifica-se para continuar operando. Nesse sentido, Foucault (2009, p. 248) considera que:

De fato, entre relação de poder e estratégia de luta, existe atração recíproca, encadeamento indefinido e inversão perpétua. A cada instante, a relação de poder pode tornar-se, e em certos pontos se torna, um confronto entre adversários. A cada instante também as relações de adversidade, numa sociedade, abrem espaço para o emprego de mecanismos de poder.

Por outro lado, Vinícius Júnior também se reconhece como sujeito de outras práticas discursivas. Ao não se subjetivar nos discursos racistas de incivilidade, primitividade, animalização e infantilização, há uma estratégia de resistência em exercício e, ao enunciar, denuncia, mostrando a posição ocupada. Em um vídeo publicado em resposta à fala de Bravo⁶³, o jogador disse que (SE27) *a felicidade de um preto, brasileiro, vitorioso na Europa, incomoda*. Dessa forma, posiciona-se frente ao racismo, ao destacar sua consciência em relação ao lugar que ocupa nessa relação de forças, de lutas. Nota-se, então, que a posição sujeito desse enunciado é de combate a

⁶³ No dia 16 de setembro de 2022, Vinicius Junior publicou um vídeo em que fez um pronunciamento após sofrer ataques racistas por parte do empresário Pedro Bravo. O vídeo pode ser visto em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6MB5HTtqwOs>>

práticas de exclusão pela cor da pele ou nacionalidade, portanto, de enfrentamento ao preconceito. Ao demarcar-se como homem preto, brasileiro, vitorioso e feliz, o orgulho, recorrente nos enunciados racistas, é materializado também no discurso de resistência.

Em outro momento do mesmo vídeo, Vinicius Junior acrescenta (SE28): *aceitem, respeitem, ou surtem, eu não vou parar*, subvertendo mais uma vez o funcionamento das relações de poder historicamente produzidas, ao ocupar a posição de um sujeito que ordena ao utilizar verbos no imperativo e por explicitar qual será sua conduta. Além disso, ao dizer que não interromperá suas danças, mostra que não se intimidou com as ofensas racistas, indicando mais uma vez que reconhece sua posição e tem ciência de sua representatividade para outros sujeitos negros. Por fim, o atleta declara (SE29): *eu trabalho*, colocando-se, assim, numa posição de sujeito que precisa confessar sobre si e provar-se merecedor de ocupar aquela posição. Isso é efeito dos discursos de inferiorização dos negros, que fazem com que os sujeitos excluídos precisem se reafirmar a todo momento, além dos princípios neoliberais que operam na constituição de sua subjetividade.

Vinicius Junior também enfatiza que atua em obras de caridade e que se preocupa com a educação, sobretudo das crianças e adolescentes negras e brasileiras para que estejam, como ele, prontas para combater o preconceito, mostrando mais uma vez que reconhece o seu lugar nas lutas antirracistas. Além disso, ao falar sobre si e exaltar suas qualidades, Vinicius Junior revela-se bem consigo mesmo e rebate o recalque, uma vez que devolve aos racistas as suas próprias inseguranças e sentimento de inferioridade, que foram projetados no atleta.

Desse modo as emoções em discurso, principalmente o orgulho, possibilitam o aparecimento dos enunciados de resistência, que podem se apropriar de materialidades racistas, ressignificando-as. Ao falar sobre si e afirmar-se em determinada posição, negando os comportamentos cristalizados nos discursos racistas, o sujeito, em ato subversivo, modifica as estruturas da relação de poder.

Diante disso, as análises realizadas neste capítulo complementaram as discussões propostas neste trabalho: descrever as relações de poder e saber que acompanham a participação do homem negro brasileiro no futebol, possibilitando visualizar os modos de reativação e apropriação dos discursos racistas nas práticas neoliberais. Além disso, foi possível compreender os modos em que as emoções são determinantes nas produções discursivas e como os enunciados funcionam como mecanismos do poder que visam despertar sentimentos nos sujeitos para a condução de suas condutas e a produção de corpos dóceis.

Desse modo, neste capítulo explorei de forma abrangente como o neoliberalismo se apropria e reativa discursos racistas para objetivar o futebolista negro brasileiro, utilizando a perspectiva dos

estudos discursivos de Michel Foucault. Observei que, ao correlacionar essas práticas racistas na racionalidade neoliberal, as relações de poder atuais não apenas materializam desigualdades históricas, mas também modificam a visibilidade e o papel dos atletas negros no cenário do futebol. A análise revelou que o neoliberalismo não é apenas um campo econômico, mas também uma racionalidade, um campo que opera para a ativação e apropriação de discursos racistas que cristalizam saberes relacionados à percepção pública e institucional dos jogadores negros, produzindo novas formas de objetivação e controle de condutas.

Além disso, ao adentrarmos no campo das emoções, pude compreender como os discursos afetivos moldam os enunciados racistas e contribuem para o silenciamento de sujeitos historicamente inferiorizados, ao mesmo tempo em que podem determinar o aparecimento de estratégias de resistência. As emoções, enquanto elementos discursivos, revelam a profundidade das relações de poder e as formas sutis através das quais o racismo se mantém vigente. Assim, este capítulo não apenas descreve as relações entre discurso, poder e raça no futebol, mas também destaca os modos como as emoções, em uma racionalidade neoliberal, funcionam como estratégias discursivas que conduzem condutas e constituem subjetividades.

Dessa forma, as emoções funcionam como fatores determinantes na produção de discursos e também na constituição de subjetividades, pois, como demonstrado nas análises, os discursos materializam marcas emotivas daquele que enuncia, mas também agem para propiciar emoções no Outro, para assim conduzir suas condutas. Contudo, podem também ser determinantes nas práticas de resistência, fazendo com que o indivíduo não se reconheça nos discursos em que é subjetivado.

Portanto, a hipótese apresentada na fase inicial deste estudo se confirmou no desenvolvimento das análises e debates teóricos. Como demonstrado, as relações de poder que se exercem no futebol produz efeitos sobre as subjetividades dos futebolistas brasileiros negros, conduzindo suas condutas para mantê-los em posições de inferioridade e subserviência. As práticas discursivas e não-discursivas indicam que se trata de um ambiente em que homens negros adentram, constroem carreiras, vitórias, dinheiro, mas são constantemente silenciados, e conduzidos para este espaço em que a visibilidade seja anulada e o exercício das estratégias de resistência seja dificultado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da apresentação e da discussão dos conceitos foucaultianos e de outros estudiosos mobilizados neste trabalho, pude descrever as relações de saber e poder que acompanham a participação do atleta negro brasileiro no futebol. Desse modo, as problematizações propostas possibilitaram identificar os elementos que dão condições à emergência e à permanência do racismo na referida modalidade esportiva. Nesta direção, os objetivos desta pesquisa puderam ser alcançados por meio das análises discursivas.

Os procedimentos teóricos e analíticos utilizados para o desenvolvimento dessa pesquisa centraram-se nos estudos arqueogenealógicos de Michel Foucault. Nesse sentido, mobilizei enunciados e realizei análises discursivas para descrever a historicidade dos saberes constituídos por meio dos discursos e materializadas nos enunciados. Também discuti as relações de poder em que estão inseridos os sujeitos, mostrando os modos de produção de subjetividade e as estratégias de dominação, luta, condução e resistência. O *corpus* desta pesquisa foi delimitado por meio das relações entre os enunciados que recuperam coisas ditas no presente por meio de outros ditos que estavam, talvez, adormecidos.

Ao problematizar as práticas discursivas racistas que tomam como objeto o futebolista brasileiro negro, pude identificar quatro regularidades visualizadas em enunciados que emergiram em diferentes momentos do exercício do futebol no Brasil. Para isso, apoiei-me nos estudos realizados por Kilomba (2019) que descreve o que ela nomeia como formas de manifestação do racismo, entre as quais estão animalização, incivilidade, primitividade e infantilização das pessoas negras. A identificação dessas regularidades aconteceu por meio de análises de diferentes enunciados que pertencem a uma mesma rede enunciativa.

A descrição destas regularidades possibilitam visualizar os modos de ação dos mecanismos de poder que agem para a inferiorização do homem negro e manutenção de sua subserviência. Neste contexto, os discursos racistas de animalização perpetuam as práticas de desumanização desses sujeitos, instaurando sistemas de diferenciação que os demarcam como a face negativa dos homens brancos e funcionando, assim, como uma pretensa justificativa para os atos excludentes. Essa é uma regularidade discursiva que possui condições de possibilidades que inclui elementos que estão para além do futebol, relacionados à constituição das sociedades e à historicidade das relações de poder.

Os mecanismos de poder que perpassam pelos enunciados de incivilidade dos jogadores negros geram efeitos que reforçam saberes discursivamente construídos que demarcam o homem negro como aquele que é incapaz de viver em grupo e, deste modo, deve ser eliminado, pois seus desvios de conduta ocasionam problemas que ferem o desenvolvimento coletivo ou social. Além

disso, resgatam o que é relacionado à cultura afro-brasileira e considerado como inadequado, impróprio ou até mesmo amaldiçoado, como as religiões de matrizes africanas, ocasionando o silenciamento dessas expressões culturais, pois o atleta é estimulado a se adequar às normas vigentes para permanecer ali. Assim, correlaciona-se, no interior de muitos enunciados, por meio de positivities, a discurso de moral, comportamento e religiosidade.

De formas semelhantes, os enunciados de primitividade demarcam o homem negro como atrasado, inapto e desprovido de conhecimentos e saberes básicos que o possibilitariam obter um melhor desenvolvimento e desempenho, segundo esses discursos. Por conseguinte, a ele são associadas virtudes interessantes para o futebol, como força física, mas são desconsideradas quaisquer outras habilidades que possuem, como conhecimentos matemáticos, artísticos etc. Nesse sentido, são reforçados saberes que direcionam o futebol como possibilidade única de sucesso para meninos e homens negros. Essa prática funciona como meio de condução de condutas para que essas pessoas se adéquem perante condições degradantes e se reconheçam nesses discursos.

A descrição das práticas discursivas de infantilização possibilitou visualizar os modos de inferiorização do homem negro por meio da descredibilização de suas condutas, associando-as à falta de maturidade e preparo para lidar com os benefícios proporcionados por seu trabalho. A infantilização funciona, assim, como uma ferramenta essencial para a garantia dos princípios neoliberais. Após a identificação das quatro regularidades, pude constatar que há, no futebol, um conjunto de estratégias que se exercem para a manutenção dos negros em posições de subserviência, visando impossibilitar modificações na estrutura das relações de poder por meio da invisibilidade e silenciamento desses sujeitos, para que o que seja visto sobre eles, seja somente aquilo que é dito nos discursos hegemônicos.

Diante disso, foi possível descrever os processos de produção de subjetividade dos futebolistas brasileiros negros, tanto por subjetivação quanto por objetivação. De tal modo, os discursos racistas de infantilização, incivilidade, primitividade e animalização tomam os atletas negros como objeto das práticas discursivas, já que aquilo que se enuncia não é o que eles falam sobre si, mas o que o sujeito enunciator tem discursivamente construído sobre eles. A subjetivação é um encontro pessoal do indivíduo com o discurso, em que ele se reconhece e se torna sujeito. Assim, eles podem se subjetivar nos discursos em que são objetivados, mas podem também não passar por esse processo.

Além disso, por meio da problematização dos discursos racistas, cheguei à descrição do funcionamento do dispositivo de racialidade no futebol. Para isso, os estudos de Carneiro (2022) foram de extrema importância, pois propiciaram a compreensão dos elementos que funcionam como condições de possibilidade para a emergência dos enunciados analisados. O dispositivo de

racialidade é constituído pelos discursos racistas já descritos aqui, por instituições, Estado, práticas disciplinares, símbolos e outros discursos como religioso, neoliberal, moral, de comportamento e as emoções.

Em relação ao futebolista negro brasileiro, o dispositivo de racialidade opera para produzir subjetividades e conduzir corpos e condutas que se reconheçam nos discursos racistas e se adéquem ao que é discursivamente constituído como comportamento ideal para esses sujeitos. Os fins últimos de sua ação é o silenciamento dos homens negros, o apagamento da cultura afro-brasileira e a manutenção destes como inferiores socialmente. Isso possibilitou a visualização do embricamento mútuo entre poder e resistência, sendo que a última se exerce por sujeitos objetivados nos discursos da branquitude, que lutam para garantir a existência de suas subjetividades. A compreensão dos modos como o dispositivo de racialidade atua na condução de condutas dos atletas negros foi fundamental para o prosseguimento das análises, pois seus elementos ajudaram na visualização de outros dispositivos e discursos que se aliam àqueles na emergência dos enunciados analisados.

A partir da identificação das regularidades discursivas, foi possível destacar e descrever as formas de dizibilidade, conservação, memória, reativação e apropriação dos enunciados racistas. Nas análises, descrevi os arquivos que possibilitam que tais enunciados apareçam e permaneçam presentes no futebol. Para isso, foram correlacionados em séries enunciativas nas quais foram identificados os elementos discursivos e não discursivos, constituídos em diferentes épocas, que se relacionam e fazem com que discursos sejam materializados e circulem em nosso tempo e lugar. Essa historicidade discursiva é o que mostra quem são os sujeitos e sob quais condições suas subjetividades são constituídas.

Ademais, os enunciados são conservados em um domínio de memória que possibilita que reapareçam e que sejam apropriados. Esses discursos são conservados por meio dessas condições históricas de possibilidade, mas também porque a rede enunciativa permanece gerando outros enunciados, mantendo-se ativa. Com o aparecimento ou ascensão de novos elementos, eles podem ser reativados e apropriados, e as análises demonstraram os modos como os princípios neoliberais, discursivamente produzidos, operam nos enunciados racistas, possibilitando o exercício de outras estratégias de poder.

Por meio destes procedimentos analíticos, a rede enunciativa foi desemaranhada, explicitando os enunciados racistas de objetivação do atleta negro brasileiro no futebol que se fazem presentes no cotidiano das práticas futebolísticas. Nesse sentido, as análises demonstraram que pertencem a esta rede, enunciados religiosos, neoliberais, de exacerbação de si, de moral e comportamento. Isso demonstra a dispersão dos enunciados em diferentes discursos que vão se relacionar no interior do dispositivo de racialidade e agir como meio de guiar os sujeitos.

As análises realizadas no Capítulo III tornaram visíveis, desse modo, as formas em que o neoliberalismo, enquanto racionalidade, opera com efeitos de poder que acrescentam novos elementos às relações de enfrentamento, pois os princípios de meritocracia, competitividade, eficácia, desempenho e individualismo agem sobre as subjetividades dos sujeitos constituindo-os conforme esses discursos. Além disso, as práticas de controle e vigilância em relação aos jogadores negros são potencializadas, pois o valor que pretensamente fará deles mercedores de estarem ali estão atrelados aos resultados esportivos e financeiros. Contudo, as análises demonstraram que, ainda que tenham ótimos desempenho e produtividade, serão inferiorizados, pois o poder opera para mantê-los em tal posição.

As análises e problematizações propostas e realizadas neste trabalho abrem margem para um estudo futuro que poderá ser executado por meio de uma tese de doutorado. Desse modo, pretendo desenvolver pesquisas para descrever de forma mais detalhada as estratégias de resistência dos jogadores negros de futebol em oposição aos efeitos de poder que os silenciam e deformam as representações. Também é importante analisar aqueles enunciados que são capturados por discursos de exclusão racial e não constituem de fato resistência.

Em relação a este trabalho, considero, por fim, que as análises realizadas possibilitaram compreender as relações de poder e resistência e descrever os saberes discursivos que acompanham a participação do homem negro brasileiro no futebol, constituindo um estudo arqueogenealógico. Dessa forma, as regularidades encontradas apontam para relações em que o poder se exerce sobre os sujeitos excluídos para a manutenção de sua inferioridade. Portanto, o esporte, que inicialmente não permitia a adesão de homens negros e posteriormente consagrou um deles como o “Rei”, segue como um espaço em que emergem e permanecem práticas discursiva racistas.

Referências

BAKHTIN, M. Arte e Responsabilidade. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRAGA, Amanda Batista. História da beleza negra no Brasil: discurso, corpos e práticas. São Carlos: EduFSCAR, 2015.

BROMBERGER, Christian. Paixões esportivas. In: (Orgs) CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. Tradução de Maria Ferreira. História das emoções 3: Do final do século XIX até hoje - Petrópolis, Rj: Vozes, 2020.

BROWN, Wendy. O Frankenstein do neoliberalismo – liberdade autoritária nas ‘democracias’ do século XXI. In: RAGO, Margareth; PELEGRINI, Maurício (Org.). **Neoliberalismo, Feminismo e Contracondutas**: Perspectivas Foucaultianas. São Paulo: Intermeios, 2019, p. 17-49.

CARNEIRO, Sueli. Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARNEIRO, Sueli. Gilx Araújo. Mano Brown Recebe Sueli Carneiro no Mano a Mano Podcast. Youtube, junho 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6w785nHhM_c>

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. História das Emoções: 1. Da Antiguidade às Luzes. Tradução de Francisco Morás - Petrópolis, Rj: Vozes, 2020.

COURTINE, J.-J. Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos. EdUFSCAR, 2014.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A Nova ação do Mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016 .

DELEUZE, G. (1992). Conversações. Editora 34

DELEUZE, G. Michel Foucault: o poder. Tradução de Mário A. Marino, De Iracy Ferreira dos Santos Junior. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2020

FERNANDES, Cleudemar Alves. Poder e argumentação: o discurso religioso no político. In: Júnior, Antônio Fernandes. Stafuzza, Grenissa Bovino. Discursividades contemporâneas: política, corpo, diálogo. Campinas: Mercado de Letras, 2017.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Análise do discurso: reflexões introdutórias. 2.ed. São Carlos: Claraluz, 2008.

FILHO, Mário. O negro no futebol brasileiro. Mauad X, 2010.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Tradução Luis Felipe Baeta Neves (2a ed). Forense —Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. O Nascimento da biopolítica. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: H. L. Dreyfus, & P. Rabinow, Uma trajetória Filosófica. Para além do humanismo e da hermenêutica (2ª ed.), Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Trad. Maria Lúcia de Arruda Aranha. São Paulo: Ed. Loyola, 2010.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade – Volume 1: A Vontade de Saber*. Trad. Dora Flamarion e Sergio Flamarion. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Trad. Mário A. Teixeira e Pedro G. R. Santiago. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014b.

HAROCHE, C. Elementos para uma antropologia política do ressentimento: laços emocionais e processos políticos. In: S. Bresciani, & M. Naxara, Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível. Editora da Unicamp, 2001.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

Observatório Racial do futebol, 2022. Disponível em <<https://observatorioracialfutebol.com.br/>> . Acesso em: 08 de junho de 2023.

REVEL, Judith. Michel Foucault: conceitos essenciais. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos, SP: Claraluz, 2005.

SILVA. G. F. MACHADO JÚNIOR. S.S. A construção do sujeito em Michel Foucault. *Entreletras*, Araguaína/TO, v.7, n.1, jan /jun. 2016.

STAFUZZA, Grenissa Bovino. Dos diálogos de Ulisses, de James Joyce: o discurso religioso católico carna-valizado na literatura joyciana. In: E. L. PIRIS, I. C. M. de Azevedo (Org.). *Discurso e argumentação: fotografias interdisciplinares* (vol. 1, 1ª ed) (pp. 199-215). Grácio Editor. 2018.